

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL (PUCRS)  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**CURSO PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**DÁRIO SCHNEIDER**

**TRADIÇÃO JESUÍTICA: EDUCAÇÃO, IDENTIDADE E SENTIMENTO DE  
PERTENCIMENTO EM UMA HISTÓRIA DE VIDA NO COLÉGIO ANCHIETA**

**PORTO ALEGRE**

**2013**

**DÁRIO SCHNEIDER**

**TRADIÇÃO JESUÍTICA: EDUCAÇÃO, IDENTIDADE E SENTIMENTO DE  
PERTENCIMENTO EM UMA HISTÓRIA DE VIDA NO COLÉGIO ANCHIETA**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre em  
Educação, pelo Programa de Pós-Graduação  
da Faculdade de Educação da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profª Drª Bettina Steren dos Santos

**PORTO ALEGRE**

**2013**

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S359t	Schneider, Dário. Tradição jesuítica : educação, identidade e sentimento de pertencimento em uma história de vida do Colégio Anchieta / Dário Schneider. – 2013. 122 f. ; 29 cm.  Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Orientadora: Profª Drª Bettina Steren dos Santos.  1. Educação. 2. Pedagogia inaciana. 3. Espiritualidade. 4. Narrativa. 5. História de vida. I. Título. II. Santos, Bettina Steren dos.  CDD 377.82
-------	--

Bibliotecária Responsável  
Deisi Hauenstein CRB-10/1479

**DÁRIO SCHNEIDER**

**TRADIÇÃO JESUÍTICA: EDUCAÇÃO, IDENTIDADE E SENTIMENTO DE  
PERTENCIMENTO EM UMA HISTÓRIA DE VIDA NO COLÉGIO ANCHIETA**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre em  
Educação, pelo Programa de Pós-Graduação  
da Faculdade de Educação da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA

Porto Alegre, 07 de Janeiro de 2013

BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Bettina Steren dos Santos (PUCRS)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Helena Menna Barreto Abrahão (PUCRS)

---

Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera (PUCRS)

---

Prof. Dr<sup>a</sup> Cecília Irene Osowski (UFRGS)

Dedico esta dissertação à minha esposa, Ana Claudia Klein, professora e jornalista, pelos ensinamentos, encantamento e pelo amor que se renova a cada conquista em nossa história de vida.

Ao professor Fernando Meyer, pela história de vida partilhada como educador inaciano.

A todos os educadores do Colégio Anchieta que acreditam no ser humano e na força (trans)formadora do processo de ensino e de aprendizagem, tendo a Pedagogia Inaciana como inspiração. Pela alegria e dedicação, buscando atualizar a consigna inaciana:

*“o amor se traduz mais em obras que em palavras!” e  
“não é o muito saber que sacia e satisfaz o coração humano,  
mas o sentir e saborear profundamente todas as coisas!”*

## AGRADECIMENTOS

Ao encerrar este trabalho e olhar para a história de sua produção, invade-me o sentimento de gratidão.

Estudei, aprendi e produzi intensamente nestes dois anos, construindo esta dissertação. E tudo isso só foi possível por um conjunto de pessoas e circunstâncias às quais devo meu muito obrigado:

à minha orientadora, Professora Doutora Bettina Steren dos Santos, pela sua competência no seu fazer pedagógico;

à Equipe de Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS, pela acolhida afetiva, que criou o ambiente propício ao meu crescimento;

ao Colégio Anchieta, à sua direção, aos colegas, em especial ao professor Fernando Meyer, objeto desta dissertação: pela confiança e apoio em mim depositados;

aos entrevistados, pela disponibilidade em contribuir com as informações que possibilitaram a visualização da teoria na prática;

à minha esposa, Ana Claudia Klein, que, com sua leitura e revisão crítica, contribuiu de maneira efetiva e afetiva, com cuidado e carinho, enfim, por tudo o que representa na minha vida;

à Companhia de Jesus, que por muitos anos me acolheu e me proporcionou a formação teórica e humana que constitui a minha história de vida como verdadeira experiência (trans)formadora;

a Deus, pela sua infinita bondade em colocar todas essas pessoas em meu caminho, para que com elas pudesse realizar meu sonho!



## **ORAÇÃO DE SANTO INÁCIO**

Tomai Senhor e recebei toda minha liberdade e a minha memória também.

O meu entendimento e toda a minha vontade.

Tudo o que tenho e possuo Vós me destes com amor.

Todos os dons que me destes com gratidão vos devolvo.

Disponde deles Senhor, segundo a vossa vontade.

Dai-me somente o vosso amor, vossa graça.

Isso me basta, nada mais quero pedir.

## RESUMO

Esta dissertação apresenta as reflexões sobre a tradição educativa da Companhia de Jesus e a constituição da Pedagogia Inaciana imbricadas na história de vida do professor Fernando Meyer, ex-aluno do Colégio Anchieta de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, como educando e hoje como educador. Busquei destacar a importância da formação do sujeito a partir de uma (auto)biografia entendida como história de vida e suas imbricações com a (trans)formação do educador. Realizei a pesquisa de cunho qualitativo, trabalhando com a análise de narrativa, por meio de entrevistas, estudo de documentos, fotos e observações da prática do professor. Tudo isso foi pautado pelo problema de pesquisa: *é possível observar se, na contemporaneidade, a tradição jesuítica, tão solidamente construída, continua perpassando e se concretizando em identidade e pertencimento, em atitudes e posturas dos colaboradores do Colégio Anchieta através do estudo de uma autobiografia de vida?* Enquanto educador inaciano, como (trans)formador a partir da sua prática, Fernando tem sua essência de vida inspirada no exemplo de empreendedorismo e ousadia de Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus. O principal objetivo do presente trabalho é *visibilizar a tradição jesuítica em educação: a identidade e o sentimento de pertencimento à missão, com seus princípios e valores e o processo de (trans)formação do educador numa instituição como o Colégio Anchieta, na contemporaneidade, através de uma história de vida.* Trata-se de revelar, à luz da Pedagogia Inaciana, que a educação é um campo fértil para a (auto)formação, trazendo a capacidade de (trans)formar as pessoas. Daí o exemplo de Fernando, que, tocado pela Pedagogia Inaciana que inundava a alma de seus formadores jesuítas, tornou-se, na qualidade de professor leigo, acrescido de suas qualidades pessoais, um multiplicador genuíno. Conseguiu cativar, incentivar e, mais, servir de modelo para centenas de jovens que, ao viver a experiência da paixão pelo conhecimento científico, fizeram as suas escolhas profissionais com mais discernimento.

**Palavras-chave:** Pedagogia Inaciana. Espiritualidade. Educação. Narrativa. História de vida.

## **ABSTRACT**

This dissertation presents reflections on the educational tradition of the Society of Jesus and the establishment of Ignatian Pedagogy intertwined in the life story of Professor Fernando Meyer, a former student of the College of Anchieta Porto Alegre, Rio Grande do Sul, as student and as an educator today. Sought to highlight the importance of the formation of the subject through an (auto) biography understood as life history and their overlaps with the (trans) formation of the educator. I conducted a qualitative research working with narrative analysis, through interviews, study of documents, photos and observations of teacher practice. All this guided by research problem: it is possible to observe whether the contemporary Jesuit tradition, so solidly built, and continues to solidify perpassando on identity and belonging in employees' attitudes and postures of the College Anchieta through the study of an autobiography of life? While Ignatian educator as (trans) forming from its practice Fernando has essence of life inspired by the example of entrepreneurship and boldness of St. Ignatius of Loyola, founder of the Society of Jesus. The main objective of this work is to visualize the Jesuit tradition in education: identity and sense of belonging to the mission, with its principles and values and the process of (trans) formation of the educator in an institution like the College Anchieta, in the present, through a history of life. It is revealing in light of Ignatian Pedagogy, education is a fertile field for (self) training, bringing the capacity of (trans) form people. Hence the example of Ferdinand touched by Ignatian pedagogy that flooded the soul of his trainers Jesuits, became, as lay teacher, plus his personal qualities, a multiplier genuine. Managed to attract, encourage and further serve as a model for hundreds of young people, to live the experience of the passion for scientific knowledge, made their career choices with more discernment.

**Keywords:** Ignatian pedagogy. Spirituality. Education. Narrative. Life history.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem de Santo Inácio de Loyola da Gruta de Manresa, Espanha.....	13
Figura 2 – Vista aérea do Colégio Anchieta.....	13
Figura 3 – Retrato do professor Fenando no ambiente do Museu: um olhar inspirador .....	18
Figura 4 –Quadro dos professores do Colégio Anchieta década de 50 .....	622
Figura 5 – Sala de aula do Prof. Fernando da 1ª turma de alunos do 3º Ano Primário do ano de 1958 .....	51
Figura 6 – Professor Fernando com Padre Pio Buck.....	52
Figura 7 – Foto da turma de alunos Colégio Anchieta do ano de 1948 com professor Fenando .....	66
Figura 8 – Foto do Pe. Pio, P. Henrique Aloisio Pauquet e professor Fernando .....	71
Figura 9 – Foto de Fernando Meyer no ano de 1944 .....	77
Figura 10 – Reunião com Cylon Estivalet e Martin Sander, da Unisinos, na sede do Museu. ....	82
Figura 11 – Foto do professor Fernando em acampamento, Pareci Novo, RS, 1960.....	87
Figura 12 – Foto da turma de 3º ano em aula no Museu .....	88
Figura 13 – Foto de Fernando com Delvino Algieri, ex-professor, e Alexandre Algieri, ex-aluno, hoje pai de aluno .....	93
Figura 14 – Foto do aluno Sacha, ladeado pelos professores Fernando e Sílvia.....	98
Figura 15 – Foto do professor Fernando com Raul Regadas .....	99
Figura 16 – Foto da família .....	105
Figura 17 – Foto de um momento marcante na vida de Fernando com o Pe. Armando Marocco, SJ .....	109

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição de alunos em cada etapa de ensino .....	58
Quadro 2 – Dos entrevistados.....	70
Quadro 3 – Escolas atendidas no Museu pela Equipe durante o ano de 2011 .....	101

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição de alunos em cada etapa de ensino .....	59
Tabela 2 – Distribuição dos professores de 6 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup> série e Ensino Médio por tempo de serviço no Colégio. ....	59
Tabela 3 – Distribuição dos professores de 1 <sup>o</sup> ao 5 <sup>o</sup> ano e Ensino Fundamental I por tempo de serviço no Colégio. ....	58
Tabela 4 – Distribuição dos professores da Educação Infantil por tempo de serviço no Colégio. ....	59
Tabela 5 – Distribuição de Setores e serviços por tempo de serviço no Colégio .....	59

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b> .....	14
<b>2 TRADIÇÃO JESUÍTA: IDEAL DE VIDA, MISSÃO E EDUCAÇÃO)</b> .....	21
2.1 COMPANHIA DE JESUS: UM OLHAR ALÉM-FRONTEIRAS EM UM PROCESSO DE (TRANS)FORMAÇÃO .....	30
2.2 <i>RATIO</i> , UM CÓDIGO PEDAGÓGICO DE VIDA .....	35
<b>3 INÁCIO DE LOYOLA: HISTÓRIA COMO LEGADO</b> .....	41
3.1 ABANDONO, CONFIANÇA E DESCOBERTAS .....	41
3.2 INÁCIO DE LOYOLA, ATRAÍDO POR DEUS EM FAZER O BEM.....	43
3.3 INÁCIO DE LOYOLA, ATRAÍDO PARA CRISTO.....	44
3.4 INÁCIO DE LOYOLA, UM MÍSTICO QUE SERVE.....	45
3.5 INÁCIO DE LOYOLA, HOMEM DE DISCERNIMENTO .....	46
3.6 INÁCIO DE LOYOLA, HOMEM DO SEU TEMPO .....	46
3.7 REFLETINDO SOBRE O PARADIGMA DA PEDAGOGIA INACIANA: UMA PROPOSTA PRÁTICA.....	47
<b>4 DELINEANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA</b> .....	51
4.1 CENÁRIO DA PESQUISA: O COLÉGIO ANCHIETA .....	51
<b>4.1.1 Proposta educacional</b> .....	<b>55</b>
<b>4.1.2 Princípios de convivência</b> .....	<b>56</b>
4.2 METODOLOGIA: TRAÇANDO CAMINHOS .....	60
4.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	65
4.4 SUJEITOS DA PESQUISA .....	71
4.5 ANÁLISE.....	71
<b>5 HISTÓRIA DE VIDA: UM ENCONTRO COM A HISTÓRIA DO PROFESSOR FERNANDO MEYER</b> .....	75
5.1 FERNANDO: MENINO .....	76
5.2 FERNANDO: MONITOR.....	80
5.3 FERNANDO: GESTOR.....	83
5.4 FERNANDO: EDUCADOR INACIANO .....	90
5.5 FERNANDO: TRADIÇÃO JESUÍTA E PROCESSO DE (TRANS)FORMAÇÃO .....	100
5.6 FERNANDO: IDENTIDADE E PERTENCIMENTO .....	108
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	113

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	117
<b>APÊNDICE</b> - ENTREVISTA DADA PELO PE. JOÃO ROQUE ROHR AO PROF. DÁRIO SCHNEIDER SOBRE O PROF. FERNANDO RODRIGUES MEYER .....	120
<b>ANEXO</b> - MENSAGEM RAUL REGADAS AO PROFESSOR FERNANDO.....	125

**Figura 1 – Imagem de Santo Inácio de Loyola da Gruta de Manresa, Espanha**



Fonte: Cedida pelo Colégio Anchieta

**Figura 2 – Vista aérea do Colégio Anchieta**



Fonte: Cedida pelo Colégio Anchieta



## 1 APRESENTAÇÃO

A familiaridade com a história da Companhia de Jesus e a admiração pela sua missão evangelizadora vêm de berço em minha vida. Ao abordar a tradição da Companhia de Jesus em Educação, assim como o entrelaçamento do paradigma da Pedagogia Inaciana com a minha prática profissional, faço uma reflexão sobre o capital intelectual que se constitui de princípios e valores de vida imensuráveis.

A minha proximidade com a Pedagogia Inaciana começou ainda quando era muito jovem: aos 21 anos entrei para a Companhia de Jesus, na qualidade de estudante seminarista. Naquela caminhada, professei os votos, tornando-me um irmão jesuíta. Nos 15 anos seguintes, atuando como membro da Ordem dos Jesuítas, aprendi muito, conciliando estudo e trabalho sempre focado na educação. Ao deixar a Companhia de Jesus, após muita reflexão e discernimento, acabei fazendo a opção pela vida leiga. Foi quando percebi a real dimensão da Companhia de Jesus e da Pedagogia Inaciana, traduzidas para o mundo do trabalho, o qual eu passava a integrar de uma nova forma a partir daquele momento. Tudo isso me inspirou a contínuas inquietações e múltiplos olhares, pois tinha o viés religioso, e agora leigo também. Passou a me encantar o efeito que a cultura daquela instituição, o Colégio Anchieta, imprimia nas pessoas. Senti a necessidade de buscar uma explicação científica para o que acontecia, quando decidi, a partir de meus estudos já realizados, olhar para a história de vida de um dos colaboradores mais antigos da instituição, leigo como eu naquele momento, mas com a marca jesuíta muito presente em seu ser e seu agir.

O estudo que realizei no desenvolvimento desta dissertação de mestrado foi se constituindo de forma muito natural ao resgatar a tradição dos Jesuítas em educação e ao olhar para o ambiente do Colégio Anchieta, onde trabalho desde o ano 2000, em especial para o Professor Fernando Meyer, como luzeiros que continuam a brilhar. Ao longo de todo o processo, tive o cuidado de cultivar a curiosidade, mantendo a motivação para desenvolver um projeto de pesquisa capaz de apontar o humano no processo de uma investigação científica com sustentação acadêmica, permeada pela minha experiência e pelo desejo em conhecer em maior profundidade a Pedagogia Inaciana. Busco reconhecer em minha inserção nela, a partir da pesquisa da história de vida de um dos professores do Colégio Anchieta, de sua postura como pessoa e como profissional, a identidade e o pertencimento em um processo de (trans)formação.

Contextualizar essa temática na contemporaneidade, ano de 2012, requer que se faça um resgate dos princípios e valores da educação jesuíta para perceber de que maneira ela pode

contribuir para a construção da identidade e do pertencimento aos valores propostos pela Pedagogia Inaciana<sup>1</sup>. A Pedagogia Inaciana é um império educacional pela sua tradição em educação e pelos exemplos de milhares de histórias de vida de alunos, professores e colaboradores das instituições educativas por ela (trans)formadas.

Acredito que a escolha da pesquisa, pelo método da narrativa qualitativa da história de vida do professor Fernando, esteve imbricada com a minha vivência enquanto educador inaciano. O processo de formação em uma obra educacional da Companhia de Jesus – uma proposta prática – e minha experiência (como jesuíta por 15 anos e, hoje, como leigo) na instituição muito me subjetivaram e ajudaram no meu processo de desenvolvimento.

Atualmente, na qualidade de coordenador de ensino do Colégio Anchieta, sinto-me ainda mais desafiado pelo tema e comprometido com ele. Ao olhar para essa trajetória dos 123 anos do Colégio, em Porto Alegre, vejo nela a história de vida de um de seus educadores. Fernando Meyer: curioso, afetivo, com profundo amor às pessoas e à natureza, viveu e continua cultivando os princípios e valores da educação jesuíta. Vejo também as histórias do Beato José de Anchieta, padroeiro do Colégio, que, com simplicidade, mas muita determinação, foi capaz de obras grandiosas como, por exemplo, a fundação de São Paulo, maior cidade da América Latina. Consigo também vislumbrar a presença de Santo Inácio de Loyola, que corajosamente instituiu a Companhia de Jesus, entendendo a educação como a principal ferramenta para a conversão e conscientização dos povos.

Assim, conhecendo essas três histórias de vida vinculadas em tempos e espaços diversos, dou-me conta de que existe uma linha a uni-las, linha essa que permanece a conectar outras vidas na contemporaneidade em busca da transformação pessoal e da sociedade. Olhar para as três pessoas em destaque nesse itinerário histórico dá sentido e significado para continuar a olhar para a educação proposta pela Companhia de Jesus como fonte de vida e (trans)formação.

Esta solidez da Companhia de Jesus, através da estruturação da sua espiritualidade e carisma são recursos e instrumentos de (trans)formação presentes nessa narrativa. A crise existencial na vida de muitas pessoas e os desafios pelos quais passa a educação na contemporaneidade podem ser iluminados pela história e experiência de pessoas como Inácio de Loyola ou professor Fernando Meyer que se tornaram referência.

---

<sup>1</sup> Pedagogia Inaciana – Sistema Pedagógico da Companhia de Jesus, também conhecido como Paradigma Pedagógico Inaciano, que unifica e concretiza os princípios enunciados nas Características da Educação da Companhia de Jesus. Em sua origem, tem a *Ratio Studiorum*, de 1556, e inspiração dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, 1540. (MIRANDA, Margarida. Código Pedagógico dos Jesuítas *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus. Regime Escola e Curriculum de Estudos, Edição Bilingue Latim-Português. Lisboa, Esfera do Caos, 2009.)

O projeto educativo e o modelo de vida apoiado na excelência humana e acadêmica é uma convergência do humano com o divino em busca de sentido e significado. É através dessa marca histórica e dessa missão educativa dos Jesuítas, de seus princípios e valores que se constitui a identidade e pertencimento em uma história de vida. Nesse sentido, refletir sobre a tradição da Companhia de Jesus em educação, sua história e desafios, seus encantos e desencantos é uma busca constante para construir o espaço onde a essência da vida desperta e se eterniza.

Considerando que a história das instituições educacionais é uma metanarrativa constituída a partir de um projeto e de muitas histórias de vida, fiz a opção de debruçar-me nessa dissertação sobre a narrativa da (auto)biografia do professor Fernando Meyer (13/10/1937), do Colégio Anchieta: ex-aluno, ex-professor e atual diretor do Museu Anchieta de Ciências Naturais.

A pergunta inicial que cabe responder é “Por que Fernando Meyer?”. De pronto, pode-se sinalizar que a escolha por ele está atrelada ao seu tempo de serviço, pois são 54 anos dedicados ao Colégio Anchieta. Também está vinculada à proximidade dele com os jesuítas e sua Missão desde menino, à sua identificação como educador com a proposta da Pedagogia Inaciana e ao seu zelo pela natureza, que se traduz no cuidado e carinho para com as pessoas, principalmente para com as crianças. Além destes aspectos, destaco que a escolha por este profissional também se deu em virtude de seu trabalho no Museu, que na sua gestão ganha vida e influencia as escolhas profissionais de muitos jovens.

Ao olhar para a construção ainda abstrata de meu trabalho, lendo diferentes autores sobre histórias de vida, buscando aprofundar conceitos epistemológicos das análises autobiográficas, fui aos poucos chegando à pessoa do professor Fernando, com o qual convivo em meu espaço de trabalho. A legitimidade da escolha por Fernando se deu ao constatar, em primeiro lugar, o tempo que o aproxima dos jesuítas. Ele começou como estudante no Colégio Anchieta, em Porto Alegre, em 1947, aos 10 anos de idade, cursando a 4ª série ginásial. Em 1947 foi escolhido como monitor do fundador do Museu Anchieta, Pe. Pio Buck. Em 1958, começou a lecionar para as turmas do 3º ano do Ensino Médio – Segundo Grau da época; de lá para cá, nunca mais deixou o Colégio, e lá se vão décadas.

Mas, tendo a dúvida – se na contemporaneidade a tradição da Companhia de Jesus em educação continua a gerar identidade e pertencimento em uma história de vida no Colégio Anchieta – a me acompanhar na investigação, passei a supor que talvez o tempo somente fosse insuficiente para legitimar uma caminhada. Busquei, então, conhecer melhor os feitos do professor Fernando Meyer, sua trajetória, suas conquistas, sua rotina, seu ser pessoa em

seu sentido e significado frente aos milhares de alunos que passaram por ele e foram impactados pela Pedagogia Inaciana, pela vivência e experiência de ensino e aprendizagem no Colégio Anchieta e, em especial, pelo gosto por Ciências e pelo seu testemunho de vida. A imbricação da pessoa do professor Fernando marca esse contexto do Museu de Ciências Naturais, referência na área em nível nacional, e o ambiente em sua organização, competência, alegria, atitude esta marcada pela sua história ali organizada e desse ambiente impregnada. O Museu tem cheiro de vida, de história. Ali tudo é (trans)formado, nada fica empalhado.

Não convencido de que esses elementos bastavam para sustentar uma dissertação, parti para a escuta daqueles que conviveram com o professor Fernando, pois minha proximidade não é tanta, uma vez que trabalhamos em setores distintos do Colégio Anchieta. Ao ouvir os ex-alunos, colegas e ex-colegas dele, tive a convicção de que se tratava da pessoa ideal, leigo com um perfil jesuíta, capaz de protagonizar a reflexão autobiográfica do meu trabalho.

Assim, delinco o meu problema de pesquisa: *é possível observar se, na contemporaneidade, a tradição jesuítica, tão solidamente construída, continua perpassando e se concretizando em identidade e pertencimento, em atitudes e posturas dos colaboradores do Colégio Anchieta através do estudo de uma autobiografia de vida?*

Para dar conta desse estudo, utilizei o conceito de narrativa entendendo que tal conceito está apoiado na experiência, um dos eixos temáticos da vida de Santo Inácio, do paradigma da Pedagogia Inaciana e dos Exercícios Espirituais.

Os “Exercícios Espirituais”<sup>2</sup> é o livro que mais influência teve na transformação de pessoas e estruturas, nas mais diversas partes do mundo. Escrito por Santo Inácio de Loyola, apresenta uma metodologia própria, que permite percorrer um caminho interior que vai do “próprio eu” para um “eu” mais livre, profundo e comprometido. Em etapas diferentes, chamadas de “*Semanas*”, o exercitante *toma consciência do que é e do que é chamado a ser*. No final dessa experiência (30 dias intensivos ou nove meses, exercitando-se, por mais de uma hora cada dia), o exercitante notará em si uma nova sensibilidade que lhe *permitirá encontrar Deus em tudo e todos*, fazendo-se um “*contemplativo na ação*”. Nesses quase 500 anos que já se passaram, são muitos os que experimentam os efeitos positivos desta “mistagogia” que brota dos Exercícios Espirituais.

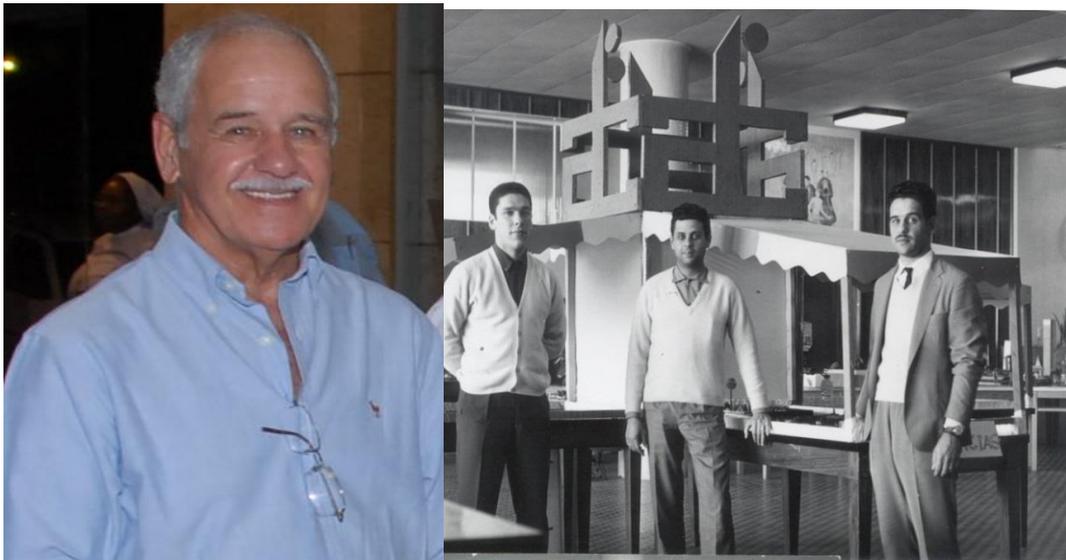
---

<sup>2</sup> “Por este nome, *Exercícios Espirituais*, entende-se todo o modo de examinar a consciência, de meditar, de contemplar, de orar vocal e mentalmente, e de outras operações espirituais, conforme 1ª anotação do livro dos EE, p.13. Porque, assim como passear, caminhar e correr são exercícios corporais, da mesma maneira, todo o modo de preparar e dispor a alma, para tirar de si todas as afeições desordenadas e, depois de tiradas, buscar e achar a vontade divina na disposição da sua vida para a salvação da alma, chamam-se exercícios espirituais.”

A experiência dos Exercícios Espirituais é a essência para a Pedagogia Inaciana e é um imperativo na construção dessa narrativa autobiográfica. É a ela que o próprio Santo Inácio atribuiu e sustentou sua própria teoria e prática de (trans)formação interior à decisão deliberada de seguir o Cristo, modelo do Evangelho e a buscar fazer a sua vontade. Essa consciência e sensibilidade na dialética do desenvolvimento humano é capaz de sustentar e dar sentido à (trans)formação do sujeito, através da Pedagogia Inaciana, no processo de ensino e aprendizagem dessa história de vida do professor Fernando, a ser apresentada aqui.

**Refletir sobre o processo de (trans)formação possível do professor Fernando Meyer, à luz da Pedagogia Inaciana em nosso tempo, destacando momentos e fatos históricos, fatores favoráveis e inquietações pessoais é tangibilizar a identidade e o pertencimento da sua história de vida como processo biográfico e de biografização. Tudo isso se dá por intermédio da narrativa qualitativa em uma (auto)biografia**

**Figura 3 – Retrato do professor Fenando no ambiente do Museu: um olhar inspirador**



**Fonte:** Arquivo do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta

As fotos (Figura 3) do professor Fernando no ambiente do Museu revela um olhar que inspira e aproxima o tempo com suas ricas experiências (trans)formadoras dessa história:, a foto em preto e branco (à direita) é da Feira de Ciências, no saguão do Colégio Anchieta em 1970. A foto colorida mostra o professor Fernando Meyer no Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta, em 2009.

No presente trabalho, busco resgatar a tradição jesuíta pela sua destacada atuação na área da educação, buscando valorizar os 472 anos de história e missão, que alcançaram os cinco continentes, com sua cultura, religiosidade, política e economia marcando vidas., No processo histórico, essa tradição foi se configurando como Companhia de Jesus Universal a serviço da Igreja e do povo, sempre fiel aos ensinamentos do Evangelho e tendo Cristo como modelo.

No processo de aprender a valorizar a tradição educativa da Companhia de Jesus e de experienciar o carisma e a espiritualidade na minha trajetória de vida e formação, aproximo-me da pessoa de Inácio de Loyola. A história institucional e inspiração dessa Missão, trazendo a história de jesuítas e leigos a serviço da Companhia de Jesus na área da educação, é uma expressão inovadora de pensar e fazer a educação. Coloco-me centrado nos sujeitos desta pesquisa: jesuítas, de ontem e de hoje, dedicados ao apostolado educacional, e retomo a tradição jesuíta: identidade e pertencimento através da história de vida do professor Fernando e sua imbricação com a proposta da Pedagogia Inaciana e suas possibilidades de (trans)formação com o cotidiano no Colégio Anchieta. A partir desse cenário, a opção metodológica está enraizada em uma postura epistemológica dentro de um paradigma narrativo qualitativo.

O principal objetivo do presente trabalho é *visibilizar a tradição jesuítica em educação: a identidade e o sentimento de pertencimento à missão, com seus princípios e valores e o processo de (trans)formação do educador numa instituição como o Colégio Anchieta, na contemporaneidade, a partir de uma história de vida.*

Os objetivos específicos propostos ajudam a articular a narrativa da história dessa vida. Em primeiro lugar, este estudo busca **resgatar** a identidade e o sentimento de pertencimento, presentes nos princípios e valores da Pedagogia Inaciana a partir dos depoimentos de jesuítas e colaboradores do Colégio Anchieta. Em segundo, busca **identificar** os principais valores humanos e acadêmicos que marcaram a vida do professor Fernando, dando a conhecer o paradigma inaciano, por meio da narrativa da experiência de vida do professor. Finalmente, este estudo busca, ainda, **aprofundar** o estudo das influências da Pedagogia Inaciana em relação a uma história de vida, reconhecendo a (trans)formação dos sujeitos participantes desta pesquisa.

A fim de situar o leitor, apresento brevemente a estrutura que compõe este trabalho. O primeiro capítulo é a apresentação da Companhia de Jesus e sua tradição educativa ao longo da história, com um olhar para a pessoa de Inácio de Loyola, a espiritualidade e o carisma que inspiram a Pedagogia Inaciana. É um percurso no tempo a partir da vida de Inácio de Loyola,

sua experiência de (trans)formação, a conquista dos primeiros companheiros, a construção da identidade e os desafios da Missão que se confirma e consolida, através do tempo, nas culturas além-fronteiras, contagiando terras brasileiras, o Rio Grande do Sul, Porto Alegre e o Colégio Anchieta como contexto de evangelização. O segundo capítulo está pautado na acolhida, no desejo e no sonho abraçado por Inácio de Loyola como ideal capaz de (trans)formar vidas, tomando a experiência como eixo fundamental dos Exercícios Espirituais, da forma como a Companhia de Jesus se estrutura e como a “característica essencial do nosso atual modo de proceder<sup>3</sup>” se faz presente na filosofia do paradigma pedagógico da *Ratio Studiorum*<sup>4</sup> e do trabalho educativo. No terceiro capítulo, com a riqueza da narrativa da história dos jesuítas, é dada ênfase à história do professor Fernando Meyer, a qual está imbricada nessa (re)leitura e fundamentação do marco histórico e doutrinal como diferencial, junto com a influência da filosofia de ensino e aprendizagem que é conferida à educação jesuíta.

Para confirmar essa trajetória, no quarto capítulo aponto para o que dá sustentação ao carisma e ao dinamismo dos homens e mulheres em seu ser e fazer. A busca da nossa condição humana, limitada pela transcendência como dimensão divina, gera o sentimento de identidade e pertencimento. Propicia saber que há algo mais no ser humano, como capacidade de expressão de sentimentos, por isso o cuidado e a atenção ao movimento das inter-relações sob a tríade: eu, o outro e o transcendente. Nas considerações finais, registro o verdadeiro sentido e significado do meu objeto de pesquisa, desde a inspiração da proposta da educação jesuíta até a pessoa do professor Fernando, em um processo de (trans)formação. Esse vínculo e as novas formas de pensar e aprender ganham vida, tornam-se história de vida.

Dessa forma, pela convergência de informações, pela identificação e pertença à Missão da Companhia de Jesus, pelos processos de observação e escuta, é que inicio a aventura em narrar a história de vida do professor Fernando, entendendo que se trata de um olhar apenas.

---

<sup>3</sup> A dimensão intelectual do apostolado da Companhia. Congregação Geral 34ª, Decreto 16, Edições Loyola, São Paulo, 1996,

<sup>4</sup> A *Ratio Studiorum*, edição definitiva de 1599, documento orientador da pedagogia jesuíta é considerada a *bíblia* pedagógica dos Jesuítas e o segredo do seu extraordinário sucesso no plano da formação. Esta obra, traduzida nas mais diversas línguas em que a Companhia de Jesus instalou a sua rede multinacional de colégios. Do Brasil até ao Extremo-Oriente, influenciou a revolução educativa da época moderna com a marca dos Jesuítas até os nossos dias. É um documento absolutamente incontornável da História da Educação e, ainda hoje, apesar das atualizações a que foi sujeita em relação à sua versão original de 1599, continua a ser uma fonte de inspiração paradigmática, sempre revisitada por todos os que se interessam pela educação e se dedicam a essa nobre atividade. De: MIRANDA, Margarida. Código Pedagógico dos Jesuítas *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus. Regime Escola e Curriculum de Estudos, Edição Bilingue Latim – Português. Lisboa, Esfera do Caos, 2009.



## 2 TRADIÇÃO JESUÍTA: IDEAL DE VIDA, MISSÃO E EDUCAÇÃO

A origem da história da educação da Companhia de Jesus no Brasil se dá em 1549, com a chegada dos primeiros jesuítas, inaugurando uma nova frente de missão no continente que haveria de deixar marcas profundas na cultura e civilização do país. Movidos por intenso sentimento religioso de propagação da fé cristã, na qualidade de missionários, durante mais de 200 anos, os jesuítas atuaram com afinco em prol da evangelização.

O espírito missionário e de evangelização, desde a fundação, abriu as portas da educação para os jesuítas, sempre compreendida e assumida como prioridade, em todos os níveis, reconhecida pela busca da “excelência humana e acadêmica”. A educação, no contexto jesuíta, ainda é compreendida por sua qualidade humana e competência como “[...] arte e ciência de ensinar, não pode ser reduzida a mera metodologia: ela inclui uma perspectiva do mundo e uma visão de pessoa humana ideal que se pretende formar” (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, nº 11, p. 22). O diferencial da escola jesuíta é a *inacianidade* e a excelência humana. A proposta e a ação pedagógica jesuítica foram sempre consideradas eficientes, graças ao preparo intelectual do quadro de professores e à uniformização de suas ações. Ghiraldelli Jr. (1990, p. 20-21) afirma que “[...] a pedagogia jesuítica era baseada na unidade de método, de professor e de matéria”.

Quando a Companhia de Jesus foi fundada (1540), por Inácio de Loyola, tinha como um dos horizontes de sua Missão o apostolado educacional. Deve-se ainda considerar que, na contemporaneidade, a finalidade primordial da pedagogia jesuítica volta à tona mais acentuadamente, no intuito de resgatar o “apostolado educativo” em instituições escolares, sendo este um dos principais trabalhos da Ordem dos Jesuítas. A esse respeito, comenta Klein (1997, p. 47):

Virtude e letras ou fé e ciência, o trabalho educativo visava fazer, dos homens cristãos, homens cultos e comprometidos com o apostolado moderno, e propiciar aos não cristãos, por meio de uma formação integral, a orientação para o bem comum e o conhecimento e amor de Deus ou, pelo menos, dos valores morais e religiosos.

Inácio de Loyola entendia que era fundamental criar um método no qual o conhecimento fizesse sentido e estivesse articulado com a Missão, pois o contexto do século

XVI – que era um novo tempo na Europa e no mundo, período em que floresciam carismas específicos na Igreja – seria a sua marca. Inácio de Loyola, sempre muito perspicaz e metódico, estava em busca de um diferencial para a estrutura organizacional e na definição da espiritualidade e Missão para a recém-criada Ordem dos Jesuítas.

Para a Companhia de Jesus, a data de 27 de setembro de 1540 torna-se referência pela divulgação da Bula “*Regimini Militantis Ecclesiae*”, pelo Papa Paulo III<sup>5</sup>. É aprovada definitivamente a nova Ordem Religiosa, que integra a “Fórmula do Instituto”<sup>6</sup>, na qual está a apresentação da estrutura e a legislação substancial da Companhia de Jesus. Inácio de Loyola iniciou sua aventura e (trans)formação humana pela sua pessoa e história de vida, tornando-se o princípio para os jesuítas. Representada pela consigna de vida: *Omnia ad majorem Dei gloriam* (Tudo para maior glória de Deus)<sup>7</sup>, os primeiros companheiros acreditavam fervorosamente, ser essa a vontade de Deus.

Logo cedo, o apostolado educacional ganha corpo. O primeiro esboço é datado de 1548 e intitulado “As Constituições do Colégio de Messina<sup>8</sup>” (*Constitutiones Collegii Messanensis*); o segundo, de 1552, é conhecido como “Disposição e Ordem para os Estudos Gerais” (*De Studii Generalis Dispositione et Ordine*); e o terceiro, de 1553, chamava-se “Regras para os Estudos dos Colégios” (*Ordo Studiorum*).

Esses documentos são os primeiros esquemas de outros que se seguem, adaptações ou correções, durante meio século, até a publicação do documento oficial, culminando com a publicação do texto definitivo da *Ratio Studiorum* – Encíclica Papal *Ratio atque institutionem studiorum* – pelo Padre Acquaviva no ano de 1599. Finalmente, em 1599, nasce o que vem a ser o Código Pedagógico da Companhia de Jesus – *Ratio Studiorum*.

<sup>5</sup> Paulo III foi Papa de 1534 a 1549; ele foi quem convocou pela primeira vez o Concílio de Trento; fundou a Inquisição por meio da Sagrada Congregação do Santo Ofício, em 1542, e criou também a Sagrada Congregação do Index, em 1543. Essas duas instâncias visavam, além da censura e perseguição às heresias, a rever os costumes da Igreja e recuperar os seus fundamentos teológicos. De: MIRANDA, Margarida. Código Pedagógico dos Jesuítas *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus. Regime Escola e Curriculum de Estudos, Edição Bilingue Latim- Português. Lisboa: Esfera do Caos, 2009.

<sup>6</sup> A Fórmula do Instituto, documento fundacional da Companhia, apresentado ao Papa Paulo III pelo Cardeal Contarini, no dia 3 de setembro de 1539. De: MIRANDA, Margarida. Código Pedagógico dos Jesuítas *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus. Regime Escola e Curriculum de Estudos, Edição Bilingue Latim- Português. Lisboa: Esfera do Caos, 2009.

<sup>7</sup> *Ad majorem Dei gloriam* (“Tudo para a maior glória de Deus”) é o lema da Companhia de Jesus, base filosófica da Ordem.

<sup>8</sup> Primeiro Colégio de jesuítas, criado em Messina, na Sicília, em 1548, a pedido do vice-rei, D. Juan da Veiga, sob direção de Pe. Nadal. Foi nesse colégio que, pela primeira vez, os jesuítas aplicaram um plano de estudos que, posteriormente, viria a ser adotado nos demais colégios da Ordem. O método utilizado no colégio de Messina foi o *modus parisiensis*. MIRANDA, Margarida. Código Pedagógico dos Jesuítas *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus. Regime Escola e Curriculum de Estudos, Edição Bilingue Latim- Português. Lisboa: Esfera do Caos, 2009.

Na Assistência da Companhia de Jesus para a América Latina, com um olhar muito especial para o contexto e a realidade da educação jesuíta no Brasil, em 1986 foi publicado o livro *Características da Educação na Companhia de Jesus* para as obras educacionais da Companhia de Jesus. Essa versão atualizada dos princípios pedagógicos jesuíticos oferece novamente uma visão comum da educação jesuítica. Da décima parte desse livro deriva, no ano de 1993, o documento *Pedagogia Inaciana: uma proposta prática*.

Segundo Kolvenbach (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, p. 18),

chamamos este documento de Pedagogia Inaciana por destinar-se não só à educação formal nas escolas, colégios e universidades da Companhia, mas porque pode ser útil também a outros tipos de educação que, de uma forma ou de outra, estejam inspiradas na experiência de Santo Inácio compendiada nos Exercícios Espirituais, na quarta parte das Constituições da Companhia de Jesus e na *Ratio Studiorum*.

O apostolado educacional tornou-se, desde a fundação, a principal atividade dos jesuítas. O principal objetivo da educação jesuíta é a sensibilização e formação, atividade que Inácio de Loyola e seus companheiros passaram a difundir como método, pautados pela espiritualidade (Exercícios Espirituais) e pelo carisma (Fórmula do Instituto), estruturados e propostos pela Companhia de Jesus, consagrados pela busca da “excelência humana e acadêmica”, pela leitura de contexto, reflexão, experiência, ação e avaliação.

São cinco passos do paradigma que fazem parte do contexto do método de ensino e aprendizagem, em que, o “[...] crescimento humano interior, baseado na experiência na qual se refletiu, bem como a sua manifestação externa” (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, p. 60-61) é um dos principais focos. Refere-se ao desenvolvimento humano, numa mútua relação que se traduz na existência humana por meio da expressão existencial cultural da realidade criada por Deus e transformada pelo homem, na consciência de que tudo vem de Deus e tudo volta para Deus.

Olhar na contemporaneidade a proposta filosófica e pedagógica focada na formação humana e acadêmica ajuda a compreender a linha de sustentação desse processo de humanização. Auxilia também a entender e experienciar o conhecimento pelo viés da *Ratio Studiorum*, originando o Paradigma da Pedagogia Inaciana, método e prática do apostolado educacional até os nossos dias. A missão, a visão, os valores e princípios da tradição educativa da Companhia de Jesus inspiram o contexto do século XVI até a contemporaneidade, gerando (trans)formação nas histórias de vida que merecem ser narradas. Conforme Schmitz (1994, p. 56): “O fim das instituições de ensino dos jesuítas está, pois,

bem claro: é a glória de Deus e a ajuda aos próximos. Isso naturalmente se alcançará por meio da atividade docente e de outras que possam ser exercidas.”

Para Inácio de Loyola, a estrutura para o apostolado educacional – inicialmente, pela *Ratio Studiorum* e, posteriormente, para os demais documentos sobre a educação – eram a expressão do desejo e orientação comuns para toda a Companhia de Jesus, incidindo sobre os hábitos e as práticas, adaptadas a cada contexto sociocultural, em que, pela sua vida e missão, seriam marcas da tradição jesuíta em educação.

A história da Companhia de Jesus se fortalecia no tempo pelas experiências de vida e ações direcionadas à gênese da fundação e da tradição. Quando os jesuítas chegaram ao Brasil, em 1549, junto com a coroa Portuguesa, seus objetivos eram formar sacerdotes e catequizar, dedicando-se à educação de crianças e jovens. Permaneceram sempre fiéis ao espírito dos Exercícios Espirituais, das Constituições<sup>9</sup>, dos documentos inspiradores e orientadores e das inúmeras Cartas de Inácio de Loyola aos jesuítas espalhados em missão. Por meio destes, constituía-se, assim o que é “modo próprio de proceder da Companhia de Jesus” (cfr. Congregação Geral, 34ª, d.19, 1995). É válido destacar que a própria Companhia de Jesus nasceu do desejo humano e da inspiração divina da pessoa de Inácio de Loyola e de um pequeno grupo, “Primeiros Companheiros”<sup>10</sup>.

Para Inácio de Loyola, a narrativa, através das Cartas, empiricamente, era considerada um ato carregado de sentido e significado na sua relação com os primeiros companheiros. De maneira muito similar, Josso (2002), em “Experiências de vida e formação”, deixa claro que o ser singular e plural é um dispositivo de formação da “identidade para si, identidade para os outros”. Tal recurso foi utilizado por Inácio de Loyola para dar identidade ao grupo, encorajando-o a superar os embates ideológico-teológicos e outras controvérsias, questões para as quais sabia bem o que era necessário como capital intelectual ideal e argumento para sustentar a vida e a missão que empreendera. Ele descobre que o enfrentamento é vencido com bons argumentos. O testemunho é a regra de ouro!

A tradição em educação da Companhia de Jesus, seu carisma e sua espiritualidade são a fonte e inspiração da missão, visão, princípios e valores para uma constante renovação e

---

<sup>9</sup> As Constituições da Companhia de Jesus são uma obra escrita por Inácio de Loyola que veio à luz em 1559. Tal documento é composto por dez partes, cujo conteúdo traz os princípios que deveriam nortear a vida de cada integrante da Companhia de Jesus, sobre o “modo de proceder”, governança e bens. A obra deste homem iluminado por Deus são as **Constituições da Companhia de Jesus**. Essa obra, magnífica na sua constituição, é mais uma experiência espiritual do que um manual jurídico ou programático dos jesuítas. Elaboradas nos últimos anos de sua vida (1547-1550), as Constituições são o corpo dado ao Espírito para que faça sua obra por meio dos novos companheiros de Jesus.

<sup>10</sup> Os Primeiros Companheiros de Inácio: Diego Laínez, Francisco Xavier, Pedro Fabro, Alfonso Salmerón, Nicolau Bobadilha, Simão Rodrigues e Francisco de Borja.

dedicada atuação apostólica, por meio da educação. Redescobrir o encantamento em Santo Inácio de Loyola, como origem, princípio e inspiração dessa herança e presença evangelizadora ao longo da história, é dar valor à educação como processo de formação integral da pessoa, como ele próprio considerou, sendo ela um dos melhores campos de apostolado.

De acordo com O'Malley (2004), a Companhia, cerca de uma década após a sua fundação, já reconhecia plenamente a educação como uma estratégia privilegiada no sentido de propagar a obra de Deus. Educação e apostolado se constituíram assim, desde o princípio da Ordem dos Jesus, como as duas instâncias fundamentais da missão pastoral jesuítica e também o próprio carisma da Ordem dos Jesuítas. Assim, não é possível pensá-las separadamente. Inácio de Loyola, ao vislumbrar o potencial que um amplo projeto educativo poderia ter, começa a formular, em estilo pedagógico, toda a sua experiência de conversão integradora. Naquele momento ele esforçou-se pessoalmente no sentido de reunir os maiores talentos para a Companhia de Jesus em torno deste ministério sacerdotal e missionário.

A Companhia de Jesus tem formado, nestes mais de quatro séculos, homens que vêm marcando com sua presença a história da Igreja e do mundo. Conta com um número considerável de santos e beatos –mais precisamente 41 santos (entre eles, 27 mártires) e 139 beatos (sendo 131 mártires).

Inácio de Loyola deu-lhe uma organização muito simples e inovadora, motivo de reflexão e crítica na época. A Companhia de Jesus é dirigida por um Padre Geral, eleito por toda a vida; é dividida em Assistências e organizada em Províncias, cada uma a cargo de um Superior Provincial.

O Superior Provincial é responsável pela promoção do que é próprio da Companhia de Jesus, seja em nível dos jesuítas e de suas comunidades religiosas, seja em nível de suas atividades apostólicas. Além disso, compete a ele providenciar, com a ajuda de colaboradores de diversos tipos, que o funcionamento das instituições esteja de acordo com os objetivos estabelecidos e que os seus bens materiais sejam bem administrados.

Pe. Peter Hans Kolvenbach, Superior Geral da Companhia de Jesus por 22 anos (1986 - 2008), por ocasião da publicação da *Pedagogia Inaciana: uma proposta prática* (1993), é bastante claro no que se refere ao objetivo da educação da Companhia, determinando que

a promoção do desenvolvimento intelectual de cada aluno, para desenvolver os talentos recebidos de Deus, continua sendo com razão um objetivo de destaque da educação da Companhia.

Para ele, “a sua finalidade jamais foi simplesmente acumular quantidades de informação ou preparo para uma profissão, embora sejam estas importantes em si e úteis para a formação de líderes cristãos”. E mais, Pe. Kolvenbach, deixa claro que:

O objetivo supremo da educação jesuíta é, antes, o desenvolvimento global da pessoa, que conduz à ação, ação inspirada pelo Espírito e a presença de Jesus Cristo, filho de Deus e ‘homem para os outros’. Este objetivo orientado para a ação baseia-se numa compreensão reflexiva e vivificada pela contemplação, e desafia os alunos ao domínio de si mesmos e à iniciativa, integridade e exatidão. Simultaneamente, distingue as formas de pensar fáceis e superficiais, indignas do indivíduo e, sobretudo, perigosas para o mundo que eles e elas são chamados a servir. (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, p. 23).

Tanto em suas atividades espirituais como temporais, os jesuítas buscam a perfeição, embasando suas ações e proposições no princípio de que os homens deveriam *buscar em tudo melhor servir a Deus*. A IV parte das Constituições da Companhia de Jesus – *Como instruir nas letras e em outros meios de ajudar o próximo e os que permanecem na Companhia* – em vigor desde 1552, deu as diretrizes iniciais para a prática pedagógica nas instituições comandadas pelos jesuítas.

Isto fica claro no *Proêmio* da IV parte das Constituições:

O fim que a Companhia tem diretamente em vista é ajudar as almas próprias e as do próximo a atingir o fim último para o qual foram criadas. Este fim exige uma vida exemplar, doutrina necessária, e maneira de apresentar. Portanto, uma vez que se reconhecer nos candidatos o requerido fundamento de abnegação de si mesmos e o seu necessário progresso na virtude, devem-se procurar os graus de instrução e o modo de utilizá-la para ajudar a melhor conhecer e servir a Deus nosso Criador e Senhor. (CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS E NORMAS COMPLEMENTARES, 2004, p. 115).

O espírito de Inácio de Loyola está presente na forma humana de ser, pensar e agir. A intenção é formar o ser humano, acompanhando seu desenvolvimento integral, expressa pela Pedagogia Inaciana e o que ela visa a formar, como crescer nas virtudes que se esperam, dos estudos, entendidos como um meio para alcançar o fim. É importante destacar que, para a Companhia de Jesus, quando tratamos da pessoa, existem três grandes pilares: espiritualidade, disciplina e trabalho que, também, na concepção da Ordem dos Jesuítas, significa experiência.

Outro aspecto importante é entender qual é o valor das ciências para os jesuítas. A pedagogia da Companhia de Jesus objetivava a formação de um homem ajustado à vida da sociedade do século XVI (à época era modernidade) à contemporaneidade. Diante das necessidades da sociedade e da própria Igreja, os colégios asseguram as condições apropriadas à formação de homens que conseguiriam reconhecer Deus em toda a criação. Para

isso, na Pedagogia Inaciana nota-se a junção de elementos renovadores sem que ocorra um distanciamento dos elementos tradicionais essenciais ao processo educativo.

O cuidado com o ser humano e a inspiração divina presentes na Companhia de Jesus e na vida das pessoas são objetivos históricos e princípios geradores. Eles têm muito a contar e a contribuir, conforme nos diz o Pe. João Batista Libânio (2002) em seu livro “A arte de formar-se”, e se apresentam como a grande meta dos educadores jesuítas.

Libânio (2002, p. 13) confirma:

Formar-se é tomar em suas mãos seu próprio desenvolvimento e destino num duplo movimento de ampliação de suas qualidades humanas e religiosas e de compromisso com a transformação da sociedade em que se vive. É modelar livremente a própria vida a fim de participar no processo construtivo da sociedade. Em três palavras: processo personalizado, motivado em vista de sua perfeição, e bem da sociedade. A educação é verdadeiro passaporte para a vida, com o duplo conhecimento de si e dos outros, para poder, então, participar da obra conjunta, coletiva, de construir um convívio humano saudável.

Na mesma linha, Adams e Marshall (1996, p. 435) salientam que “[...] o processo de formação da identidade é influenciado por processos de tipo dialético, que envolvem conflito, incompatibilidade, inconsistência e contradição, seguidos da síntese e/ou resolução”. Assim, as (trans)formações humanas são, por excelência, contextos da transformação de si na negociação de sentidos com o outro. A história de vida, os espaços de troca, o papel dos contextos sociais e/ou institucionais – a partir do qual o próprio sujeito engendra suas vivências e experiências pessoais – são aspectos da configuração do *self* e que passam por modificações, o que caracteriza a dialética do desenvolvimento.

Do conceito de identidade narrativa, como lemos na tradição da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola foi acompanhado de momentos em que ele repensava sua vida e seu sentido, e de escritos em que expressava o sentido provisório e passageiro neste mundo. Isso gerou a mudança interior desse homem a ponto de olhar para o Cristo e empreender o ideal que ora conhecemos. Sua experiência de homem singular, apaixonado e inquieto trouxe à consciência o sentido teleológico como fundamento e finalidade da obra iniciada, e o sentido ontológico como conhecimento de si, à natureza de ser a luz de Deus, que conduz todas as coisas com sabedoria e ternura.

A experiência de Inácio de Loyola, ao escrever a sua história, nos remete à nossa história de vida no sentido de buscar compreensão da *mimesis*, proposta por Paul Ricouer em sua trilogia sobre o tempo e a narrativa. Tal busca é capaz de tornar mais claras as mediações que cotidianamente estabelecemos quando passamos da *mimesis I* (prefiguração) à *mimesis II*

(configuração). A nossa relação com o real não é direta, porque sempre é mediada por “configurações” e “reconfigurações” (RICOUER, 1986, p. 97).

Para a história de vida são estas configurações e metáforas do tempo e da narrativa que dão sentido à vida humana. Assim, também, a transmissão e a tradição assumem papel importante no processo da mediação, como leitura e compreensão da realidade. No desenvolvimento da nossa história, falar de mediação e aceitar a configuração é dizer que nossa história de vida adquire forma, desenvolve-se e que ela busca e encontra coerência quando expressada numa forma narrativa.

Ricoeur (1986), na consideração da vida como narrativa, considera a própria identidade narrativa como desenvolvimento. Em sua análise, Ricoeur retoma a noção de *mimesis*, prefiguração, de Aristóteles, filósofo grego. Pois, nossa história, na realidade ainda não adquiriu forma. O termo *mimesis*, literalmente, significa “imitação”. O filósofo francês se serve dele para mostrar como o ato de narrar tem a capacidade de imitar (ou de transpor) a ação humana, dando-lhe forma numa narrativa.

Nesse sentido, nossa vida está marcada por diversas identidades narrativas inter-relacionadas, marcada por narrações de histórias. Sabemos que nossa vida é uma sucessão de episódios que podem ser narrados. Narrar os episódios, que ficaram guardados na memória e se tornaram sentimentos afetivos da nossa história de vida, gera identidade narrativa.

Paul Ricoeur (1986) em seu livro intitulado *Du texte à l'action. Essais d'hermeneutique II* – o qual, traduzindo, significa *Do texto à ação, ensaios de hermenêutica II* – comenta que a “identidade narrativa não termina no momento em que terminamos, dando forma à nossa história, narrando-a” (RICOEUR, 1986, p. 138). O autor prossegue: “nós só nos compreendemos plenamente comparando nossa narrativa com outras, mais particularmente com escritos de ficção.”

Para ele,

a função da ficção é indivisivelmente *reveladora e transformadora* em relação à prática cotidiana; reveladora no sentido em que traz à luz traços dissimulados, mas já desenhados no coração da nossa experiência *prática*; transformadora, neste sentido de uma vida, assim examinada, é uma vida mudada, uma outra vida. Atingimos aqui o ponto em que descobrir e inventar são indiscerníveis. (RICOEUR, 1997, t. 3, p. 229).

Ricoeur faz referência a romances e novelas, algo muito semelhante ao que desejava Inácio de Loyola no seu mundo fictício e imaginativo, durante o período da convalescença, após ser ferido numa batalha. Esta clareza dos fatos e experiências que compõem a nossa história dá-se porque temos as raízes profundas fincadas na terra em que nascemos e

vivemos. Dela extraímos não só a vida, mas também o gosto e o desgosto que sentimos. A história do nosso povo, da própria família, os triunfos e fracassos, os medos e pecados são como personagens vivos, para Ricouer, “metáforas vivas”, que nos habitam.

Outro ideal de Inácio de Loyola, inicialmente, expresso no desejo de servir e perceber a presença de Deus em sua vida, encontra-se na escrita dos Exercícios Espirituais<sup>11</sup>. Primeiramente, eram as anotações sobre que ia fazendo sobre a sua experiência espiritual, o fez para melhor perceber como Deus ia conduzindo-o no seu processo de (trans)formação para descobrir qual era a vontade de Deus sobre sua vida. Sua experiência espiritual lhe era muito útil quando escrevia para os Primeiros Companheiros, ora para ensinar, diversas vezes esclarecer, e todas as ocasiões como oportunidade para orientar e animar. Também, ao estruturar as Constituições, expressa o desejo de manter a “unidade na diversidade” e a união do corpo apostólico em Missão.

Os Primeiros Companheiros de Inácio de Loyola lhe trazem essa noção de que os princípios e valores devem estar alinhados como ideal e prática de vida. Outro costume pedagógico de grande valor eram os Diários Espirituais, espécie de segunda consciência, dando a entender sua própria vida espiritual e as inúmeras cartas escritas por ele, mostrando a forma de agir e de se comunicar sobre os vários assuntos e situações com os companheiros. Com a prática da escrita, Inácio de Loyola conferia à comunicação uma forma privilegiada de sua intenção, estrutura e desenvolvimento da nova Ordem de Jesuítas. Assim, a convergência de ideal e de vida em missão aponta as perspectivas, as orientações e o método para as ações comuns em vista do crescimento e da eficácia da Missão.

Inácio de Loyola, através das várias ações tomadas a partir da sua experiência e comunicação, buscava estabelecer uma maneira de formar seus sucessores, deixando marcado o seu modo de proceder. Na prática, desejava gerar um sentimento de identidade e pertencimento para convencer, definir, decidir, criticar, dissuadir e agradecer. No seu exercício como líder e, depois, em sua posição como Superior Geral<sup>12</sup>, escrevia para influir, informar, discordar e pedir. O hábito da escrita, que para a Companhia de Jesus tornou-se como a bússola a orientar o ideal de sua vida e missão, abriu-se como janelas a conquistar o mundo e as almas para Deus, através de seu projeto de evangelização.

<sup>11</sup> Em 31 de Julho de 1548, pelo breve "*Pastoralis officii*", o Papa Paulo III aprovou o livro dos Exercícios Espirituais, depois de ter visto os frutos obtidos em diversos lugares. Constituições da Companhia de Jesus – Fórmula do Instituto.

<sup>12</sup> O supremo poder legislativo da Companhia de Jesus está na Congregação Geral. Inácio de Loyola traça nas Constituições o perfil do Superior Geral: homem de coração e união com Deus; que possua as virtudes próprias do estado religioso, em particular caridade, humildade, mortificação, mansidão e fortaleza; que seja de grande entendimento e juízo, vigilante e eficaz para levar as coisas a bom termo; que goze de saúde e forças e tudo o mais que possa dar crédito e autoridade. Constituições da Companhia de Jesus – Fórmula do Instituto.

Fundamentalmente, a construção da narração da história de (trans)formação de cada um, da narração das experiências –com as quais Inácio de Loyola, o autor e protagonista, aprendeu, da sua maneira de operar escolhas, de manifestar e dar atenção aos sentimentos, de se situar em suas pertencas e de definir seus sentimentos e interesses – foi outorgada pela intencionalidade e prática da escrita feita regularmente aos seus Companheiros, bem como a toda Companhia de Jesus.

Sua própria história de vida tornou-se exemplo, como elo para a “união dos corações” em torno da busca constante da vontade de Deus. Toda notícia devia, primeiramente, edificar. Inácio de Loyola desejava imprimir, através das letras, a identidade da Companhia.

## 2.1 COMPANHIA DE JESUS: UM OLHAR ALÉM-FRONTEIRAS EM UM PROCESSO DE (TRANS)FORMAÇÃO

Trazendo a reflexão para o nosso espaço-tempo, em 2006, comemoraram-se os 450 anos da morte de Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus. Também foi o quinto centenário de nascimento de Francisco Xavier e de Pedro Fabro, membros destacados do grupo de nove estudantes da Universidade de Paris, companheiros de Inácio de Loyola, grupo do qual se originou a Ordem dos Jesuítas (O'MALEY, 2004). O Ano Jubilar foi um marco para as comemorações em várias partes do mundo, lembrando os três Primeiros Companheiros que estão na origem deste grupo religioso que hoje conta com mais de dezessete mil componentes.

Vem de longe a identidade entre a Companhia de Jesus e a missão nas culturas, especialmente no Brasil, por causa da evangelização. Inácio de Loyola e seus Companheiros sempre acreditaram que o apostolado educacional e a busca do conhecimento eram poderosos meios de evangelização e transmissão de valores. O próprio nascimento da Companhia de Jesus deu-se no centro do mundo culto de então: a Universidade de Paris. Essa marca acompanha os jesuítas até hoje, fazendo-os levar no mundo inteiro o maior número de Universidades de uma só congregação – mais de 200 – com a marca da “Gestão Inaciana”. Ressalte-se que vinte e oito dessas instituições estão na América Latina.

A Companhia de Jesus distinguiu-se, desde suas origens, que coincidem com o nascimento da Idade Moderna, pelo caráter internacional de sua composição e pela universalidade de seu projeto de missão. Sempre motivada e focada pela sua irradiação apostólica, aqui, convém fazer o destaque para a estruturação do apostolado educacional. No início, Inácio de Loyola não via com interesse a educação como um apostolado. Seu plano era

ir à Terra Santa, pela sua identificação e desejo de seguir Jesus Cristo, experimentar o que ele disse e fez. Constatando a impossibilidade de realizar a ideia, encaminhou-se para Roma e pôs-se às ordens do Papa, junto com seus companheiros. Assim, é possível entender o papel peculiar que lhe coube no processo de evangelização da cultura ocidental, tanto por sua ação educativa e sua contribuição ao desenvolvimento científico, literário e artístico, como pelo diálogo inter-religioso e cultural, entabulado no contexto de sua empresa missionária.

O Carisma e a Espiritualidade são a expressão de Vida e Missão, uma espécie de força divina conferida a uma Ordem Religiosa, intimamente vinculada à missão particular a ela atribuída. Caracteriza-se como uma função especial e habilidade específica atribuída divinamente aos membros da Ordem Religiosa, no sentido de dispô-los à execução de um ministério.

O Pe. Peter-Hans Kolvenbach, Geral da Companhia de Jesus (1983 e 2008), durante a Congregação Geral 35ª (CG XXXV), em Roma (2008), quando renunciou ao cargo, sendo sucedido pelo Pe. Adolfo Nicolás, atual Superior Geral, ressaltava algo desta vocação para a evangelização além-fronteiras nas diferentes culturas e dentro do processo de globalização.

Para Pe. Kolvenbach, em seu discurso para Diretores, diz:

Para um Jesuíta do século XXI, a evangelização e a globalização não deveriam ser algo desconcertante. Para Inácio, que não empregava esses termos, ele queria que, em seguimento do mistério da Encarnação, a Companhia atuasse na tensão universal e particular que se torna, em tradução moderna, pensar no mundial e trabalhar no local. O espírito de um Jesuíta deveria sempre se mover para o universal e estar concretamente disponível para servir em toda a parte no mundo onde a carência apostólica fosse maior. De outra parte, ele deveria inserir-se no trabalho em terreno local, aprender as línguas e as culturas locais. Abrir-se ao universal, discernindo nele o que é positivo e o que pode tornar-se negativo e, ao mesmo tempo, trabalhar no particular, no local, sem acantonar-se nele ou ser dele prisioneiro, eis o que Inácio via como ideal também para nós, e poderíamos concluir, também, para nosso processo de gestão e educação. (Pe. KOLVENBACH)<sup>13</sup>

Aqueles que participam ativamente e se sentem atraídos pela proposta de vida e missão da Companhia, tanto jesuítas como leigos, integram um “corpo para a missão”, encontrando na Tradição Jesuítica uma grande inspiração e um modelo de vida.

Inácio de Loyola só aceitou fundar colégios quando descobriu neles um potencial **evangelizador** e um **instrumento apostólico** a serviço da Igreja. Os colégios dos jesuítas trazem, portanto, a marca da **identidade católica**, inspirada na **espiritualidade** e enraizada numa longa tradição, com uma visão de Deus, do ser humano e do mundo que lhe é peculiar. “Essa visão e essa missão não são negociáveis. Elas são como nossos sinais de **identidade**,

<sup>13</sup> Pe. Peter Hans Kolvenbach, um Discurso na Universidade de Georgetown, 7 de julho de 1989.

que nos distinguem dentro do oceano evangelizador e diferencia-nos dele.” (PALAORO, 2010).

O Projeto Educativo Comum (PEC), destinado às instituições educativas da Companhia de Jesus na América Latina, é um documento que orienta para metas e propõe alinhamento das diretrizes gerais das práticas educativas às novas formas de pensar e de aprender, reafirmando a opção pelo apostolado educacional na contemporaneidade. O documento define e dá relevância à tecnologia e às diversas formas de comunicação contemporânea que

[...] criam um clima mental, afetivo e de comportamento diferente daquele que viveram as gerações anteriores. Criam novos ambientes de aprendizagem a partir dos quais as pessoas veem o mundo, se comunicam, partilham informação e constroem conhecimento, estabelecem novas relações com o tempo e o espaço e exigem uma nova epistemologia e novas formas de conceber a aprendizagem (PROJETO EDUCATIVO COMUM - PEC, 2007, nº 7 p.7)

Percebem-se mudanças, pois a rápida obsolescência de muitos conhecimentos e a mobilidade das pessoas em frequentes deslocamentos de cenários obrigam a pôr o foco nas inovações como novas formas de pensar e de aprender.

Sobre a finalidade dos colégios na missão, a Companhia de Jesus deseja:

Contribuir para a **missão evangelizadora** da Igreja por meio da formação integral das crianças, dos adolescentes e dos jovens que nos são confiados, à luz de uma concepção cristã da pessoa humana e da sociedade, em cujo meio as pessoas deverão conviver, trabalhar, ajudar-se mutuamente, respeitar-se e amar-se. Tudo, no colégio, o que acontece dentro e fora das salas de aula, deve orientar-se para a consecução desse único objetivo. (PROJETO EDUCATIVO COMUM - PEC, 2007, nº II, p.3)

De fato, perdemos perspectiva e sentido se nossa vida pessoal não estiver impregnada, alimentada, motivada e enraizada na novidade do Evangelho, lido e vivido em chave inaciana. O educador inaciano deve desentranhar o que é inspirador e motivador na Pedagogia Inaciana. Deve buscar uma experiência do Deus de Jesus Cristo, que dê sentido à vida, para acolher e revelar uma visão de mundo e de ser humano a partir do Evangelho e efetivamente viver os valores que se encontram na tradição cristã como fonte que o inspira e o alimenta. Para o educador inaciano, a identidade e o pertencimento através da Pedagogia Inaciana se dá pela mística dos Exercícios Espirituais, da formação permanente e continuada, do diálogo e comprometimento com a prática da nossa ação educativa ao longo da história, “[...] nisto consiste a inspiração inaciana de um colégio da Companhia de Jesus.” (PROJETO EDUCATIVO COMUM - PEC, 2007, nº 4, p.5-6)

A peculiaridade da proposta filosófica da tradição jesuíta está em “formar homens e mulheres para e com os demais”<sup>14</sup>, sendo desafio para educadores do nosso tempo. Os colégios da Companhia de Jesus visam a uma **“formação integral e integradora”** das diferentes dimensões da pessoa humana (corpo, inteligência, vontade, afetividade, espírito e relações, entre outras), em que não só a excelência acadêmica, mas também o afetivo, o artístico, o social, o lúdico, o gratuito e o "contemplativo" adquirem especial relevância formativa.

É daqui que brota o reconhecido **“humanismo”** como característica da educação jesuíta, ou seja, é uma **visão** completa e amável do ser humano, uma sensibilidade para a história do desenvolvimento humano, de sua formação e um grande interesse em promover o ser humano na sua totalidade, seus dons e talentos.

Esse humanismo se traduz também através dos Exercícios Espirituais, oferecidos a todos que desejam e pressupõem que o indivíduo faça a experiência desejando alcançar o conhecimento interno. O processo é dinamizado por diálogos com um orientador que, além de orientar e avaliar para determinar o ritmo e o andamento em cada etapa do retiro, também deve servir para o indivíduo como um auxiliar na jornada de aprendizagem acerca de si mesmo e das coisas espirituais. Trata-se de uma pedagogia dinâmica, progressiva e dialógica, em que o papel ativo do indivíduo é um pressuposto.

Essas experiências profundas são as nos constituem como “educadores inacianos”. Para ser educador inaciano não é indispensável nem basta ter estudado ou trabalhar em um de nossos colégios. Nem se reduz o inaciano a uma categoria sociológica que expressa uma sensibilidade social ou uma corrente socioeclesial. É algo muito mais profundo, que tem a ver, acima de tudo, com valores humano-cristãos e em tornar-nos mais humanos, quer dizer, melhores discípulos e servidores de Cristo.

Assim, também, o princípio específico e inspirador, sistematizado na *Ratio* e proposto na Pedagogia Inaciana, deve ser algo que faça com que nosso processo educativo não seja uma ação mecânica e rotineira, mas um serviço apostólico imbuído de uma **espiritualidade** caracterizada pela busca do **“bem mais universal”**.

A característica fundamental da espiritualidade inaciana é a sua capacidade de viver no meio de um campo de tensões, sempre em busca da convicção pessoal (o espírito), de discernimento e atenta ao que diz a Igreja.

---

<sup>14</sup> Discurso do Pe. Geral, Peter-Hans Kolvenbach aos leigos de espiritualidade inaciana (Santiago do Chile: 01 de maio de 2006).

Para Inácio de Loyola, a pessoa deve estar atenta à presença de Deus: “[...] podemos encontrar a Deus em todas as coisas”, para amá-lo em todas as coisas. Onde está a Maior Glória de Deus (AMDG)?<sup>15</sup> É necessário conhecer a fonte: Jesus Cristo, e experimentar o que é viver como se tudo dependesse de Deus e trabalhar como se tudo dependesse de nós. Aí, sim, estamos afinados com o lema: “[...] tudo para a maior glória de Deus” (EE, 1983, p.147).

A Companhia de Jesus não existe para fazer funcionar as instituições: elas são “meios” para levar Cristo a toda cultura, a toda época e a todo ser. Evangelizar nas culturas: esta é a **missão** na qual todos nós, educadores estamos comprometidos pela construção do processo educativo, aos alunos de nossos colégios, dando sentido e significado à vida, despertando neles o potencial único e original que jaz adormecido, sacudindo as energias generosas latentes nos seus corações, avivando o sentimento de responsabilidade, solidariedade, compaixão e gratidão.

A Companhia de Jesus anuncia o Evangelho de Jesus Cristo, dialogando com a cultura por meio do magistério e da pesquisa científica. A herança da tradição pedagógica jesuíta renova-se no contexto do amplo processo de inovação pelo qual a humanidade passa. Sem abrir mão de seus valores, a *Ratio* está presente nessa (trans)formação da vida das pessoas e da sociedade.

A falta de dignidade humana, “advinda dos efeitos da globalização, como a desumanização, o individualismo, a falta de solidariedade, a fragmentação social em ricos x pobres, a exclusão, o desrespeito aos direitos humanos, a deterioração do meio ambiente e a violência” (DUMORTIER et al., 2006, p. 156), pode ser compensada pela experiência proposta pela espiritualidade que inspira a Pedagogia Inaciana. Ler esse cenário faz pensar em possibilitar que todos (educadores e educandos) tenham garantido o seu lugar de crescimento e realização pessoal e profissional, ou seja, possam viver com dignidade e justiça.

O propósito da *Ratio* na Tradição Jesuíta é tradição que se renova. A melhor maneira de identificar a Tradição Jesuíta é observar sua capacidade de renovação e adequação ao longo da história. O dinamismo e as transformações vão desde a implantação dos melhores processos de gestão, passando pelos processos acadêmicos didático-metodológicos, renovação do currículo, revitalização dos espaços físicos, criação de novos espaços e novas formas de ensinar e aprender, até a definição das políticas comunitárias de integração da comunidade educativa, participação e promoção de intercâmbio.

---

<sup>15</sup> Lema de vida de Santo Inácio. Exercícios Espirituais, 1983.

Esses pontos indicados são apenas alguns sinais eloquentes da tradição jesuíta e sua maturidade institucional e capacidade de renovação a cada novo desafio. Afinal, uma boa tradição é aquela que se renova com o tempo, no espírito de uma “fidelidade criativa”. É “[...] oferecer meios intelectuais, espirituais e humanos para viver o imprevisível de um mundo que seja mais humano e fraterno, solidário”. Quer dizer, educar para além-fronteiras pela “[...] beleza do mundo e pelo sofrimento do homem”. (DUMORTIER et al., 2006, p. 169).

Assim, a Tradição Jesuítica – com as modificações e as inovações – é concretizada no cotidiano da história de vida por meio da Pedagogia Inaciana no intuito de inspirar e motivar os educadores e de (trans)formar o educando, tendo em vista as necessidades dos novos tempos. Pensar o processo histórico da educação da sociedade moderna sem uma compreensão do trabalho educativo dos primeiros missionários da Companhia de Jesus e, conseqüentemente, sua atuação pedagógica através dos métodos (*Ratio*), é ver apenas parte de um complexo universo da história da Companhia de Jesus. São necessárias motivação e atualização contínuas dos métodos e dos processos de ensino para seguir acreditando no ser humano, trazendo-o para o centro. É preciso dar à educação o espaço e o sentido, para que o sujeito do processo de ensino e aprendizagem seja protagonista da sua própria (trans)formação.

Nesse sentido, Ricoeur não esquece a dimensão relacional da nossa identidade. De fato, ele retoma diversas vezes a ideia de que nossas histórias não são isoladas, mas, sim, estão “enredadas” com as de outras pessoas. Nós somente existimos envolvidos sentimentalmente com outras pessoas. Nossas identidades resultam da intersecção de várias histórias pessoais.

De acordo com Ricoeur, nós precisamos de uma narrativa global e unificada para consolidar nossa identidade. Eis porque, quando fazemos uma releitura de nossa história, isto nos constrói. A tradição da espiritualidade inaciana desde o seu início apresenta isso. Não podemos camuflar ou mascarar nossa história, pois, fazendo isso, corremos o risco de permanecermos estranhos a nós mesmos.

## 2.2 *RATIO*, UM CÓDIGO PEDAGÓGICO DE VIDA

A grande intuição de Inácio de Loyola, nos albores do século XVI, na *Ratio Studiorum* mostra algo de sua imensa atualidade para o processo de evangelização, da educação e da gestão de hoje e motiva para alternativas e novas possibilidades de (trans)formação. De acordo com Klein (1997), a elaboração da *Ratio* pode ser dividida em dois blocos. O primeiro

consistiu de uma fase de levantamento, verificação e adaptação do material pedagógico produzido na Ordem e se deu entre os anos de 1548 e 1583. No segundo, entre 1584 e 1599, foram elaboradas duas versões provisórias da *Ratio* – 1586 (não publicada) e 1591– e, finalmente, a versão definitiva que veio a público no ano de 1599.

A *Ratio* é o sistema pedagógico pensado em vista da formação do homem, inspirado por uma espiritualidade, a serviço de um sistema de valores. Falar de **identidade** e **missão** significa dar a conhecer não só o “**que**” fazemos e “**como**” fazemos, mas, sobretudo, o “**por que**” atuamos na área de educação. O que nos inspira? O que nos motiva? Qual é nossa identidade? O que gera pertencimento? Como nos (trans) formamos?

O código pedagógico a orientar a atividade pedagógica dos colégios jesuítas representa o resultado de uma experiência de meio século aplicado com êxito em todos os lugares.

A *Ratio*, portanto, é filha da experiência, não de um homem ou de um grupo fechado, mas de uma experiência comum, ampla, de tal amplitude, no tempo e no espaço, que lhe assegura uma grandeza majestosa, talvez singular na história da pedagogia. (FRANCA, 1592, p. 23).

Miranda (2009), no livro *Código Pedagógico dos Jesuítas*, afirma que as aulas ocupavam seis dias semanais, nos quais a *Ratio* previa horários para as lições de cada classe, as disciplinas, os exercícios e também para o estudo pessoal, deixando sempre acessível a adequação aos costumes locais.

Os sentimentos mais nobres da honra, da dignidade e da emulação constituem, no sistema da *Ratio*, uma das forças psicológicas eficientes. Note-se que o espírito de competição era um excelente estimulador para os jovens, assim:

Todos os meses, ou de dois em dois meses, eleger-se-ão magistrados na classe e, se parecer bem, atribuir-se-ão prêmios – a não ser na classe de retórica, naqueles lugares em que isso parecer desnecessário. Para esta eleição, os alunos deverão escrever um texto em prosa, em classe e durante todo o tempo da aula e, no caso das classes superiores, outro em verso ou em grego. Nas classes inferiores, se parecer conveniente, pode-se reservar meia hora para uma disputa. Aqueles que escreverem melhor obterão a magistratura superior, os que se lhes seguirem receberão, por ordem decrescente, outros títulos honoríficos, cujo nome se há-de tirar dos cargos civis e militares gregos e romanos, para dar a este procedimento um aspecto mais erudito. Além disso, para favorecer a emulação, a classe poderá dividir-se em duas partes, cada uma das quais terá as suas próprias magistraturas e a outra os respectivos adversários. Deste modo, cada aluno terá seu adversário correspondente. As magistraturas mais elevadas de cada uma das partes sentar-se-ão no primeiro lugar. (MIRANDA, 2009, p. 46).

Contudo, é importante ressaltar que a competição era saudável (mente e corpo) e acontecia por meio de torneios escolares e sessões literárias, entre outros.

O programa da *Ratio Studiorum* resulta assim de um processo criterioso e colaborativo. Acredita-se ser uma obra de homens inspirados, com metodologia sábia. À medida que as organizações escolares da Companhia de Jesus se estruturaram, as adaptações do programa se multiplicavam e exigiam assegurar o método na prática. Miranda (2009, p. 26) diz:

O fundador e primeiro reitor do colégio de Messina, o Pe. Jerônimo de Nadal, foi também um colaborador incansável de Inácio de Loyola, principalmente nas visitas que fez às províncias, com o objetivo de promover uma certa ordem nas diversas fundações escolares.

O método era constituído por 30 conjuntos de regras, para todos os colégios da Companhia. Segundo Klein (1997, p. 35), era um minucioso manual de funções, com a indicação da responsabilidade, do desempenho, da subordinação e do relacionamento do pessoal dirigente, dos professores e dos alunos.

Para tanto, Inácio de Loyola e seus Companheiros buscaram constituir uma pedagogia própria da Ordem dos Jesuítas, entendendo que os alunos formados nos princípios e valores da *Ratio* (Pedagogia Inaciana hoje) tivessem um diferencial na compreensão do mundo e fossem capazes de um protagonismo (trans)formador. Dessa premissa, surge a metodologia do paradigma inaciano que está presente no apostolado educacional nos cinco continentes, educando crianças e jovens em centenas de unidades educativas que vão da Educação Infantil à Universidade.

A *Ratio Studiorum* constitui-se no paradigma pedagógico da Companhia de Jesus. Para tamanho desenvolvimento em quase cinco séculos, os jesuítas, que chegaram a somar 36 mil no mundo, começaram a diminuir em número e passaram a ter que contar com um crescente número de leigos na expansão e manutenção de seu apostolado e da prática da sua Pedagogia Inaciana, por meio do exercício do magistério em suas obras educativas.

Nesse cenário histórico do apostolado educacional, os jesuítas, a par dos desafios e avanços, mantiveram-se atentos às mudanças e adaptações necessárias, desse que é considerado o apostolado profícuo em desenvolver e (trans)formar o ser humano e contribuir com a sociedade. Nesse percurso, o modo de ser e proceder dos jesuítas tinha como uma de suas principais características a “flexibilidade” e não a rigidez.

É importante referir que a *Ratio* trata de uma abordagem extremamente atual do fenômeno histórico da Companhia de Jesus, que muito contribui para a compreensão crítica do mundo globalizado, bem como das raízes de nossa sociedade. Por conseguinte, contribui para a compreensão crítica da feição atual da sociedade, ou seja, dos princípios e valores, das vivências e experiências e da motivação pessoal e das lacunas que a caracterizam.

Os princípios e valores destacados na Tradição Jesuítica em educação, tal como descritos na *Ratio*, têm por objetivo formar e educar pessoas para lhes permitir “ordenar” sua vida, expressos em “solidariedade” e “formar homens e mulheres para e com os demais”. Esse desejo estava presente desde 1551, quando se tomou a decisão de fundar e gerenciar colégios. Exemplo disso é o colégio de Messina. A primeira escola deste gênero foi a de Gandia, na Espanha. Sete anos após a primeira aprovação pontifícia da Companhia de Jesus, em 1547, Inácio enviou para Messina, na Sicília, cinco jesuítas, a pedido dos habitantes da região. Entre eles estavam os padres Nadal e Pedro Canísio. Daí por diante, até a sua morte, em 1556, Inácio de Loyola fundou 39 centros educativos e deixou aprovados mais seis.

De todas essas obras, a predileta de Inácio era o Colégio Romano, ou seja, a hoje Universidade Gregoriana, em Roma. No livro *As Doutrinas dos Grandes Educadores* (The Doctrines of the Great Educators), Inácio figura entre os treze homens que se distinguiram pelo influxo exercido na educação.

Nesse sentido, para Inácio de Loyola, especialmente para os Jesuítas e leigos hoje, “[...] o discernimento, discernir na verdade; o desejar, desejar na liberdade e o agir na competência compõem a tríade na busca do perfil do jesuíta e do gestor leigo de uma instituição da Companhia.” (DUMORTIER et al., 2006, p. 107).

A *Ratio Studiorum* (1590-1773) foi o primeiro sistema pedagógico jesuíta. Atingiu dimensões globais e influenciou sistemas educativos nacionais, especialmente por apresentar uma gradualidade dos estudos, valorização da disciplina e forma de conceber a avaliação. Com a supressão dos jesuítas (21 de julho de 1773), ela foi praticamente extinta. Uma série de conflitos econômicos, políticos e culturais atingiu os países da Europa, suas colônias e a Igreja. O Papa, então, decretou o fim da Companhia de Jesus, e todos os seus bens e atividades passaram aos Estados Nacionais. Quatro décadas depois, com a restauração, os jesuítas voltaram às atividades da educação, porém, os Estados Nacionais, o uso das línguas locais nos sistemas educativos e os controles governamentais sobre os currículos dificultaram a retomada da proposta da *Ratio*.

Matricular um filho num colégio de “**inspiração inaciana**” é muito mais que um ato de formalidade legal ou (o que é pior) “terceirizar” a educação: pelo contrário, é

comprometer-se com a missão educativa fundada nos **valores** do Evangelho; é tornar-se **parceiro** na Missão específica do colégio; é **acompanhar** e **participar** mais de perto do processo de maturação humana, afetiva, intelectual, social e religiosa do filho.



### 3 INÁCIO DE LOYOLA, A PESSOA E O SANTO: HISTÓRIA COMO LEGADO

Pretende-se, portanto, neste momento, refletir sobre essa tensão fecunda do legado de Inácio de Loyola, homem do seu tempo e destacar o que há de “grandioso” na sua pessoa e no seu ideal de vida, que se tornou ideal de vida e Missão para toda a Companhia de Jesus e para os leigos. Um aspecto marcante da personalidade de Inácio de Loyola é o fato de ele ter nascido nos albores da modernidade, quando o mundo começava a sofrer grandes revoluções nas suas correntes históricas. Na autobiografia, uma marca do jovem Inácio de Loyola, que aparece desde cedo e que vai depois permanecer como herança para toda Companhia de Jesus, é a sua lealdade, virtude muito importante. Mesmo desde antes da conversão, Inácio de Loyola é, antes de tudo, leal. É leal ao Rei a quem serve, como nobre que é e súdito. Podemos questionar esta lealdade, porém, era o seu Rei. Esta é uma figura que vai aparecer nos Exercícios Espirituais: a meditação do Rei temporal, temática dentro dos Exercícios Espirituais. Inácio havia colocado sua vida à disposição desse soberano e quer ser inteiramente leal a ele. Trata-se de uma lealdade ardente, apaixonada; nada de lealdade legalista. É realmente um ideal de vida, pois não é simplesmente obedecer a um chefe de quem se tem medo é servir a um senhor a quem se ama. Esta é uma experiência central para Inácio de Loyola, um ideal de vida.

O coração inflamado, quando no combate de Pamplona, fronteira entre Espanha e França, é outro contexto formativo bem significativo da personalidade de Inácio de Loyola<sup>16</sup>. A batalha estava perdida. Todos queriam a rendição porque não havia mais nada a fazer ali. Mas Inácio teimou em resistir. Foram derrotados, e ele ficou gravemente ferido. A experiência da ferida no corpo é muito significativa, muito concreta e representativa da grande ferida que se abre no coração, na alma e no interior de Inácio.

A longa convalescença física por que vai passar no castelo de Loyola corresponde a uma convalescença espiritual, na qual o ferido vai se redescobrir todo de novo e vai descobrir em si mesmo todo um mundo de movimentos interiores, de sentimentos, de movimentos, de desejos, coisas que nunca antes havia percebido. É aí que ele vai ter a aprendizagem, a

---

<sup>16</sup> Uma vez curado das feridas da guerra de Pamplona, retirou-se a Manresa, pequena localidade da terra Catalã, para confrontar toda sua vida passada com a palavra de Deus. Precisava fazer isso, passar por essa experiência durante quase 9 meses. Foi um segundo nascimento! Sem o saber, iniciara os *Exercícios Espirituais* (EE), marca registrada da sua espiritualidade. Os EE são uma autobiografia pedagógica, salvificamente escrita; “*modo e ordem*” que cada um tem de sentir e saborear a descoberta do “*sentido da história*” própria. Autobiografia de Inácio de Loyola

experiência inicial e decisiva do que depois será um dos campos em que é mestre: a arte do discernimento dos espíritos.

Sua convalescência se dá em Loyola, na casa da sua tia. Ali é Iñigo, convalescendo: Iñigo, que significa fogo. Ali é Iñigo Lopes de Loyola, nobre e ferido. Iñigo é o nome do velho homem, muitas vezes violento, apaixonado e mulherengo! Inácio de Loyola, pelo contrário, é o nome do novo homem humilde, serviçal e fraterno.

Nesse momento de convalescença queria ler para se ocupar. Costumava ler novelas de cavalaria, mas não as tinha. Trouxeram-lhe então a “Vida de Cristo e dos Santos”. E ele descobriu que esses relatos eram muito mais interessantes que as novelas de cavalaria. Começa não só a ler a “Vida de Cristo e dos Santos”, passa, naquele momento a dar especial atenção para a vida de São Francisco de Assis, a ter desejos de imitar Jesus Cristo, a querer fazer as mesmas coisas que os santos faziam, num movimento que nem é totalmente purificado, ainda imbuído daquele espírito competitivo de militar fora de combate, querendo ser o melhor e se destacar: “Se São Francisco de Assis pode, então por que não eu? Se São Domingos pode, então por que não eu?” (AUTOBIOGRAFIA DE INÁCIO DE LOYOLA, 2000, nº 5, p. 21-22)<sup>17</sup>. Ainda é algo não muito claro o que ali aflora, mas já se apresentava como um desejo autêntico do homem novo que estava sendo moldado por Deus.

### 3.1 ABANDONO, CONFIANÇA E DESCOBERTAS

Inácio de Loyola vai descobrindo que encontrou um novo senhor. O rei a quem servia, o rei temporal, é substituído por este novo rei, que é Jesus Cristo. Descobre-se cheio de desejo de fazer as coisas que as pessoas que seguiram a Jesus Cristo em suas vidas fizeram. Percebe que, quando pensava como nobre nos antigos ideais de conquistar e realizar várias vitórias militares, fazer coisas pela dama dos seus pensamentos, entre outras aventuras, sentia uma alegria passageira, uma euforia. E, logo, era tomado por um sentimento de vazio. Na convalescença, quando pensava em seguir a Jesus Cristo, sentia uma alegria que permanecia; e começa a perceber as diferenças dos movimentos interiores. Dá atenção aos sentimentos de quando está consolado e desolado, e se pergunta: por que me sinto assim? Elege temas sobre os quais submete seu pensamento, toma notas, reflete e confronta com longos momentos de

---

<sup>17</sup> Os livros que Inácio leu em sua convalescença, eram de Dona Madalena de Araóz: “*A vida de Cristo*”, escrito por Ludolfo de Saxônia (morto em 1377), vulgarmente chamado “o Cartusiano” e traduzida por Ambrósio Montesino. Autobiografia de Santo Inácio de Loyola.

meditação, aspectos que depois, como avaliação, ajudam quando vai sistematizar minuciosamente, nos Exercícios Espirituais, essa sua experiência.

O Inácio de Loyola que sai do castelo de Loyola é um cavaleiro transformado, agora, em peregrino. É alguém que passa pelo ritual simbólico de depositar as armas aos pés de Nossa Senhora. Tira as vestes de cavaleiro e se veste realmente como peregrino. Nova roupa para novos tempos, para acolher o novo homem. E começa o seu novo itinerário. Nesses primeiros tempos observa-se, sobretudo, o Inácio místico, no sentido mais clássico da palavra. É alguém que vai mergulhar na experiência deste Deus que acaba de redescobrir em novas bases, passando por todas as provações por que passam os místicos: tentações, escrúpulos, noites escuras, prolongadíssimas horas de oração e jejum, necessidade de solidão. São extravagâncias, mesmo, querendo combater os antigos defeitos, os pecados que via em si mesmo, como vaidade, soberba, orgulho. Deixa crescer o cabelo, para de cortar as unhas.

A experiência de Deus leva a algo análogo. Tem uma fase em que Inácio de Loyola demonstra, de forma autêntica essa experiência: quando a pessoa tem necessidade de viver aquela paixão, por Deus, aquele amor por Cristo, demonstra a correspondência desse amor às vezes por vias que parecem um pouco extravagantes. Houve muitas penitências, prolongados jejuns, escrúpulos e remorsos. Inácio de Loyola prejudicou a sua saúde para sempre com aqueles anos iniciais que passou em Manresa, cidade espanhola banhada pelo Rio Cardoner, onde numa gruta costumava meditar e orar.

Ali ele teve uma manifestação divina sobre os Exercícios Espirituais, que veio a marcar a sua vida: vive como Santo; sofre como Santo. Ali ele experiencia o nascimento dos “Exercícios Espirituais”. Hoje ainda, Manresa é um dos lugares ícones da história da Companhia de Jesus, por remeter à origem dos Exercícios Espirituais.

A questão ascética é muito forte para ele nesse período. É uma etapa purgativa, purificadora, em que o convertido sente necessidade realmente de romper com a vida passada, de sinalizar que é uma nova vida. A ruptura se dá por sinais, inclusive sinais físicos, e atitudes comportamentais de conversão. Ao mesmo tempo, vai entrando nele um desejo bem forte de ir a Jerusalém. A imitação de Jesus Cristo, que é sua obsessão, começa a ser algo que o polariza de tal maneira que ele se autocompreende como “peregrino”, alguém que está em busca da imitação de Jesus Cristo, e que só pode realizar isto indo e vivendo na terra em que Jesus Cristo nasceu e viveu. Este passa a ser um desejo constante, que ele vai tentar realizar de todas as maneiras; porém, não vai conseguir. Vai conseguir ir a Jerusalém, mas não vai permanecer lá. E isto também é interessante, pois é um movimento interior para o qual os limites se impõem antes vê-lo concretizado. É uma nova barreira.

### 3.2 INÁCIO DE LOYOLA, ATRAÍDO POR DEUS EM FAZER O BEM

Desde essa época começa também a aparecer um traço que é fundamental no perfil de Inácio de Loyola como Santo. Até aqui destacou-se o tema do amor a Deus, dessa atração, desse enamoramento por Jesus Cristo, essa paixão por este Deus que o habita. Isso acontece desde o início, mesmo nessa fase mais solitária de Manresa, como seu lugar de referência de encontro com Deus, unido a uma percepção de que ele tem de poder ajudar os outros.

Isso de ajudar as almas é algo que aparece na sua biografia desde muito cedo. É quando ele começa a perceber, por exemplo, que, falando com as pessoas, consegue atraí-las para perto de Deus, consegue cativá-las para Jesus Cristo. Quando começa a perceber que, sem cortar as unhas e o cabelo, provocava repulsa nas pessoas, volta a cortar o cabelo e as unhas. O desejo apostólico vai se ordenando e apaziguando um pouco aquela paixão selvagem, do início, que lhe dizia para seguir a Deus e romper com a sua vida passada.

Os traços da pessoa de Inácio de Loyola são a marca da história e da origem da Companhia de Jesus. É interessante notar que, ao escrever as Constituições da Companhia de Jesus, ele destaca as qualidades que o Superior Geral deverá ter: todos os estudiosos chegam à conclusão, ao analisar tais qualidades, de que se trata dele mesmo. A pessoa de Inácio de Loyola é o referencial.

Do percurso histórico da vida de Inácio de Loyola, é fundamental destacar traços do seu perfil. Inácio de Loyola era homem de desejos. O homem que deseja, que sabe desejar, que tem o desejo sempre aberto, sempre com o potencial para desejar mais e mais... É o contrário de um homem moldado e determinado simplesmente por um legalismo. Ao contrário disso, o fundamental, o determinante em Inácio de Loyola é o desejo. Aliás, para fazer a experiência dos Exercícios Espirituais, ele verifica se a pessoa é uma pessoa de desejos ou não. Se não tem desejo, como vai entrar numa aventura dessas?

Para fazer a experiência dos Exercícios Espirituais, é preciso que o sujeito tenha despertado o desejo, um desejo verdadeiro, um desejo humano: desejar a Deus. Desejar amar, desejar conhecer: sem dúvida, isso, em Inácio, é um traço fundamental de sua personalidade.

Outro traço é a capacidade de encontrar o máximo no mínimo. Abrir o coração e a mente, generosamente, para com Deus (nenhum ideal lhe parecia suficientemente grande); outro traço, ainda, é saber concretizar isso no mais humilde, no aparentemente mais insignificante, fazendo a coisa aparentemente menos nobre. E crer que ali está contido aquele

horizonte universal. E é essa conquista e atitude do ser humano diante da vida, o grande começo para a mudança.

Inácio de Loyola, ao longo do processo de organização da estrutura da Companhia de Jesus e durante os primeiros anos da missão, muito ajudou e também aceitou ajuda. Aquele pequeno grupo espalhado pelo mundo inteiro – Primeiros Companheiros – cresceu de uma maneira incrível, e trouxe, para um momento crítico da história da Igreja, uma contribuição fundamental: a possibilidade de compreender de forma diferente a vida religiosa, que até então era uma vida monástica, voltada para a clausura.

### 3.3 INÁCIO DE LOYOLA, ATRAÍDO PARA CRISTO

A atração de Inácio de Loyola por Jesus Cristo, pelo Cristo pobre, humilde, carregado com a cruz, reflete a sua fé no filho de Deus. É uma fé por esse Deus que entra na condição humana, entra nas dimensões mais negativas, humildes e difíceis da vida humana. Entra na finitude humana e vulnerabilidade da humanidade. Ninguém como Inácio de Loyola viveu a experiência de Deus como a experiência de um Deus maior, sempre maior. Deus não tem tamanho para Inácio de Loyola. E, no entanto, ele vê a revelação desse Deus privilegiadamente nesse caminho menor de Jesus Cristo. É isso que lhe dá essa flexibilidade de ir do máximo para o mínimo e no mínimo encontrar o máximo, que no fundo é o segredo de encontrar Deus em todas as coisas.

Deus, para Inácio de Loyola, é alguém diante de quem a reverência é algo fundamental. Louvar, reverenciar e servir a Deus Nosso Senhor (Princípio e Fundamento dos EE, nº 23, p. 31) é o espaço e primeiro passo dessa experiência. Inácio reconhece a profunda relação da revelação de respeito entre criatura e seu Criador e Senhor, mas é alguém íntimo também, que ama e quer ser amado. "Deseja dar-se", como ele diz nos Exercícios Espirituais, e na Contemplação – "Contemplação Para Alcançar Amor": "quanto o mesmo Senhor deseja dar-se a mim", "na medida do possível", isto é, "na medida em que eu consiga suportar". Aí, sim, pode encontrá-lo em todas as coisas, pois todas as coisas estão impregnadas da presença desse Deus.

Se lemos o Diário Espiritual de Inácio de Loyola, escrito nos últimos anos de sua vida, quando poderíamos pensar que foram esfriados os fervores, vamos encontrar lágrimas do princípio ao fim. Por exemplo, ele ia Celebrar e não conseguia ir adiante, porque chorava de tanta consolação, de tanto amor que sentia por Deus. E ali ele estava discernindo um parágrafo da Constituição da Companhia de Jesus: se as casas professas deviam ou não ter

renda. Trata-se de um problema muito material, e nisso ele ia ao céu e voltava, passeava no seio da Trindade, tinha visões, chorava.

A experiência de Inácio de Loyola diz que nada na vida é alheio à experiência de Deus. Tudo tem a ver com Deus, e Deus transfigura tudo. Então, Deus pode ser encontrado em todas as coisas. Isso permite entender que uma pessoa assim possa ter sido um místico ardente e, ao mesmo tempo, um estrategista com experiências refinadas. Foi um fundador, um organizador, um formador de pessoas, um idealizador de um grupo religioso de dimensões universais, que desde Roma controla os que estão no Oriente, na América, em missão pelas diversas partes do mundo. É pela vivência de uma experiência espiritual assim que isso pode acontecer.

### 3.4 INÁCIO DE LOYOLA, UM MÍSTICO QUE SERVE

Outro traço é a vivência da “mística do serviço”. Isso tem a ver com o seu ideal de nobre cavaleiro que servia lealmente a um soberano e, naquele serviço, empenhava sua vida. Uma vez convertido, esse serviço passa a ser serviço a Deus, que, sem dúvida, é o único Senhor, o Rei Eterno, Senhor universal, mas também, serviço aos outros. Fundamentalmente, a mística de Santo Inácio é uma mística do serviço, entendido como louvar a Deus e ensinar aos outros a entrarem neste louvor e, por sua vez, servirem também. Ele vê o protótipo desse serviço na pessoa de Jesus Cristo e, depois, nos apóstolos. Ele compreende a si mesmo como alguém que está a serviço.

Essa mística é a mística do serviço, e é no serviço que se encontra Deus. Tudo isso é baseado no enamoramento pela pessoa de Jesus Cristo e numa percepção muito fina dos movimentos do Espírito. Inácio é alguém que não se contenta com o bom: ele quer o melhor, mesmo que, para ele, o máximo seja possível de encontrar no mínimo. O bom para ele não basta: tem que ser o ótimo, o excelente, o melhor.

### 3.5 INÁCIO DE LOYOLA, HOMEM DE DISCERNIMENTO

Com Inácio de Loyola aprende-se que, entre uma coisa boa e uma ruim, não é necessário discernimento. Não podemos discernir entre roubar ou não roubar. Pode-se ter vontade de roubar e efetivamente roubar. Mas não há discernimento; discernimento só existe entre uma coisa boa e outra coisa boa, para ver-se qual é a melhor. Esse "qual é a melhor" não é uma pergunta fácil. O que é melhor, para mim, naquele momento, naquelas circunstâncias? “Melhor” significado onde posso servir mais a Deus. Nem sempre é a resposta mais fácil e nem sempre é a mais difícil. Nem sempre é a mais heroica, e nem sempre é a mais apagada. É todo um conjunto de movimentos, de sentimentos, de circunstâncias que têm de ser passados pelo pente fino do discernimento.

É isso que é fascinante, pois é necessário desenvolver uma atenção e uma sensibilidade à presença de Deus em nós, aos movimentos que esse Deus faz em nós. Ao mesmo tempo, é preciso ter uma lucidez muito grande em relação às circunstâncias e à realidade. O discernimento não se faz se tratar-se apenas de uma pessoa com uma grande sensibilidade espiritual e sem muita sensibilidade para o que acontece em volta. Também não se faz se tratar-se de uma pessoa com muita sensibilidade social, mas pouca sensibilidade espiritual.

O espiritual e o social, o pessoal e o circunstancial são elementos que têm que estar em constante interação para que o discernimento realmente se faça. Não se faz um discernimento ignorando as circunstâncias da Igreja, da sociedade. Da mesma forma, também não se faz um discernimento sem uma escuta profunda dos movimentos do Espírito. Nisso, Inácio foi um mestre: foi um mestre na sua própria vida e na vida dos outros.

### 3.6 INÁCIO DE LOYOLA, HOMEM DO SEU TEMPO

Outro traço do perfil de Inácio de Loyola é que ele foi um ser teocêntrico dos tempos secularizados. O que caracteriza o mundo medieval é o teocentrismo: tudo à volta de Deus; Ele como medida de todas as coisas. Nos tempos modernos, o homem é a medida de todas as coisas, é a secularização.

Inácio de Loyola consegue ser plenamente um homem de seu tempo, assumir e viver o melhor dessa modernidade que se anuncia e que traz contribuições positivas para a humanidade. Ao mesmo tempo, não perde esta centralidade de Deus, pois considera que Ele é quem articula todas as coisas. Deus é o único que pode dar a unidade a todas as coisas. O

homem, se não estiver centrado em Deus, esfacela-se. Uma das tristes lições da face negativa do mundo contemporâneo é que, hoje, as pessoas, em geral, estão muito fragmentadas; costumam a encontrar sua unidade e, por isso, estão ansiosas atrás de algo em que crer.

As pessoas precisam encontrar o seu eixo unificador. Inácio era alguém muito convencido de que só Deus pode ser esse eixo unificador. Uma contribuição que ele traz é a possibilidade de, mesmo em tempos fragmentados, reencontrar essa unidade que nós tanto buscamos. Ele propõe uma espiritualidade que tenta articular contemplação e ação, oração e apostolado, experiência de Deus mesmo no meio da atividade mais febril. Enfim, busca conciliar esses polos aparentemente opostos. Ele tenta propor algo que é possível, não só aos jesuítas, como também aos leigos: os que estão no mundo do trabalho, da política, da educação. Não há nada, nenhuma atividade, que impeça o homem de encontrar a Deus. Nesse sentido, Inácio de Loyola apresenta mais fortemente para o cristianismo algo que é original do cristianismo mesmo, que todo cristão é um místico, ou seja, alguém que experimenta o Mistério, e que é destinado a ser íntimo do Mistério, a entrar em comunhão com o Mistério.

A experiência de Inácio de Loyola abre perspectivas nesse sentido, de que qualquer pessoa, em qualquer circunstância, seja chamada a viver uma vida profunda de união com Deus. E esta vida não é só para os "profissionais" da espiritualidade. É muito importante saber que a santidade, a vida de união com Deus é condição de possibilidade oferecida para todos. Não é só para poucos escolhidos; não é só para uma minoria, uma elite. Inácio de Loyola é alguém para quem a qualidade da experiência é sempre algo muito fundamental, mas é alguém que, de certa maneira, democratiza aquilo que é a experiência mística mais profunda do cristianismo.

### 3.7 REFLETINDO SOBRE O PARADIGMA DA PEDAGOGIA INACIANA: UMA PROPOSTA PRÁTICA

A reflexão sobre o Paradigma da Pedagogia Inaciana nasce da tradição educativa da Companhia de Jesus, como sua “identidade e missão”, como sua marca e capacidade em criar identidade, pela educação que oferece. É verdade que hoje faltam paradigmas educacionais diante do mundo complexo que nos toca viver. Revelar a identidade, através de uma proposta prática, torna-se assim a “cumplicidade tácita” (KLEIN, 1997), impossível de ocultar. Sem revelar a identidade do Paradigma da Pedagogia Inaciana, por meio da sua proposta prática, seu modo de contagiar pedagogicamente, dificilmente será possível promover a (trans)formação das pessoas e da sociedade.

A Companhia de Jesus, desde o início, sabiamente, apresentou ao Papa Paulo III a intenção do seu carisma e espiritualidade e divulgou de modo imperativo a que veio. Sem dúvida, ao longo da história, isso também teve suas consequências.

O apostolado educacional dos jesuítas torna-se um dos apostolados de grande repercussão nos cinco continentes. A Companhia de Jesus dedicou-se à educação desde o seu início e os Jesuítas perceberam que poderiam, através deste serviço educativo e de evangelização, alcançar a realização dos seus objetivos.

As *Características da Educação da Companhia de Jesus* (1986) e a *Pedagogia Inaciana: uma proposta prática* (1993), ambos os documentos sobre Educação, destacam a finalidade, a dinâmica, os atores, as condições e a amplitude do processo educativo para todos os níveis de ensino. Esses dois documentos são considerados chaves para conhecer a Pedagogia Inaciana, levando em consideração as condições locais “continuamente em mudança” (CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS, 1996, p. 7).

O Pe. Pedro Arrupe e o Pe. Peter Hans Kolvenbach, na introdução aos documentos *Características da Educação da Companhia de Jesus* e *Pedagogia Inaciana – uma proposta prática*, recordam a orientação de “assegurar que sejam conhecidas como obras da ‘Companhia de Jesus’, que é a principal tarefa de todos os superiores, diretores e gestores leigos das instituições educativas da Companhia de Jesus”. Nesses documentos, as diretrizes e orientações para todos os Colégios, também ressaltam a tarefa do ensino superior, que tenham o substantivo “universidade” e somem esforços para que a docência, a pesquisa e os serviços culturais estejam impregnados de autonomia, excelência científica e ajudem a ampliar a consciência humana e social. E como adjetivo, recordam a finalidade e o modo de proceder típico da Companhia de Jesus.

A Pedagogia Inaciana está fundada em uma visão de mundo, de antropologia e de ética cristãs. Traz as marcas do ideal renascentista, caracterizado por uma aposta no pleno desenvolvimento da pessoa humana e das suas potencialidades. Contempla a autonomia e a liberdade; visa a uma formação intelectual e acadêmica em vista das soluções dos problemas históricos. Busca a excelência, a justiça e o melhor serviço e é personalizante. Traduz-se no Paradigma da Pedagogia Inaciana, assim denominado não porque tenha sido elaborado por Inácio de Loyola, mas por encontrar em sua experiência de Vida e Missão, as intuições pedagógicas, a inspiração para a visão, a organização e as atitudes metodológicas nela expressas. Esse “corpo pedagógico”, desde a sua primeira elaboração, está em constante (re)elaboração e (re)leitura, sempre buscando responder aos sinais dos tempos e mudanças.

Em termos metodológicos práticos, no processo de ensino e de aprendizagem, contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação, os cinco momentos do Paradigma da Pedagogia Inaciana se relacionam entre si, permeando toda a atividade educativa.

Caberiam muitas páginas de detalhamentos históricos dos aspectos teóricos e práticos da Pedagogia Inaciana. Como horizonte e preâmbulos introdutórios, reconheço alguns frutos esperados: professores e educandos em constante busca para internalizar o aprendido; ampliação da consciência afetiva; postura e atitude como valor humano e ensino e aprendizagem como possibilidade de (trans)formação. Além disso, a união dos conceitos à prática, no desenvolvimento de competências para a tomada de decisões pessoais com sentido ético e social: por isso, (trans)formar homens e mulheres com e para os demais.

Inácio de Loyola tinha a convicção de que letras sem espírito não constroem humanidade, não refletem o rosto criador de Deus e nem cuidam amorosamente da terra. Espírito sem letras não toca a dinâmica do mundo, suas leis internas que são decifradas pelas ciências e pela razão, nem se responsabiliza por elas. Seu desejo e intuição era a experiência do humano e pelo humano, permeados pelo modo de proceder típicos da Companhia de Jesus: encontrar Deus em todas as coisas.



## 4 DELINEANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA

Na condução desta dissertação, procurei fazer uma apresentação conceitual dos jesuítas: quem são, o que fazem e o que fizeram, num resgate dos princípios e valores da história da educação jesuíta, pontuada no Colégio Anchieta. Embora este não seja o foco, vi como fundamental retomar a reflexão com um viés historiográfico, para que fosse possível entender a força de uma Ordem Religiosa e os efeitos dela, através de mecanismos como Pedagogia Inaciana, na formação de homens e mulheres pelo mundo afora, desde o século XVI até a contemporaneidade.

Na continuidade do presente trabalho, defino de forma mais sistemática os conceitos com os quais operei as análises, apresento o cenário estudado, os instrumentos utilizados na pesquisa e discorro sobre a história de vida do professor Fernando, escolhido para compor esta narrativa. Por fim, procedo às análises e faço o fechamento, ou melhor, o entrelaçamento entre fios tecidos nesta dissertação.

### 4.1 CENÁRIO DA PESQUISA: O COLÉGIO ANCHIETA

A Companhia de Jesus, fundada no contexto do século XVI, exerceu um papel histórico importante diante do movimento da Igreja e da sociedade, em parte, isso foi devido à sua estrutura, à abrangência e ao foco da missão, mas, acima de tudo, pelo zelo apostólico dos seus membros (O'MALEY, 2004). Em 1549, a Companhia já fazia-se presente no Brasil, no primeiro momento na Bahia, em seguida ganhando os pampas e, enfim, chegando a Porto Alegre.

As façanhas desta missão e história não param por aí. O "Colégio dos Padres", como o Colégio Anchieta era conhecido inicialmente, nasceu em 13 de janeiro de 1890, pouco depois da Proclamação da República (1889). No Rio Grande do Sul, em especial, os preceitos pedagógicos cristãos tiveram de confrontar-se com os valores do positivismo e da doutrina do francês Auguste Comte (1798).

Na figura 4, podemos ver o contexto da época, pela composição do quadro, perfil e organização. Esse cenário, necessariamente requer um distanciamento para compreender as mudanças.

**Figura 4 – Quadro de professores do Colégio Anchieta, década de 1950**



**Fonte:** Arquivo do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta

*Colégio Anchieta, década de 1950, quadro de professores, entre eles, o Pe. Mathias Schmitz, Pe. Francisco Toilier, Prof. Nelson Mansur, Pe. José Montenegro, Pe. José Carlos Nunes, Pe. Morsch, Pe. Ayrton Bittencourt, Prof. Mário, Pe. Eulógio, Prof. Nadir Rosseti, Pe. Armando Marocco, Pe. Ernesto Mauermann, Pe. Francisco Longino, Prof. Fernando Meyer, Prof. Antonio Mansur, Prof. Airton Vargas, Prof. Zachia, Prof. José Carioli, Prof. Berlitz e Prof. Salvador.*

**Figura 5 – Sala de aula do Professor Fernando, da primeira turma de alunos do 3º Ano Primário, 1958**



**Fonte:** Arquivo do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta

O cenário mudou, permanece o espírito de uma educação pautada em afirmar a Missão da Companhia de Jesus pela educação, optando em promover a vida, em suas mais diferentes formas. Para quem conviveu e quem convive com tal Missão, ela é legítima e merecida. Muitos são os elementos que sustentam tal posição, como visto anteriormente, não havendo necessidade de rerepresentá-los. Contudo, se resta alguma dúvida, basta recordar o respeito, a estima e o reconhecimento de que ainda hoje este colégio é alvo, bem como o fato de estar na capital por 123 anos.

O Colégio Anchieta, situado em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, pertence à Província do Brasil Meridional (BRM), tem como mantenedora a Associação Antônio Vieira (ASAV) e oferece Ensino de Educação Infantil até o Ensino Médio aos seus três mil alunos aproximadamente (2012); é dos maiores representantes da educação católica no Estado.

Referência no ensino gaúcho, o Colégio é visto como vanguarda na educação, recebendo inúmeras premiações como reconhecimento. Parte dos diferenciais do Colégio

Anchieta reside no Museu Anchieta de Ciências Naturais, que tem impregnado o espírito da identidade e herança histórica do carisma e espiritualidade da Companhia de Jesus, que motiva o fazer pedagógico em busca de novos saberes. Essa história será (re)contada nesta pesquisa narrativa. Antes apresentamos alguns dos principais gestores e professores do Colégio Anchieta da década de 50, conforme figura 5.

O processo de (trans)formação expresso na história de vida aqui apresentada, com a motivação e inspiração inaciana em continuar acreditando no lema de “em tudo amar e servir”, para “a maior glória de Deus”, deseja contribuir com a Instituição e com aqueles e aquelas que são anchietanos de ontem, de hoje e do amanhã.

Como uma instituição cristã/confessional da Companhia de Jesus, o Colégio Anchieta é mantido pelos jesuítas e conta atualmente (2012) com 354 colaboradores leigos que se propõem a trabalhar os ideais do projeto de Inácio de Loyola, o que já define os parâmetros para o tipo de educação que busca. O Colégio Anchieta tem como proposta a formação de cidadãos para a sociedade e para o mundo, isto é, homens conscientes do sentido e significado da formação para a sociedade, comprometidos com sua proposta e afirmando valores universais contidos no seu carisma e espiritualidade.

Esse compromisso implica ter a leitura de contexto e a experiência como premissas para realizar os estudos e atividades, bem como para ver o ser humano como sujeito e agente do processo de ensino e de aprendizagem, situado criticamente no seu contexto histórico. As questões relacionadas à (trans)formação das pessoas e à dialética do desenvolvimento humano, ao processo de formação permanente e continuada, às crises institucionais, à falta de políticas educacionais e à efetiva contribuição da educação para a sociedade no contexto educacional têm chamado a atenção a mim e a todos que se sentem comprometidos com essa Instituição.

A dialética do desenvolvimento humano é bastante complexa, pois envolve uma série de fatores afetivos, cognitivos, éticos e de amadurecimento humano e desempenho acadêmico. Os estudos sobre as implicações dos processos da dialética do desenvolvimento humano em contextos educacionais serão apresentados como fatores determinantes de (auto)formação e (auto)desenvolvimento, apontados como um caminho bastante promissor quando se reflete sobre histórias de vida.

A proposta pedagógica do Colégio Anchieta tem como meta a formação para a excelência humana e acadêmica. Além de trabalhar o conhecimento científico e propiciar situações em que o desenvolvimento e o amadurecimento humano estão constituídos, procura

formar criticamente pessoas para entender os problemas de seu tempo, com uma compreensão racional e cristã do mundo e da história.

O Colégio Anchieta objetiva a formação de cristãos para a sociedade e o mundo, ou seja: homens que descubram sua vocação e seus talentos pessoais, responsabilizando-se por essa descoberta. Tem como *Missão* oferecer educação inovadora, fundamentada na tradição jesuíta, que promova a excelência humana e acadêmica e o desenvolvimento de uma sociedade sustentável. Finalmente, tem como *Visão* ser um centro educacional de referência, inovador em suas propostas e práticas pedagógicas e na formação de cidadãos críticos, conscientes e empreendedores.

#### **4.1.1 Proposta educacional**

A proposta de educação do Colégio Anchieta, como espaço educacional jesuíta, tem como essência a formação para a excelência humana e acadêmica. Isso se dá através de uma educação humanizadora e cristã, em que se destaca o valor do ser humano como pessoa autônoma, individual, consciente e responsável, concretizando-se numa convivência com práticas solidárias e transformadoras da realidade. Trata-se de uma educação para a cidadania, em que se constrói, sistemática e criticamente, o conhecimento e a compreensão da cultura e da história. As atividades de aprendizagem levam à vivência da liberdade de pensar, de refletir, de buscar soluções e de trabalhar a compreensão e a problematização da realidade.

O Colégio Anchieta fundamenta seu projeto educativo na inspiração inaciana, que tem como mestre Jesus Cristo. A filosofia educacional da Companhia de Jesus é baseada nos Exercícios Espirituais e nas experiências de Inácio de Loyola. O texto *As Características da Educação da Companhia de Jesus* apresenta a finalidade do Colégio:

O nosso ideal é a pessoa harmonicamente formada, que é intelectualmente competente, aberta ao crescimento, religiosa, movida pelo amor e comprometida com a prática da justiça no serviço generoso ao povo de Deus. (CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS, 1987, p. 47).

A reafirmação desse ideal consta no livro *Pedagogia Inaciana – uma proposta prática*, em que é definido o objetivo da educação jesuíta como “o desenvolvimento global da pessoa, que conduz à ação inspirada pelo espírito e à presença de Jesus Cristo, filho de Deus e homem para os outros.” (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, p. 23). Assim, pretende formar

líderes no serviço e na imitação de Jesus Cristo, homens e mulheres competentes, conscientes e comprometidos na compaixão.

A Pedagogia Inaciana propõe um processo de educação reflexivo e comprometido, tendo como proposta um paradigma desafiador – contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação. Sua viabilização está inserida no tempo de desafios e contradições que caracteriza este milênio.

#### **4.1.2 Princípios de Convivência**

Os princípios filosóficos-teológicos e didáticos que o Colégio adota são inspirados na *Ratio*, entendida como código pedagógico a orientar e fomentar os princípios e valores que podem levar à convivência desejada, que é buscada mediante a observação dos seguintes critérios:

- a) autonomia pessoal e coletiva – é o fundamento básico para o comportamento moral e para o uso responsável da própria liberdade, expressando-se na capacidade de estabelecer normas para si mesmo e para o grupo e de manter o senso crítico e o posicionamento independente frente às mensagens e às pressões externas;
- b) discernimento – compreende a consciência da conjuntura para a tomada de decisão mais adequada ao momento, diferenciando o certo do errado; depende do nível de maturidade, do equilíbrio e dos valores da pessoa;
- c) respeito às diferenças – aceitação e compreensão da diversidade humana, percebendo que as diferenças individuais contribuem para o desenvolvimento das relações e que a possibilidade do diálogo com o diferente passa necessariamente pelo autoconhecimento, promovendo o bem comum;
- d) solidariedade – entendida, aqui, como um princípio que direciona o indivíduo a compartilhar com o outro, colocando-se numa busca incessante da pluralidade relacional, atendendo às necessidades coletivas e desenvolvendo uma cultura de ajuda, através do envolvimento afetivo com a causa do outro, a fim de promover mudanças pessoais e sociais;
- e) alteridade – princípio que orienta a maneira da pessoa se manifestar em sua autenticidade, colocando-se no lugar do outro e garantindo a reciprocidade, que possibilita a superação do individualismo e o desenvolvimento do grupo;

- f) responsabilidade – capacidade de assumir livremente a autoria de seus atos, levando em consideração o senso de limites sociais e o respeito às diferenças, que devem caracterizar o compromisso do indivíduo para consigo mesmo e para com o grupo;
- g) cooperação – capacidade de estabelecer relações de ação conjunta, consciente e comprometida para atingir objetivos comuns sem perder de vista a individualidade, desenvolvendo as competências que formam pessoas aptas a enfrentar situações diversas e trabalhar em equipe com receptividade, disponibilidade e disposição;
- h) cordialidade – exige saber conviver e aceitar as normas que regem as relações de um grupo, com afetividade, aceitação plena do outro, compromisso e diálogo, com vistas a um projeto comum.

O fim a que o Colégio Anchieta se propõe em relação a seus alunos é a formação de cidadãos para a sociedade e o mundo, isto é, homens que descubram a sua vocação e profissão e se responsabilizem por essa descoberta. Nesse sentido, no desenvolvimento humano, os fatores psicológicos e emocionais orientam escolhas, na definição de objetivos, no empenho, no esforço e na persistência diante dos desafios da vida.

Deste modo, a proposta educativa da Companhia de Jesus busca formar “homens para e com os demais”, para que sejam “competentes, conscientes e comprometidos na compaixão.” (PEDAGOGIA INACIANA, nº 12, p. 24). O constructo humano e psicológico da historicidade da Companhia de Jesus é relevante para o educador inaciano, com ênfase especial à formação permanente e a sua atuação como professor, bem como o conhecimento do paradigma pedagógico, desde a primeira versão da *Ratio*, sobre a qual o processo de ensino e aprendizagem está estruturado.

O contexto atual do Colégio Anchieta, cenário no qual a proposta pedagógica é desenvolvida, quando expresso em números mostra as dimensões dessa missão educativa que já alcança os 123 anos, mantendo viva a tradição jesuíta pela fidelização de muitas famílias, de famílias de ex-alunos e comunidade porto-alegrense. O Quadro 1, a seguir, mostra a distribuição de alunos em cada etapa de ensino, no ano de 2012.

**Quadro 1 – Distribuição de alunos em cada etapa de ensino, ano letivo de 2012**

Série / Ano	Nº alunos	Nº Turmas	Total
Infantil A	61	3	214
Infantil B	153	10	
1º Ano	263	11	996
2º Ano	236	9	
3º Ano	248	9	
4º Ano	249	9	
5º Ano	281	9	
6ª Série	351	10	
7ª Série	257	7	
8ª Série	240	7	
1º Ano EM	264	7	699
2º Ano EM	223	6	
3º Ano EM	212	6	
<b>Total Geral</b>			<b>3038</b>

Fonte: Serviço de Atendimento e Relacionamento do Colégio Anchieta

No documento “Estrutura Organizacional dos Colégios da Província Brasil Meridional” (BRM), pela relevância em analisar e estudar, compartilhar e trabalhar em rede, foi desenhado um organograma, pelo Grupo Trabalho de Educação. Foram descritos, nesse organograma cargos, perfis e competências, responsabilidades e relacionamentos, tendo como horizonte a qualificação ainda maior da sua ação educativa. Conforme o documento, “As mudanças na concepção de tempo e espaço estão, paulatinamente, constituindo novos referenciais de permanências, simultaneidades e transformações [...]” (ESTRUTURA Organizacional dos Colégios da Província BRM, 2011, p. 19). Nesse sentido, é necessário que as instituições educativas da Província invistam em seus colaboradores e em sua formação permanente e continuada a fim de ter presente o fim último, como diz Kolvenbach, de educar humana e intelectualmente *homens e mulheres para e com os demais*.

Nesses seus mais de 450 anos de apostolado em educação, a Companhia de Jesus tem buscado constantemente atualizar-se, e uma das ações é a formação de jesuítas e colaboradores nesta missão comum. Por isso, essa formação deve se dar no conhecimento dos pressupostos da Pedagogia Inaciana, que compreende a apropriação de termos, conceitos e documentos para um ajuste no entendimento da filosofia jesuítica para a educação. Com isso,

a ação pedagógica torna-se mais efetiva, segundo as orientações educativas da Ordem dos Jesuítas.

A tabela que segue ilustra, distribuição de professores por tempo de serviço na instituição, o grande número de novos colaboradores contratados, nos últimos 10 anos, aos quais é oferecida a oportunidade de conhecer a proposta da Companhia de Jesus – espiritualidade e carisma a partir da vida de Inácio de Loyola. Na perspectiva das linhas prioritárias propostas pelo Colégio, entre outras, trabalha o tema da Formação: Identidade e Missão.

**Tabela 1 – Distribuição dos professores de 6ª a 8ª série e Ensino Médio por tempo de serviço no Colégio Anchieta no ano letivo de 2012.**

Tempo de escola	Nº professores	Percentual	
0 até 5 anos	33	37,5 %	51,1 %
06 até 10 anos	12	13,6 %	
11 até 15 anos	09	10,2 %	20,4 %
16 até 20 anos	09	10,2 %	
21 até 25 anos	10	11,3 %	20,39%
26 até 30 anos	08	9,09%	
31 até 35 anos	05	5,68 %	7,95 %
36 até 40 anos	02	2,27 %	
TOTAL	88	99,84 %	

Fonte: Setor de Recursos Humanos do Colégio Anchieta

**Tabela 2 – Distribuição dos professores de 1º ao 5º ano e Ensino Fundamental I por tempo de serviço no Colégio Anchieta no ano letivo de 2012.**

Tempo de escola	Nº professores	percentual	
0 até 5 anos	31	51,6 %	79,9 %
06 até 10 anos	17	28,3 %	
11 até 15 anos	05	8,3 %	19,9 %
16 até 20 anos	03	5,0 %	
21 até 25 anos	04	6,7%	
TOTAL	60		99,8 %

Fonte: Setor de Recursos Humanos do Colégio Anchieta

**Tabela 3 – Distribuição dos professores da Educação Infantil por tempo de serviço no Colégio Anchieta no ano letivo de 2012.**

Tempo de escola	Nº professores	Percentual	
0 até 5 anos	12	66,6%	83,3%
06 até 10 anos	3	16,6%	
11 até 15 anos	3	16,6%	16,7%
TOTAL	18		100%

Fonte: Setor de Recursos Humanos do Colégio Anchieta

**Tabela 4 – Distribuição de Setores e Serviços por tempo de serviço no Colégio Anchieta no ano letivo de 2012.**

Tempo de escola	Nº professores	Percentual	
0 até 5 anos	129	72,7%	86,4%
06 até 10 anos	25	13,7%	
11 até 15 anos	6	3,3%	7,3%
16 até 20 anos	7	4%	
21 até 25 anos	8	4,4%	5,5%
26 até 30 anos	2	1,1%	
31 até 41 anos	1	0,5%	0,5%
TOTAL	179		99,7%

Fonte: Setor de Recursos Humanos do Colégio Anchieta

Ao oferecer espaços de formação ao longo do ano (capacitação que acontece dentro do projeto Convivência e Espiritualidade) ao corpo administrativo e acadêmico sobre o paradigma educativo da escola jesuítica à luz da Pedagogia Inaciana, o Colégio Anchieta está propiciando a identificação e o pertencimento à proposta da Companhia de Jesus. Ao proporcionar aos funcionários um estudo dos principais documentos sobre a Pedagogia Inaciana, Características da Educação da Companhia de Jesus, Pedagogia Inaciana: uma proposta prática e Projeto Educativo Comum, espera-se que todos estejam desenvolvendo uma compreensão e uma apropriação dos princípios inacianos e valores jesuíticos que fazem parte da inspiração e prática cotidiana do Colégio Anchieta.

#### 4.2 METODOLOGIA: TRAÇANDO CAMINHOS

A partir desta apresentação da pessoa de Inácio de Loyola, fundador e idealizador dessa rica história, espiritualidade e tradição da Companhia de Jesus em educação, chego ao Colégio Anchieta, cenário da história de vida do professor Fernando Meyer. Nele, busco delinear a entrega pedagógica e (trans)formação, por meio da educação jesuíta, em que o Paradigma da Pedagogia Inaciana assume forma, expressa vida e, efetivamente, entra no cenário histórico.

Essa reflexão nasce de conceitos vividos e fortalecidos pelas teorias da narrativa que acompanha o crescimento e desenvolvimento humanos, caminho em que há orientações práticas e espaço para deixar o sentimento falar. Conto com os passos firmes da biografia de Inácio de Loyola, sua espiritualidade e carisma impregnados no Paradigma Pedagógico da Companhia de Jesus, e com a vida e o fazer cotidiano do professor Fernando Meyer, buscando dar vida ao texto.

Como aportes teóricos, já que o estudo é feito com um professor da rede privada, recorro aos autores como Abrahão (2004), que trabalha com o processo de formação dos sujeitos, enfocando o método autobiográfico, pois é uma referência na área de pesquisa autobiográfica; Josso (2010), que discorre sobre o caminhar para si, mostrando que este caminhar é uma experiência transformadora. Também busco reflexões em Wolffenbuttel (2006), cuja tese apresenta o estudo feito com um professor da rede privada e o encantamento desse pelo seu trabalho, o qual a autora buscou documentar.

Josso (2002, p. 13) reafirma o entusiasmo pela abordagem biográfica, por entender que ela aparece indissociável da “reabilitação progressiva do sujeito e do actor”, como uma das formas de superação da hegemonia das pesquisas centradas na causalidade, no pragmatismo e no determinismo positivista. No que toca à formação de professores, Nóvoa e Finger (1988) afirmam que – no campo da literatura pedagógica – a obra “O professor é uma pessoa” destaca a grande importância e significado frente à transposição de outros momentos e movimentos sobre o processo de formação. Dessa forma, os vários estudos e publicações sobre a vida de professores, carreiras e trajetórias de (trans)formação, com base na utilização de biografias e autobiografias, revelam-se como valor, pois potencializam o ato educativo como cerne sobre as histórias de vida em questão.

A partir de uma pesquisa documental, olho para a história do apostolado educacional da Companhia de Jesus, sob o ponto de vista fundacional e de sua (re)leitura da tradição jesuítica: pedagogia, espiritualidade e metodologia do processo histórico e a atuação, ao longo dos 480 anos no mundo (O’MALEY, 2004), relacionando-a aos mais de 123 anos do Colégio Anchieta, de Porto Alegre/RS, em 2012. Trata-se de destacar o sentido existencial e o desenvolvimento da missão da Companhia, colaborativamente, entre jesuítas e leigos, em torno do ideal do carisma e da espiritualidade sistematizados e difundidos como metodologia da missão educativa e evangelizadora.

Ao analisar o processo de formação a que se propõe a instituição jesuíta – o Colégio Anchieta – desenvolvo e desvelo aqui a história de vida de um dos destinatários dessa (trans)formação e algumas das suas particularidades pessoais e profissionais, por meio da

narrativa da história de vida do professor Fernando Meyer, tocada pela presença jesuíta desde a infância até a maturidade.

Esta dissertação se dá com parâmetros que balizaram minha atuação a partir das vivências e experiências nos diferentes momentos da minha vida em uma (re)leitura da tradição em educação da Companhia de Jesus, na qualidade de educador inaciano dedicado há mais de 20 anos à educação jesuíta. Tenho como horizonte o carisma e a espiritualidade empreendidos por Inácio de Loyola como fundador da Companhia de Jesus (1540), manifestando-se na vida e missão do Colégio Anchieta (1890), que pautam o seu fazer pedagógico na contemporaneidade. Através dessas histórias de vidas percebo que, ao se contar sobre si e para o outro, apresenta-se um caminho fecundo de construção da própria história com as experiências de vida, que vai da trajetória à experiência como pessoa e passa para a questão profissional na qual é possível de se (re)conhecer, de se (re)inventar e de se (trans)formar. O reconhecimento da narrativa pessoal possibilita a compreensão da história (experiência) do outro. Delory-Moberger (2008, p. 22) sublinha: “A narrativa do outro é um dos lugares onde experimentamos nossa própria construção biográfica”. Atentar para a narrativa e a escrita pessoal e a escuta sensível da narrativa do outro pode caracterizar uma nova maneira de produzir conhecimento, de modo que as histórias de vida se entrelaçam ao abordar a prática da relação professor x aluno e professor x professor, trabalhando com a metodologia da narrativa com um olhar científico sobre a história de vida do professor Fernando Meyer.

A escolha pela narrativa de uma história de vida é movida por vários sentimentos. Também é movida por uma curiosidade: como uma pessoa, como o professor Fernando Meyer, pode ficar tanto tempo vinculada a uma instituição (são mais de 50 anos junto ao Colégio Anchieta? Essa é a perspectiva dos 123 anos de história desse Colégio através do diálogo entre a trajetória pessoal e profissional desse professor. Finalmente destaco como essa narrativa encontra um espaço importante para a apresentação do professor Fernando Meyer: as aproximações e distanciamentos, os caminhos e rupturas, o ser e o fazer de encontros que marcam a história desse conhecimento de si como processo de (trans)formação, em face do sentido e pertencimento a partir das próprias descobertas. Os sujeitos da pesquisa narram com emoção suas trajetórias.

**Figura 6 – Professor Fernando com Pe. Pio Buck**



**Fonte:** Arquivo de Fotos do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta.

A história de vida, ora em pauta, põe em evidência quem é a pessoa e o profissional e, ainda, sua capacidade humana sendo sempre inovadora. Também é um ser admirável: Fernando Meyer é encantador, bem-humorado, humilde e com um carisma que marca os alunos e professores que conviveram e convivem com ele. Suas aulas são inesquecíveis! E, ainda, põe em evidência o desejo de aprender: ao olhar para a trajetória de vida do professor Fernando, percebo que ele tem muito a ensinar, ensinamentos que vão para além do Museu Anchieta de Ciências Naturais.

O museu é considerado um dos maiores e mais completos museus escolares do Brasil; foi fundado em 1917 e, há mais de 20 anos, é coordenado pelo professor Fernando Rodrigues Meyer, responsável por dar continuidade ao trabalho do fundador, o pesquisador Pe. Pio Buck (LEITE, 2005), que iniciou a coleção de minerais, de fósseis, de ictiologia e de ornitologia. Meyer segue mantendo o nível de excelência tipicamente jesuíta.

As narrativas das histórias de vida favorecem o transparecer das emoções, dos fatos e das experiências que são singulares. As histórias de vida são uma verdadeira “escola do afeto consigo mesmo”, expressão utilizada por Santo Inácio para designar sua experiência de espiritualidade e autoconhecimento. Essa expressão tem ressonância na caminhada feita pelo professor Fernando, pelo profundo amor às pessoas e à natureza, como forma de se vincular ao transcendente.

No cenário e processo de aprendizagem, o respeito e a admiração pelo carisma e pela espiritualidade, tradição educacional arraigada na história dos jesuítas e leigos, abre espaço para **observar se, na contemporaneidade, a tradição jesuítica, tão solidamente construída, continua perpassando e se concretizando em atitudes e posturas dos**

**colaboradores do Colégio Anchieta através do estudo de uma autobiografia.** Para tal norteou-se o trabalho para a observação do desenvolvimento da identidade e do sentimento de pertencimento à tradição da Companhia de Jesus, através da educação como forma de promulgar os princípios, os valores e a prática da Pedagogia Inaciana, visando a manter o colaborador motivado na instituição. É uma tentativa de mostrar como a proposta filosófica dessa Pedagogia está imbricada no cotidiano dos professores, tomando o professor Fernando Meyer como referência, a partir da análise de documentos, relatórios e depoimentos, além de entrevistas.

Procurei delinear a conexão entre a formação jesuíta, recebida por ele no Colégio Anchieta entre os anos 1950, e o seu brilhantismo no fazer pedagógico (trans)formador desde a década de 1960 até hoje, como docente e diretor do Museu. Afinal, a tradição jesuítica, de vanguarda e empreendedorismo, marcou a vida daquele menino, a ponto de fazê-lo um multiplicador da Pedagogia Inaciana, através de sua prática. Quero, com isso, documentar academicamente o trabalho que ele, na sua modéstia e grandeza, nunca se dedicou a fazê-lo, a não ser deixar registrado ano a ano, em seus relatórios, cada visita, cada atendimento, cada notícia do Museu.

Trabalho com a metodologia da narrativa, com narrativas autobiográficas, quer dizer, os relatos orais ou escritos e os testemunhos acerca das experiências formativas, no contexto da trajetória de formação e prática profissional, configuram-se como técnica de produção qualitativa. Destaco que, a partir da escuta de pessoas que conviveram e continuam, algumas, a conviver e trabalhar com o professor Fernando, pude trazer para a apresentação deste educador mais rigor científico a esse trabalho.

Neste sentido, a potencialidade das narrativas autobiográficas enquanto instrumento e procedimento de pesquisa está na maneira como a história de vida de um sujeito pode revelar além de simples acontecimentos, concretizando-se como meio de apreensão e análise dos contextos, dimensões e implicações pessoais que constroem historicamente cada indivíduo na interface consigo mesmo e seu processo de autoconhecimento. Considerando que, de acordo com Corazza (2002, p. 124):

Uma prática de pesquisa é implicada em nossa própria vida. A “escolha” de uma prática de pesquisa, dentre outras, diz respeito ao modo como fomos e estamos subjetivadas/os, como entramos no jogo de saberes e como nos relacionamos com o poder. Por isto, não escolhemos, de um arsenal de métodos, aquele que melhor nos atende, mas somos “escolhidas/os” (e esta expressão tem, na maioria das vezes, um sabor amargo) pelo que foi historicamente possível de ser enunciado; que para nós adquiriu sentidos; e que também nos significou, nos subjetivou, nos sujeitou.

Nesse estudo de cunho qualitativo, que me possibilita trabalhar com dados descritivos, num plano mais aberto e flexível (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), optei por fazer a análise dos relatos de entrevistas feitas com gestores e pessoas vinculadas à Companhia de Jesus e ao professor Fernando e, também, das produções documentais e escritas realizadas pelo setor do Museu Anchieta de Ciências Naturais. Essas escritas entendi como narrativas que podem ser compreendidas, ou seja: um tipo de discurso que se concretiza em textos nos quais se representa uma sucessão temporal de ações apresentadas como conectadas entre si e em que haja uma transformação entre uma situação inicial e final e/ou intermediárias.

A narrativa autobiográfica tem como propósito essencial apresentar o processo de (trans)formação do sujeito da investigação e, desse modo, proporcionar a convergência do conhecimento num processo recursivo, de crescimento e desenvolvimento a partir das experiências pessoais e profissionais. Trata-se de um “processo de caminhar para si”, que se caracteriza

[...] como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural. (JOSSO, 2004, p. 59).

Se acolhermos a identidade narrativa nos textos da tradição jesuíta, especialmente sobre a vida de Inácio de Loyola, com toda sua gama de temáticas, não poderá ser uma leitura sem colocarmos nela nossas aspirações. Daí a importância da hermenêutica proposta por Ricoeur, que mostra como esses escritos constroem a identidade.

Nesse sentido, as narrativas autobiográficas inscrevem-se como processo intrínseco de conhecimento e autoconhecimento, potencializando a narração de si como metodologia de pesquisa e, ao mesmo tempo, como projeto de formação. Isso se dá considerando que a construção da narrativa centrada em contextos e trajetórias, como espaços e recursos do percurso formativo do sujeito, possibilita à pessoa que narra a própria história de vida retomar suas experiências do passado, ligando-as com o presente e fazendo a interface com o passado e presente, individual e coletivo, como caráter (trans)formador desse processo.

A pesquisa qualitativa, segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 57): “[...] é, por si mesma, um campo de investigação [...]” consistindo “[...] em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações.”

### 4.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Nesta pesquisa trabalhei com as diferentes imbricações entre passado e presente, memórias, imagens e fatos que compõem a história e o histórico de vida de Fernando, entrecruzando-os com a história de Inácio, deste pesquisador, como a trajetória da Companhia de Jesus, do Colégio Anchieta e seu potencial (trans)formador.

Para construir este trabalho, fiz menção aos principais documentos da Companhia de Jesus: Fórmula do Instituto, Exercícios Espirituais, Congregações Gerais, *Ratio Studiorum*, Características da Educação da Companhia de Jesus, Pedagogia Inaciana e Projeto Educativo Comum, sempre atento ao carisma e espiritualidade fundacional visando a construir o cenário que abriga o professor Fernando. Também busquei nos materiais pedagógicos do Colégio Anchieta balizadores para formatar minhas respostas. Além dessa documentação, foi fundamental para a narrativa a escuta de diferentes atores que compuseram e compõem essa história: professores, ex-professores, diretores, ex-diretores e ex-alunos. A partir desses relatos, pude, ao entrelaçar os testemunhos, compor a narrativa numa linha de análise que me ajudou a revelar um retrato dessa história de (trans)formação. Os referenciais teóricos serviram como reforço para a narrativa do posicionamento e do vivido empiricamente.

A figura 7 retrata um importante momento dessa trajetória de vida, pois, como em toda narrativa, a subjetividade aflora e desvela o que o tempo não pode apagar e merece consideração na história da instituição bem como da história da educação. É o que percebo nesse registro de uma turma só de meninos e professores homens.

**Figura 7 – Foto da turma de alunos Colégio Anchieta do ano de 1958 com professor Fernando**



**Fonte:** Arquivo do Museu Anchieta de Ciências Naturais

Como expresse na foto, também ao longo do texto busquei as interconexões da tradição jesuíta e os processos de mudança necessários a cada época. Mais especificamente, busquei as relações com alguns aspectos típicos da vida de Inácio de Loyola, dos Exercícios Espirituais, considerando a apresentação filosófica da Pedagogia Inaciana praticada no Colégio Anchieta e acompanhando a trajetória do professor Fernando, além de assumir, também, o percurso das minhas vivências e experiências como pesquisador. Parti do princípio de que essa proximidade com os jesuítas existe e se faz presente no cotidiano; mas, buscando rigor científico, senti a necessidade de conhecer em maior profundidade, e com isso pude destacar elementos significativos para compreender o processo e os efeitos singulares e plurais dos achados de pesquisa dessa história de vida. A escolha dos sujeitos das entrevistas dessa pesquisa foram ganhando significado e ressignificaram a opção dos conceitos teóricos adotados.

Assim, saliento que nesta dissertação trabalhei com a metodologia da narrativa em uma história de vida, depoimentos, entrevistas e outros documentos. São materiais de acervo do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta – trabalhos desenvolvidos ao longo dos 123 anos do Colégio Anchieta e do recorte de 54 anos de atuação do Professor Fernando em registros de fotos, publicações, depoimentos, entre outros.

A pesquisa autobiográfica é entendida como “[...] uma forma de história autorreferente, portanto, plena de significado em que o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais” (ABRAHÃO, 2004, p. 202). Para ser mais preciso:

As (auto)biografias são constituídas por narrativas em que se desvelam trajetórias de vida. Esse processo de construção tem na narrativa a qualidade de possibilitar a autocompreensão, o conhecimento de si, àquele que narra sua trajetória. (ABRAHÃO, 2004, p. 203).

Em relação à fecundidade e à potencialidade da abordagem autobiográfica da história de vida ou, mais especificamente, da pesquisa narrativa, busquei suporte teórico nas sistematizações construídas por Nóvoa e Finger (1988), Dominicé (1988, 2003) e Josso (1988, 2002, 2010), por compreender as contribuições e os avanços que esses autores apresentam frente às experiências desenvolvidas com pesquisas sobre histórias de vida.

Para Nóvoa e Finger (1988, p. 22) “[...] o método (auto)biográfico, que se veio a revelar não é apenas um instrumento de investigação, mas também (e sobretudo) um instrumento de formação”, entendendo como processo de (trans)formação que dá visibilidade às vivências e experiências ao percurso da vida. Escolhendo-se o método (auto)biográfico, é possível perceber frente a quais elementos se constroem a identidade e o sentimento de pertencimento, do ponto de vista do sujeito pesquisado e do próprio pesquisador ao dar-se conta de que, expressando em palavras o que são aspectos do autoconhecimento e autodesenvolvimento, falando de si, é que se dá forma e estrutura ao método.

A análise da entrevista, de acordo com Bardin (2010 p. 170), parte de uma concepção de discurso como palavra em ato, considera a produção da palavra como um processo.

[...] O discurso não é transposição transparente de opiniões, de atitudes e de representações que existam de modo cabal antes da passagem à forma linguageira. O discurso não é um produto acabado, mas um momento num processo de elaboração, com tudo o que isso comporta de contradições, de incoerências, de imperfeições.

Para Josso (2002), o método (auto)biográfico valoriza características essenciais como historicidade e subjetividade. Essa perspectiva abre campo para reflexão e narrativa sobre o vivido, acolhendo os movimentos desse desenvolvimento humano. A técnica do trabalho com história de vida, inerente ao método autobiográfico, constitui-se pela análise de narrativas em que se desvelam trajetórias de vida para uma melhor compreensão do processo (trans)formador.

Para Abrahão (2004, p. 203), “[...] esse processo de construção tem na narrativa a qualidade de possibilitar a (auto)compreensão, o conhecimento de si, àquele que narra sua trajetória.” Esse instrumento oferece ao pesquisador a oportunidade de trabalhar com emoções e intuições, expressas mediante rememoração dos fatos vividos. Assim, não se trata de considerar a análise como pressuposto de dados exatos, objetivos, mas de olhar para o que não pode ser concretamente visto, para as subjetividades.

Para Josso (2002), diante das reflexões sobre nossa vida, podemos torná-las, mais do que um discurso de si possível e necessário, “projetos de si” que fazem o sujeito reconhecer-se como único porque singular. Nesse sentido, há a opção pela prática dialógica entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa, dá a possibilidade de compreender a história de vida, através da narrativa e da memória, entendendo-a como um ato que faz reler a vida como um texto (RICOEUR, 2010).

Dessa forma, as entrevistas realizadas nesta dissertação compõem fontes importantes para a compreensão de (trans)formações das diferentes realidades, algumas, inclusive, fora do Brasil. Assim, realizei entrevistas semiestruturadas individuais, por e-mail, pessoalmente, e por telefone, especialmente com ex-diretores, reconhecendo-os como grandes gestores, que muito contribuíram para o êxito e a modernização da escola, com inovações na gestão.

Os nomes que têm relação direta com o professor Fernando Meyer, ainda hoje, e que fizeram parte dessa construção da sua história de vida, são: Pe. João Roque Rohr, Pe. João Claudio Rhoden e Pe. João Darci John. Destaco, também, Prof. Luiz Osvaldo Leite, na qualidade de colega e amigo, pesquisador do pensamento rio-grandense pela UFRGS, assim como: Emílio Jeckel, ex-aluno do professor Fernando, junto com Dorinha Müller, Silvia Cramer e Paulo de Tarso, colegas de trabalho, além de depoimentos de ex-alunos e de sua esposa, Isis Meyer.

Conforme quadro 2, com essas entrevistas, realizei novas descobertas sobre a influência da paixão e compaixão ao ensinar, como fator que gera identidade e sentimento de pertencimento, peculiares à Pedagogia Inaciana do século XVI e que continuam na contemporaneidade no fazer pedagógico do Colégio Anchieta. Portanto, entendo a entrevista como uma fonte que evidencia a elaboração individual e coletiva do passado na sua relação com o presente, na qual as narrações entrecruzam-se e buscam fatos já passados entrelaçados com a memória de hoje.

Para concluir, como afirma Nóvoa (1988, p. 44) “[...] todas as narrações autobiográficas relatam, segundo um corte horizontal ou vertical, uma práxis humana

(*Erlebnis*)”, gerando assim, conhecimento científico que requer uma hermenêutica interativo-social.

**Quadro 2 – Dos entrevistados**

Nome	Função	Situação atual
Pe. João Roque Rohr, SJ	Diretor Geral de 1975 a 1982, reassume em 1987 a 1988 quando é eleito Provincial	Reitor do Pio Brasileiro, Roma, Itália.
Pe. João Cláudio Rhoden, SJ	Diretor do Curso Noturno de 1974 a 1983, de 1979 a 1984, Diretor do Ensino Médio.	Diretor Geral Colégio Anchieta desde Março 2012.
Ir. Celso Schneider, SJ	Diretor Acadêmico de 1993 a 2009 e Diretor Geral interinamente em 1998, quando Pe. Franz, enfermo, deixa a Direção.	Diretor do Instituto Assistência e Educação São Canísio – IAESC, Sede Capela, Itapiranga, SC, desde 2010.
Fernando Rodrigues Meyer	De 1947 a 1956. aluno do Ginásio Colégio Anchieta da Av. Duque de Caxias ( <i>Antigo Anchieta</i> ); de 1958 a 2012, com vínculo profissional, torna-se educador do Colégio Anchieta, sendo professor do Primário de 2/1/1957 a 30/3/1984; Diretor do 2º grau de 1984 até 1987; Auxiliar Administrativo do Curso Noturno – Ensino Médio de 1987 a 1993; Professor do Ensino Médio 1994; Diretor do Museu de 1995 até a atualidade (2012).	Diretor do Museu Anchieta de Ciências Naturais desde 1995 a 2012.
Raul Regadas	Ex-aluno do <i>Velho Anchieta</i> da Duque de Caxias, 1958 a 1960	Diretor do Colégio Militar - aposentado.
Emílio Jeckel	Ex-aluno de 1975 e ex-professor	Diretor do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS
Sílvia Cramer	Professora do Colégio Anchieta desde 1989	Professora do Colégio Anchieta.
Dorinha Müller	Professora do Colégio Anchieta desde 1985	Professora do Colégio Anchieta.
Tatiane Ayala Waldow	Professora do Colégio Anchieta desde 1998, hoje é Orientadora Religiosa de 1º ao 4º Ano.	Professora do Colégio Anchieta
Delvino Algieri	Ex-professor do Colégio Anchieta de 1967	Professor aposentado
Alexandre Algieri	Ex-aluno do Colégio Anchieta, década	Pai de três filhos no Colégio

	de 90	Anchieta
Sacha Ries	Aluno do Colégio Anchieta	Aluno do 3º Ano Ensino Médio do Colégio Anchieta
Gabriel Terra	Aluno do Colégio Anchieta	Aluno do 5º Ano Ensino Fundamental I do Colégio Anchieta
Isis Meyer	Ex-funcionária do Colégio Anchieta de 1975 a 1988	Esposa de Professor Fernando Meyer
Ivone Meyer	Ex-aluna de 1971 a 1982	Filha do Professor Fernando e de Isis Meyer; hoje trabalha como professora no Rio de Janeiro.

Fonte: Elaborado pelo autor

#### 4.4 SUJEITOS DA PESQUISA

Bardin (2010, p. 31) define a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise da comunicação. Tais técnicas visam a obter, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens, indicadores (quer quantitativos, quer qualitativos) que propiciem a inferência relativamente às condições de produção e de recepção dessas mensagens. Dessa forma, facilita o desenvolvimento e a abordagem das especificidades do sujeito pesquisado, permitindo utilizar o método (auto)biográfico e identificar os fatores constituintes da (trans)formação.

Ao revestir-me do meu papel de pesquisador, coloco-me, sobretudo, como autor da minha trajetória de formação. Assim, vivencio na investigação o meu percurso pessoal e profissional em uma (auto)leitura que me levou à construção do tema que me inquieta e me move a novas indagações, justificando e legitimando a escolha pelo sujeito a ser estudado com maior profundidade nesta dissertação de mestrado.

O sujeito da minha pesquisa, o professor Fernando Meyer, tem 54 anos de experiências vividas no Colégio Anchieta e é coordenador do Museu Anchieta de Ciências Naturais. Ele está ligado ao Colégio Anchieta desde 1957, quando era aluno e tornou-se discípulo do Pe. Pio Buck e do Pe. Balduino Rambo (SPOHR, 2011), este referência internacional no meio científico com seus trabalhos na área das ciências naturais, mais especificamente a botânica. Foram essas as fontes que alimentaram o professor Fernando: ali estavam modelos de conhecimento, competência e autonomia a serem seguidos. Encontrou

neles pressupostos cognitivos e (auto)biográficos que funcionaram como exercício de vivências e experiências, em atitude de vida.

Essa proximidade não é só filosófica, como vemos na foto a seguir, figura 8. Digo filosófica porque é uma experiência embebida pela cultura, em que os dois jesuítas, Pe. Pio e o Pe. Pauquet simbolizam a Ordem Religiosa marcada pelo empreendedorismo focado na educação como ferramenta para transformação do mundo: a Companhia de Jesus, base de formação do professor Fernando Meyer.

**Figura 8 – Foto do Pe. Pio, Pe. Henrique Aloisio Pauquet e professor Fernando**



**Fonte:** Arquivo do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta

#### 4.5 ANÁLISE

Na análise, foram utilizadas fontes documentais da Companhia de Jesus, com destaque para a autobiografia de Inácio de Loyola, o livro dos Exercícios Espirituais, a *Ratio Studiorum*, Características da Educação da Companhia de Jesus, Pedagogia Inaciana: uma proposta prática, Projeto Educativo Comum, as Cartas de Inácio de Loyola, as Congregações Gerais e as Constituições como referências, sobretudo a História da Companhia entre os séculos XVI e XIX, entre tantos outros escritos e publicações disponíveis que reforçam a identidade e missão da tradição educativa nessa trajetória histórica. Também foram utilizadas

publicações internas do Colégio Anchieta para examinar os princípios e valores da proposta educativa na prática. A análise documental propiciou não apenas uma leitura literal das informações contidas nos documentos, mas ajudaram na compreensão, contextualizada do entrelaçamento das fontes com as experiências na prática.

As entrevistas dos colaboradores e dos sujeitos da pesquisa, foram fundamentais no desenvolvimento do tema à luz da literatura utilizada, pois permitiram demonstrar a identificação e o pertencimento à instituição, criando possibilidades de entrelaçamento ao analisar essa história de vida.

As etapas da técnica de análise de conteúdo foram efetivadas segundo Bardin (2010); portanto, organizadas em: a) *pré-análise*, fase em que se organiza o material a ser analisado com o objetivo de torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais; b) *exploração do material*: tem como objetivos a definição de categorias e a identificação das unidades de registro e das unidades de contexto nos documentos; c) *tratamento dos resultados, inferência e interpretação*: destinada ao tratamento dos resultados; ocorre nesta etapa a condensação e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais; é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica.

Os dados analisados nesta dissertação foram resultantes de narrativas obtidas por meio de entrevistas, feitas com jesuítas e leigos que convivem ou que conhecem o contexto do sujeito estudado e têm familiaridade com a tradição da Companhia de Jesus em educação, além da entrevista com o próprio sujeito, o professor Fernando Meyer. Na elaboração da análise, pelo vínculo de confiança com o pesquisado, não faltaram momentos de dúvida, como: “*O que devo falar?*”, “*O que você quer ouvir?*”, “*Que informações serão úteis para a pesquisa?*” A minha reação a essas indagações dos entrevistados, participantes desta pesquisa, foi a de acolhida às narrativas de vida, tal qual diziam de si e das respectivas histórias.

Nesse sentido, segundo Abrahão (2006, p. 150):

A narrativa (auto)biográfica contém a totalidade de uma experiência de vida que é comunicada ao investigador, não sem que, no justo momento da narração, se ressignifique o(s) acontecimento(s) narrado(s). Isto porque a narrativa em pesquisa (auto)biográfica representa um momento de maior imbricação entre o personagem e o pesquisador (MOITA, 1995), em virtude de que aquele não está contando sua vida para um gravador ou relatando a um diário íntimo, mas a está reelaborando, justo na interação que se dá entre dois sujeitos históricos.

Após a definição dos sujeitos da pesquisa, por meio da análise documental, em um processo de observação retomei a análise do material. Conforme Lüdke e André (1986, p. 26), isso

[...] permite que o observador chegue mais perto da perspectiva dos sujeitos, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo. Isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações.

Para Ricoeur (1980, apud MISHLER, 2002), toda atividade de análise na narrativa conjuga duas diferentes dimensões, uma cronológica e outra não cronológica. A primeira é vista pelo autor como uma dimensão *episódica*, pois se caracteriza na história como sendo composta por eventos. A segunda, a dimensão *configurativa*, compõe-se pelo enredo, que determina como uma sequência de eventos é transformada em história, que constrói unidades significativas a partir de eventos dispersos. A concepção de tempo narrativo, proposta por Ricoeur (1980), segundo Mishler (2002, p. 103), “[...] adverte-nos contra dependermos somente da cronologia como enquadro interpretativo para fazer sentido de uma história”.

Também os estudos realizados por Bruner (1990, 1997, 2001, 2002, apud MISHLER, 2002) abordam a questão do tempo. Conforme o autor, uma narrativa não se baseia no relógio, mas sim no desenrolar dos eventos cruciais, com início, meio e fim. O tempo narrativo é um tempo “humanizante” (RICOUER, 1980, apud BRUNER, 2001, apud MISHLER, 2002). Ou seja, é (co)construído pelos interlocutores durante a narração dos eventos. Bruner (2001, apud MISHLER, 2002) ainda propõe que, ao tratarmos de tempo narrativo, devemos levar em conta um “modelo mental” de temporalidade, compreendendo que o tempo é revelado pelas “ações humanamente relevantes que ocorrem dentro de seus limites” (BRUNER, 2001, apud MISHLER, 2002).

O pensamento de Bruner (1990, 1997, 2002, apud MISHLER, 2002) encontra-se também em consonância com os pressupostos de Josso (2002), que propõe uma análise do tempo autobiográfico.

[...] a realidade narrativa nos liga ao que é esperado, ao que é legítimo, ao que é costumeiro. Mas há um aspecto curioso nesta ligação, pois a ligação canônica de realidades narrativamente construídas arrisca-se a gerar tédio. Então, por meio da linguagem e da invenção linguística, a narrativa busca cativar seu público, “fazendo com que o corriqueiro pareça estranho novamente.

E, então, “[...] embora o criador das realidades narrativas nos ligue às convenções aceitas, ele obtém uma força cultural extraordinária, ao nos fazer considerar novamente o que antes considerávamos óbvio.” (BRUNER, 2001 apud MISHLER, 2002). Deste modo, ao transformar a narrativa em possível momento de construção de conhecimento pedagógico, acredito que o relato de experiências pessoais possa agir como um possível *locus* para esta construção, fazendo com que esta história possa, portanto, ser considerada reportável a outros espaços educativos e produtora de identidades.

Na análise, os dados são apresentados de forma integrada – a análise documental com a análise das entrevistas narrativas, resgatando e mapeando a identidade e o pertencimento, os princípios e valores, que fundamentam e sustentam a história de vida do professor Fernando.

É válido ressaltar também que, dada a preocupação em garantir a contextualização histórica, foram consultados documentos basilares da Companhia de Jesus, da Pedagogia Inaciana na atualidade e o acervo do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta, de modo que as categorias de análise representam um alinhamento e uma convergência da (re)leitura crítica e contemporânea da tradição jesuíta. Buscamos especificidades com o intuito de melhor apresentar, identificar e aprofundar o(s) significado(s) atribuído(s) a cada termo, concepção ou ideia proposta do processo histórico da Companhia de Jesus e da vida de Inácio de Loyola e do processo de (trans)formação referenciado pelos sujeitos que contribuíram com este estudo.



## **5 HISTÓRIA DE VIDA: UM ENCONTRO COM A HISTÓRIA DO PROFESSOR FERNANDO MEYER**

Neste capítulo, procuro fazer o entrelaçamento entre a história de vida do professor Fernando Meyer e a história da Companhia de Jesus, buscando compreender como, na contemporaneidade, a tradição jesuítica em educação, tão solidamente construída, continua perpassando e se concretizando em atitudes e posturas deste colaborador do Colégio Anchieta.

Poucas são as pessoas que criam coragem para examinar as questões aqui propostas ou que talvez compreendam a força que exerce a subjetividade sobre uma história de vida. Contar uma história de vida é, essencialmente, falar da vida. É trabalhar com o afeto. A história de vida está marcada por todos os ângulos pela afetividade. O que sustenta a narrativa são as metáforas afetivas, entrelaçadas com a (trans)formação do sujeito pesquisado. Vida e afetividade são indissociáveis, uma ação depende da outra.

Viver para servir é a prova viva e despojada da pessoa em seu desenvolvimento humano como processo de (trans)formação. Não há experiência sem vida. A vivência supõe a tese da busca incessante por algo novo. Nisso está a base do ato (trans)formador em uma história de vida. O sujeito acredita em sua trajetória e olha-a a cada momento sob uma nova perspectiva. É próprio, de quem descobriu o sentido da vida, viver dando sentido e significado a cada nova experiência e, neste processo, de dar sentido e significado a cada experiência o sujeito vai também se reinventando e se transformando.

Ao destacar as características pessoais de Inácio de Loyola, como leigo, nobre da corte, com suas paixões e ousadia, busquei uma aproximação com a história de vida do professor Fernando Meyer. Certamente, a formação familiar de ambos os marcaram. Família numerosa, religiosa e humilde são características comuns – Inácio de Loyola e professor Fernando Meyer – dois homens de tempos diferentes.

O que faz de Fernando uma pessoa tão especial? Talvez seja o fato de viver intensamente suas paixões, compartilhando seus saberes e motivando seus companheiros de caminhada, pessoal e profissional, a fazerem o mesmo. Possivelmente, seja o fato de acreditar que o conhecimento compartilhado pode ser uma conquista e uma riqueza.

A fim de melhor organizar este capítulo, após a leitura das entrevistas semiestruturadas<sup>18</sup> e da análise das fotos, agrupei os dados encontrados nas seguintes categorias de análise, considerando: Fernando: Menino; Fernando: Monitor; Fernando:

---

<sup>18</sup> Os entrevistados serão identificados ao longo do texto pelo nome, com autorização assinada previamente.

Gestor; Fernando: Educador Inaciano; Fernando e Tradição Jesuíta: processo de (trans)formação; Fernando: identidade e pertencimento.

### 5.1 FERNANDO: MENINO

**Figura 9 – Foto de Fernando Meyer do ano de 1944**



**Fonte:** Arquivo do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta

O viés da afetividade pedagógica é a primeira conexão percebida nesta categoria em *Fernando Menino*, presente no sorriso maroto da foto e na sua história de infância na família, no gosto pela aventura em meio à natureza, pelo afã e curiosidade em colecionar, em seu fascínio pelo conhecimento e pelas coisas simples.

Em vários momentos de nossas conversas, percebi as lágrimas de emoção a regar sua história transformada. Trata-se de uma pessoa que acredita no ser humano e na força da educação, um apaixonado pela docência e também com outras paixões, como a fotografia. Uma pessoa livre e feliz, que revela uma profunda identificação com a missão e pertencimento ao projeto educativo inaciano sempre pronto para servir.

O professor Fernando viveu sua infância na cidade de Pelotas. Nasceu em 13/10/1937. Perdeu o pai com cinco anos de idade. Com isso, os laços afetivos do pai biológico foram transferidos para o papel que os jesuítas exerciam/exercem, para com todos, de pais espirituais. Com o menino Fernando exerceram isso de maneira muito particular porque também a família buscou este apoio.

Esses laços foram construídos desde a infância, estudando no Colégio Anchieta. Sua filha, Ivone, confirma que esse vínculo ajudou seu pai e, também, a despertar nela o grande amor pelos Jesuítas.

Ivone diz:

Desde que me conheço por gente, meu pai já era parte do Colégio Anchieta. Sempre ouvi dele, com orgulho, como começou lá menino. Ouvia falar do Padre Pio com tanto respeito e admiração que acabei o admirando mesmo antes de conhecê-lo.

A mãe de Fernando percebia que essa função paterna, estabelecida com equilíbrio e determinação, eram intervenções educativas e uma busca de transformar o ser infantil em adulto com capacidade de fazer suas próprias escolhas. O próprio Fernando recorda que “não teve proteção”, pois muito cedo alcançou autonomia e buscou oportunidades de viver intensamente sua infância, com os sonhos próprios de menino de sua idade sem deixar de imaginar o seu futuro.

“Minha casa era frequentada pelos jesuítas de modo que não cheguei a perceber a falta de nada, sempre tive o estímulo deles”, afirma. Fernando fala carinhosamente da sua infância e exemplifica que era fascinado pela vida e pelo trabalho que os padres realizavam no *velho* Anchieta da Avenida Duque de Caxias, pelo apostolado e diversos ministérios bem como a pregação e as vivências, nas quais ele era estimulado a acompanhar passeios, fazer coletas de insetos, passar as noites em acampamento como “cientista mirim”, fazendo seus primeiros experimentos.

A identidade da Companhia de Jesus também é narrativa na vida do professor Fernando, no sentido de ela nunca deixar de fazer parte da sua história. Ademais, como podemos notar, não são apenas os acontecimentos fundacionais que nutrem a memória comum. Também a história e missão dos jesuítas é partilhada, da mesma maneira como as famílias compartilham suas histórias, com suas anedotas em torno dos membros proeminentes em seus parentescos, assim como também com seus momentos cruciais, enfrentando crises, superando perdas. Isto também faz parte das narrativas que contribuíram na construção da identidade de uma história de vida.

De acordo com as entrevistas, especialmente a realizada com sua esposa, a casa da família do professor Fernando era muito frequentada pelos padres, e ele desde cedo já demonstrava muito apreço e encantamento pela natureza. Isso aparece no relato de Sílvia, uma amiga e colega de trabalho dele: “*Lembro as idas ao sítio de um tio meu, onde, enquanto*

*os outros primos brincavam junto à piscina, o Fernando convidava alguns de nós para uma incursão no mato. Ele, com a maior paciência, nos mostrava os detalhes da natureza”.*

O mesmo amor que ele tinha pela natureza também foi cultivando pelas pessoas que fazem parte da sua história, entre elas jesuítas que ele conheceu. Esta identificação com as pessoas o levou, desde muito cedo, a criar este elo de pertencimento com a proposta da filosofia educacional da Companhia de Jesus. Nas palavras do Pe. João Roque sobre Fernando: *“Quanto à identificação com a proposta da filosofia educacional da Companhia de Jesus e a Pedagogia Inaciana, creio que o professor Fernando as absorvia por osmose, porque viveu desde pequeno nesta atmosfera e criou simpatia e sintonia com a mesma”.*

Esta identificação com a filosofia da Companhia de Jesus, segundo relato do próprio professor Fernando Meyer, poderia ter relação com a sua inspiração quando menino, pois para ele os adultos serviam como testemunho concreto neste momento da infância. Nas palavras de Pe. João Roque, Fernando *“tinha gênio feliz, brincalhão, alegre, otimista, proativo e criativo”*, e ele convivia muito com jesuítas. Estas foram experiências, que, para ele, como menino, tinham sentido e significado que, no futuro, já apontavam para o profissional ou para a área de atuação que iria seguir.

Nesse contexto, as intervenções educativas dos jesuítas para com Fernando estavam distantes de uma doutrinação ou de uma catequização, eram um verdadeiro vínculo de respeito e afeto, forjando uma amizade madura e verdadeira que dura até hoje. A esposa, Isis, diz: *“os padres Maneca, João Roque e João Claudio (atual Diretor Geral do colégio Anchieta) são pessoas que efetivamente marcaram presença na vida da família, pela amizade, apoio espiritual e estímulo diante de tantos desafios”.*

Sua filha, Ivone vendo esses princípios e valores do pai, completa:

Apesar de trabalhar durante o dia e estudar na Unisinos à noite, nunca nos sentimos abandonados como filhos. Sempre se fez presente e zeloso. Quando estudávamos na escola, o Museu era como um santuário e tínhamos aquele espaço como um porto seguro, pois sabíamos que ele estava lá se precisássemos, apesar de nunca termos tido qualquer tipo de privilégio por sermos filhos dele.

Se desde a infância o professor Fernando esteve imerso numa família muito unida, em que todos compartilhavam efetivamente a vida, com suas alegrias e dificuldades, pelos depoimentos de sua esposa e filha reconhecemos que essa familiaridade, identidade e pertencimento permaneceram durante sua vida adulta, espalhando-se também junto à sua família, anos mais tarde. Por isso, ouço dizer que essa união desde muito cedo sempre esteve

imbuída dos princípios e valores inacianos e esses influenciaram na formação da sua personalidade.

## 5.2 FERNANDO: MONITOR

Em 1917, o Museu de Ciências Naturais, foi fundado pelo pesquisador Pe. Pio Buck (LEITE, 2005), que iniciou a coleção de minerais, de fósseis, de ictiologia e de ornitologia. Isto merece atenção, pois é esse o local onde nasce e ganha vida a narrativa ora em andamento. Trata-se da história de vida de um sujeito que começa na instituição ainda na qualidade de aluno e é tocado de modo especial pela Pedagogia Inaciana por meio de seus protagonistas da época, todos professores jesuítas e, mais tarde, se torna educador e diretor desse mesmo Museu.

A educação (trans)forma o ser humano, num movimento de dentro para fora. No sentido teologal, *espírito*, do latim *spirare*, “respirar, inspirar”, o espírito que inspira vida em cada um de nós aponta para a importância da escola nessa formação, como ambiente de convivência e aprendizagem. Para o professor Fernando Meyer, a escola foi muito importante, impulsionando inclusive sua escolha profissional. O Pe. Pio foi uma pessoa fundamental na constituição da sua história de vida. Ele era um cientista que percebeu em Fernando a picardia de um menino da época, muito curioso e estudioso. Então, Pe. Pio demonstrou interesse pelo que ele fazia, acreditou no seu potencial e serviu como referência de pessoa humana e profissional, convidando-o, em 1958, quando Fernando tinha 21 anos, para ser seu monitor no Museu do Colégio Anchieta, trabalhando com a pesquisa e o aprimoramento da coleção de insetos, interesse de Fernando desde 1954, com 18 anos.

Desde que começou a trabalhar com o Pe. Pio, o Museu passou a ser a sua segunda casa. Uma de suas colegas de trabalho chega a comentar o seguinte: “*O Museu era a casa do Fernando. Mas não aquela com que estamos habituados. Era além da casa dele, era a casa dos animais*”.

O espírito abnegado e solícito do professor Fernando deixam uma marca para quem teve e tem a oportunidade de conviver com ele.

A filha Ivone diz:

Meu pai nunca foi um homem ambicioso, mas sempre foi um homem de caráter e extremamente correto. Acredito que muito do que ele é foi absorvido da experiência de conviver com a comunidade Jesuíta, mas também acredito que muito veio da sua índole, do seu berço, e foram esses valores que sempre teve o cuidado de passar aos filhos e a todos os alunos que por ele passaram.

O professor Fernando, atuando como monitor, sempre se mostrou atento e disponível para aprender, trabalhando com alegria e colocando amor em tudo o que fazia. Aliás, motivação para aprender sempre foi uma de suas virtudes como bem coloca Pe. João Cláudio:

Vale também lembrar o fato de o Professor Fernando ter trabalhado, por muitos anos, com o Padre Pio Buck, fundador do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta. Não tenho dúvidas que dele recebeu forte influência na sua maneira de ser e agir no seu magistério e na própria vida pessoal. Na sua maneira de ser Professor e ser pai de família. Aliás, ele é muito grato ao Pio pela convivência e pelos valores que dele recebeu.

Além de aprender muito com o Pe. Pio, Fernando também procurou mostrar-se comprometido e responsável no desempenho das suas atribuições. Como declara Pe. João Roque: *“Posso apontar com segurança os seguintes destaques: seriedade no desempenho de suas funções, sadia curiosidade pelos conhecimentos científicos, especialmente no campo das ciências naturais”*.

Com essas palavras, pode-se perceber que o professor, desde cedo, estava imbuído de uma metodologia proveniente da Pedagogia Inaciana, que fez dele um monitor metódico cuidadoso e zeloso de pessoas e materiais, das diversas atividades e do próprio saber científico. Essa experiência como monitor fez com que ele desenvolvesse a capacidade tão cara que é trabalhar em equipe. Foi uma importante vivência para ele.

Como diz o ditado: “as palavras comovem, mas o exemplo arrasta”. Com seu jeito exemplar, com palavras e ações, atitudes de cuidador, professor Fernando como pai também deixa sua lição. As palavras da sua filha, Ivone revelam esse pai educador, ao dizer que:

O que eu aprendi com meu pai não foi dito por ele, foi mostrado nas suas ações, foi observando suas atitudes frente à vida, foram os exemplos. O amor pelo trabalho, a dedicação ao que acredita, a defesa do que é correto. Talvez eu esteja enganada, mas acho que muito do que ele se tornou foi inspirado no Padre Pio, alguém por quem ele sempre teve muita admiração e carinho.

O tempo passou, Fernando Meyer, como aluno, aproximou-se dos professores, fez-se monitor. Cresceu. Inspirou-se. O jovem Fernando dedicou-se ao estudo, à convivência e à experiência, que em muitos momentos de sua trajetória tornaram-se história viva e ativa deste espaço e desta função que hoje ocupa. E como prova deste encantamento e de toda a motivação que havia sido desenvolvida nele, Fernando agora atuava na qualidade de professor. Dando aulas, passou a reproduzir toda a bagagem que trazia de conhecimento,

verdadeiras narrativas de vida, mas muito mais. Ele passou a ser fonte para centenas de alunos, tocados por aquela motivação inicial vivida nos seus tempos de aluno. E o canal de tudo isso foi, além das pessoas, o conhecimento e a dedicação, aqui vistos como objetos em torno do qual tudo acontece.

Depois de se tornar um multiplicador, Fernando, que era legitimado no seu fazer pelos valores outorgados pelos jesuítas, passou a destacar-se por seu valor absoluto de dedicação a seus alunos. As provas eram o constante envolvimento com eles, a descoberta tangível das ciências através dos experimentos, do cultivo e cuidado de relíquias, da disciplina do catalogar, registrar, categorizar e assim conhecer mais e mais.

Autoestima autoconceito são valores outorgados pelos jesuítas, absolutos enquanto fonte da espiritualidade e carisma inacianos, hoje revisitados e relativos, dependendo do grau de identificação do público e difíceis de relatar. Assim, a constituição da subjetividade ancora-se em uma teia particular, envolvendo vínculos familiares, institucionais e sociais entrecruzados pela estrutura individual de cada um dos membros do grupo, pelas novas possibilidades e escolhas. Fernando, por suas competências, habilidades e atitudes e continuada motivação demonstradas pelas vivências e experiências, publicamente reconhecidas, foi o continuador natural da obra do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta desde quando Pe. Pio faleceu, em 21 de agosto de 1972, até nossos dias.

A pergunta que fica: é possível no cenário contemporâneo, marcado por um novo paradigma de saberes, continuarmos a cativar profissionais identificados com o carisma inaciano e capazes de serem multiplicadores do encantamento pela Pedagogia Inaciana aplicada a saberes atuais? **Ao investigar a trajetória profissional do professor Fernando quis analisar o processo histórico de formação praticado pelo Colégio Anchieta, que permitiu a este e a outros talentos desenvolverem-se e gerarem frutos.** Assim, pretendi investigar o processo de formação (SPOHR, 2011) do professor anchietano, a partir da história de vida do Fernando Meyer, um profissional de destacada identidade e sentimento de pertencimento no cenário e história desse Colégio.

A foto a seguir, figura 9, mostra uma reunião com Cylon Estivalet e Martin Sander, professores da Unisinos, na sede do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta, para organização da exposição Memórias do Pe. Balduíno Rambo, SJ, junto ao Museu de Ciências Naturais do Rio Grande do Sul, em 2012. Vejo nessa foto um traço constante na gestão do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta: a marca do profissionalismo do professor Fernando Meyer.

**Figura 10 – Professor Fernando Meyer com Cylon Estivalet e Martin Sander da Unisinos, na sede do Museu, ano de 2012.**



**Fonte:** Arquivo do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta

Percebo assim, mais uma vez como legado da Pedagogia Inaciana manifestando-se na contemporaneidade, por meio da história de vida do professor Fernando Meyer. Creio que pude expressar nessa história (auto)biográfica traços dessa *inacianeidade* que se mantém viva até hoje, passados já 54 anos. Reconheço o legado do apostolado educacional empreendido pela Companhia de Jesus, tão solidamente constituído como tradição educativa e que na contemporaneidade, continua se concretizando em atitudes e posturas, em construção de identidade e sentimento de pertencimento, através da narrativa de uma história de vida no Colégio Anchieta. Para melhor entender o carisma e a espiritualidade como lugar e espaço, busca e desejo, é necessário ir além da tradição, permitir olhar as vivências e experiências de (trans)formação que a Companhia de Jesus proporcionou ao professor Fernando Meyer.

Nesse sentido, pactuo com a filosofia da educação jesuíta de que nossas escolhas podem ser compreendidas e parcialmente explicadas, contribuindo para a tomada de decisões e as mudanças em nossa caminhada. O texto autobiográfico assume, assim, grande riqueza, oportunizando a reflexão e o (auto)conhecimento como aspecto relevante à formação pessoal e profissional.

### 5.3 FERNANDO: GESTOR

Em 1972, o Pe. Pio veio a falecer, e o Pe. João Roque, então Diretor do Colégio Anchieta, nomeou o professor Fernando Meyer como o novo Diretor do Museu Anchieta, em 1973. Assim, uma nova etapa na vida dele estava começando, mas isso não modificou sua postura perante o grupo de professores, a equipe do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta e a direção do Colégio.

A partir desse ano, desenvolveram-se vários projetos que vieram beneficiar os alunos do Colégio, tais como: estágios voluntários, profissionalização, preparação para o trabalho, cursos, passeios, oficinas, exposições temporárias e permanentes, melhorias das vitrines da exposição e encontro de museus. Com todas estas atividades, abriu-se o Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta para visitação externa. Convidaram-se pesquisadores de instituições científicas do Brasil, da América do Norte e da Europa para colaborar na classificação do acervo do Museu. Até a década de 60, ele denominava-se Museu Anchieta. Na década de 70, passou para Museu Anchieta de Ciências Naturais. Todos *“os investimentos e incentivos eram valorizados pelos diretores do Colégio e contribuíram para a continuidade do excelente trabalho e para a sua expansão”*, reconhece Fernando.

Pe. João Cláudio, relatou como foi o processo vivido pelo professor Fernando na transição de monitor para gestor, sendo um gestor educador:

Uma carreira longa e, sem dúvida, meritória. Carreira que ainda continua, porém, já não como professor desta ou daquela disciplina curricular, mas como professor informal de crianças e adolescentes, tanto do Colégio Anchieta como de outras muitas escolas da grande Porto Alegre, que, sempre mais, procuram o Museu Anchieta, como uma rica oportunidade para aumentar seus conhecimentos. **Ministra informalmente aulas, cursos e oficinas sobre diversos assuntos do acervo do Museu; aulas e explicações muito apreciadas pelas crianças e adolescentes.** O Professor Fernando, mais que na academia, aprendeu a ser professor na vida quando, como órfão de pai, desde bastante cedo colaborava com a mãe no sustento da família, então vinda do interior para a Capital. Ao entrar, muito cedo, em sala de aula, mais que da academia não concluída e, então, menos exigida pelas formalidades legais, soube tirar das coisas simples materiais e situações importantes para enriquecer suas aulas, tornando-as mais atraentes e significativas para os alunos. Trata-se do interesse do Professor Fernando pela história, tradição e cultura, tanto do contexto regional e universal como da instituição. Tem gosto pela conservação desses elementos que, para ele, recordam o passado, o significado e os valores da vida de pessoas e instituições. Tal preocupação, por certo, foi reforçada pelo trabalho junto ao Padre Pio Buck, fundador do Museu de História Natural Anchieta.

O relato do Pe. João Cláudio retrata que Fernando buscava com afinco o conhecimento e que chega a reconhecer os desafios em sua trajetória. Cria sintonia entre didática e saber, e

o saber é aplicado referindo valores presentes na natureza e nas pessoas com as quais convive harmonicamente, mostrando-se um gestor que, além de coordenar o espaço do museu com eficiência, também conquista e encanta os jovens e as crianças.

Como gestor do Museu, o professor Fernando Meyer tem demonstrado ser um colaborador motivado e identificado com a Pedagogia Inaciana; tem trazido em sua atuação as marcas do ideal renascentista atualizado, destacado por uma aposta no pleno desenvolvimento da pessoa humana e das suas potencialidades. Sem dúvida! Isso pode ser observado pelos depoimentos:

**P. João Roque:** O próprio tempo de 46 anos de perseverança na mesma instituição, desempenhando variadas funções no colégio, com palpáveis sinais de identificação com a proposta educacional e de motivação, é um testemunho eloquente desta certeza. [...] Nunca se mostrou refratário aos novos procedimentos adotados, procurando compreendê-los e valorizá-los, aplicando-os na sua atuação como professor e diretor do museu.

O Fernando é um sujeito apostólico peculiar no contexto da educação da Companhia de Jesus em nossos dias. Sempre acreditou no museu e na sua importância na educação da infância e da juventude. Nunca desistiu de educar através daquilo que a natureza nos apresenta

Um dos desafios do gestor é conciliar teoria e prática. Para o professor Fernando Meyer isso não é diferente, mas se torna mais fácil na medida em que desde a sua infância ele vem sendo constituído pelos valores e princípios desta dialética de vida presente no paradigma inaciano. O seu encantamento e emoção pelo que faz transbordam em suas ações. O depoimento da professora Silvia, da sua equipe, traduz isso:

**Silvia:** Quando vejo as crianças entrando no Museu, e o Fernando mostrando para elas um mundo microscópico, vejo nelas o mesmo encantamento da minha infância. Os olhos brilham, a boca entreaberta, a fala acelerada, tudo é fantástico, vista pela visão de um professor incansável e apaixonado pela sua profissão. Não tem como não gostar do lugar que ele cuidou e ao qual se dedicou tanto. Dedicção é a palavra que resume a vida profissional do Fernando. Incansável, mesmo às vezes cansado, curioso, paciente. São tantos adjetivos que fica difícil lembrar. Mas um eu jamais esqueço: MESTRE!

Essas palavras sintetizam o que a maioria dos depoimentos destacou do professor Fernando Meyer: um homem paciente, comprometido, consciente e humilde por reconhecer e conhecer o valor de cada experiência e por conseguir valorizar cada pessoa como um ser humano especial. Este seu jeito de administrar o Museu e também de ser educador nele está de acordo com a educação da Companhia de Jesus, uma educação que “[...] insiste no cuidado e interesse individual com cada pessoa; enfatiza a atividade por parte do aluno e estimula a

abertura ao crescimento permanente”. (CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA, 1989, p. 31).

Como gestor do Museu do Colégio Anchieta não foi reconhecido somente pelos seus colegas e amigos, mas foi lembrado por ex-alunos que, pelo convívio rico em espiritualidade e amor à natureza, tiveram marcadas suas trajetórias de vida, influenciando inclusive em suas escolhas profissionais. A seguir destaco depoimentos de ex-alunos:

**Ex-aluna de 1998:** lembro que descobria um mundo diferente a cada dia. Dos mais marcantes, destaco aquele que me proporcionou uma visão diferente sobre a natureza. [...] Completei vinte anos neste ano, e levarei sempre comigo toda essa alegria, coragem e liberdade que o Museu Anchieta representou para mim.

No depoimento dessa (ex)aluna, apesar de ser de 1998, pode-se perceber que o professor Fernando cativava os seus alunos e fazia-os terem alegria em aprender. Esta alegria de aprender é uma marca fundamental da educação jesuíta que o professor, ao que tudo indica, vem conseguindo passar aos seus alunos até hoje em plena atuação. Segundo as características da Companhia (CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA 1989, p. 33)

[...] a educação jesuíta tenta inculcar uma alegria de aprender e um desejo de aprender que permaneçam para além dos tempos de colégio. [...] Aprender é importante, mas muito mais importante é aprender a aprender e desejar continuar aprendendo durante toda a vida..

A Pedagogia Inaciana dá importância ao desejo e, nos Exercícios Espirituais, fala em “criar o desejo de desejar”. Será que o professor Fernando Meyer está tão imerso na Pedagogia Inaciana que consegue criar em seus alunos o desejo de desejar? “A essência do ser humano é desejo”, escreve Spinoza. A. Comte-Sponville, ao tratar do desejo, remonta a “O Banquete” de Platão: “O amor é desejo, e o desejo é falta”. Cita Sartre, para quem “o homem é fundamentalmente desejo de ser” e “o desejo é falta” (CONGRESSO INACIANO, 2005, p. 30). Nesse movimento, o desejo vai sempre anunciando a falta. Quando esta é preenchida, o desejo desaparece e abre outra falta, e assim por diante. Quando fechará definitivamente a porta da falta e, portanto do desejo? Na fé, o sabemos. Na plenitude da vida eterna. Até lá viveremos o jogo sempre “perdido” do desejo.

Na Antiguidade patrística, Santo Agostinho conheceu o calor de desejos ardorosos. A sua pedagogia consistia em orientá-los para o repouso em Deus. A inquietude desejosa descansa somente nele. O desejo é o quinhão de nossa experiência terrestre. Experimentamos

o dilaceramento de viver o definitivo no provisório, de aspirar à eternidade imersos no tempo, de buscar o infinito de Deus nas finitudes humanas, de peregrinar para a Jerusalém celeste vivendo na cidade terrestre. São os dois amores que conflitam dentro de nós. “*Fecerunt civitates duas amores duo*”, “duas cidades construíram dois amores”.

Inácio de Loyola, na sua juventude, viveu intensamente o acicate do desejo com a turbulência da frustração a ponto de chegar perto do suicídio. A serenidade veio quando passou a aceitar maneiras concretas e limitadas de realizar os desejos do peregrino de espírito medieval que se tornou, em busca de santuários e da Terra Santa; do acadêmico da Sorbonne atrás da ciência da época, do apaixonado pelo Jesus histórico que fundou a Companhia de Jesus. O polo do *magis*, sem o contrapeso do *minus*, da ação concreta, dilacera mais do que cura. O *minus* da pequena ação entedia mais que realiza. O jogo disciplinado dos dois permite maior realização humana e espiritual e um equilíbrio no mundo dos desejos. Faz-se necessário, portanto, abrir a porta da disciplina.

Percebe-se que o desejo por aprender do professor Fernando Meyer despertou também em seus alunos o desejo de aprender. E isso foi tão forte que muitos deles fizeram suas escolhas profissionais marcados por essa influência, como pode ser constatado nos depoimentos a seguir, em que ex-alunos trazem à tona suas principais lembranças e a influência do trabalho do Museu:

**Ex-aluno de 1977:** para minha formação como pesquisador, a passagem pelo museu Anchieta foi essencial. Um aprendizado precioso, não só para a ciência, mas para toda a vida.

**Ex-aluno de 1979:** o cheiro do Museu. Não tem maneira, o cheiro do Museu vai ficar na memória da gente para sempre, sem que dele, no íntimo, a gente queira se afastar.

**Ex-aluno de 1983:** a convivência com o sempre entusiasta professor Fernando Meyer e seus preciosos ensinamentos serviram para catalisar ainda mais o desejo de seguir uma carreira científica. No museu aprendi a importância da motivação e da disciplina científica para penetrar no coração dos infindáveis mistérios da natureza. O Museu é, sem dúvida, uma joia do colégio. Meus filhos, anchietanos, hoje sabem disso.

**Ex-aluno de 1984:** fiz o curso Profissionalizante de Museologia – modalidade de Ciências Naturais. Acabei por desenvolver atividades que confirmaram meu grande interesse pelas Ciências Naturais e foram decisivas na escolha do meu curso universitário: Biologia. Uma escolha acertada.

Os depoimentos coletados expressam gratidão pela pessoa e tudo que ela significa numa relação pessoal e profissional com alunos, hoje profissionais que reconhecem o testemunho de vida explícito no ser e no fazer do professor Fernando. Os depoimentos

apresentados mostram que o professor traduziu, no seu modo de ser e agir, o que há de mais precioso na Pedagogia Inaciana: o aspecto de que ela é arte e ciência de ensinar e não pode ser reduzida a mera metodologia. Deve incluir uma perspectiva do mundo e uma visão da pessoa humana ideal que se pretende formar.

Além disso, o professor Fernando Meyer, em suas atitudes com os alunos que visitam o museu ou com os estudantes de graduação que vão realizar o estágio obrigatório, procura ser sempre o mesmo: sensato, afetivo, amigo, preocupado com suas aprendizagens, despertando o desejo de aprender, escutando suas experiências prévias, como pode ser observado abaixo:

**Ex-aluno de 2003:** faz algum tempo... vinte anos? Teu lugar é especial pela infinita paciência com que acompanhaste meus erros e acertos, com as sugestões incrivelmente acertadas, devidamente traduzidas e transmitidas em palavras que um adolescente podia compreender sem rebelar-se, e, mais que tudo isso, com o imenso e contagiante carinho que sempre demonstraste pelo trabalho.

O depoimento ilustra a pedagogia do afeto, empregada pelo professor Fernando Meyer, e marca da educação jesuíta. A foto a seguir, figura 10, registra um acampamento com alunos em Pareci Novo (1960), espaço privilegiado para experienciar a riqueza humana e o carisma do professor, através da convivência.

**Figura 11 – Foto do professor Fernando em acampamento, Pareci Novo, RS, 1960**



**Fonte:**

Arquivo do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta

Na foto a seguir, figura 11, o professor Fernando está dando uma aula de Ciências Naturais para uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental. A essa aula tive o prazer de assistir em parte: o professor escutou os alunos, permitiu que cada um, de forma organizada, se expressasse, rememorando conhecimento e construindo novos saberes a partir da relação: experiência – ação – reflexão. Essa relação é parte importante do Paradigma Inaciano, que “sugere uma multidão de caminhos pelos quais os professores poderiam acompanhar seus alunos e facilitar-lhes a aprendizagem e amadurecimento, fazendo-os encarar a verdade e o sentido da vida” (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, p. 38).

**Figura 12 – Foto Turma de 3º ano em aula no Museu, 2005**



**Fonte:** Arquivo do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta

Nessa aula e em seu fazer como gestor e educador, Fernando buscou colocar em ação os ensinamentos de Inácio de Loyola, que afirmava: “[...] a imaginação, os sentimentos, a vontade, o entendimento desempenham papel central no enfoque inaciano” (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, p. 100).

Além da imaginação e dos sentimentos, o mundo contemporâneo exige da educação algo profundo, como foi para a Companhia de Jesus ao longo da história, “a promoção do ser

humano, uma missão que compreende o serviço da fé e a promoção da justiça em um diálogo com a cultura”<sup>19</sup>.

Esta consciência a serviço da fé e da justiça, na Companhia de Jesus, sempre foi definida como objetivo e atitude concreta de serviço, projeto institucional e pessoal que se dá, por meio do testemunho e da inserção, significando contato com a pessoa em diferentes realidades. O professor Fernando Meyer naturalmente tem essas atitudes como gestor, manifestando-as no atendimento a outras instituições, ao abrir as portas do conhecimento, do mesmo modo e com a mesma alegria como se fossem para nossos alunos, ex-alunos e amigos. Ele acolhe pessoas e instituições praticando esse princípio da acolhida imparcial.

Na expressão empregada por Pe. Kolvenbach, nosso modo de ser, de pensar e ajudar, de sentir e atuar sempre deve considerar a alteridade como princípio. A disponibilidade, a confiança e o trabalho em equipe são condições *sine qua non* para um gestor e/ou educador da Companhia de Jesus. Nesse sentido, os preceitos da Companhia de Jesus são claros e desejam que, no exercício da liderança, esteja sempre, em primeiro plano, buscar o bem mais universal da missão que somos chamados a realizar, e, nas decisões, optar pelo que melhor corresponder à missão. Nesse sentido, o jeito de ser do professor Fernando Meyer traduz-se no jeito de servir e trabalhar. Essa disposição caracteriza o modelo de gestor que ele é, pela sua humanidade, tenacidade e competência sentindo-se verdadeiramente partícipe da missão educativa, peculiar à Companhia de Jesus.

#### 5.4 FERNANDO: EDUCADOR INACIANO

No século XVI, a Companhia de Jesus estruturou-se e consolidou-se como Ordem Religiosa, a partir da vida de Inácio de Loyola, com todas as qualidades e liderança. Também contou com o apoio e a decisão dos Primeiros Companheiros, que, na educação, ocuparam um lugar importante na história da Pedagogia Inaciana. Na sua essência, como já foi referido, convém destacar que as atividades educacionais não estavam entre os primeiros propósitos da Companhia de Jesus; no entanto, o projeto educativo da *Ratio* acabou sendo uma das principais características do carisma e missão, sem perder evidentemente o caráter religioso e a atividade missionária que a consagrou.

No cenário atual, por motivos políticos e econômicos ou por motivos morais, a situação do educador como profissional requer um olhar diferenciado. Como sabemos, cabe-lhe a nobre e desafiante missão de educar! A Companhia de Jesus, ao longo da história,

---

<sup>19</sup> Decretos da Congregação Geral 34, decreto n. 14, n. 13.1. São Paulo: Loyola, 1995.

sempre esteve atenta à formação do professor, dedicou-se à formação permanente e continuada dos “mestres”, realizando um progresso na educação e adiantando-se ao seu século. É um fato comprovado pela história que a Companhia de Jesus procurou satisfazer as intenções do fundador e atribuiu, em todo tempo, decidida importância à formação dos professores que em seus colégios haviam de ensinar e educar a juventude.

O professor Fernando Meyer, como aponta Pe. João Cláudio,

Iniciou sua carreira no magistério na escola Primário Roque Gonzales, situada à rua Alberto Bins, Centro de Porto Alegre, logo que concluiu a formação básica no Colégio Anchieta, da rua Duque de Caxias, Centro. A experiência inicial, sem dúvida, foi o fundamento e o início da sua carreira no magistério como professor do Colégio Anchieta.

A educação é um campo fértil para a (auto)formação, que na sua essência traz a capacidade de (trans)formar a pessoa humana. O educador trabalha para engrandecer o ser humano, reconhecendo a inteireza da cada pessoa como sujeito e protagonista da sua história de vida e missão, sempre pronto para aprender e ensinar. Padre João Roque constata essa disponibilidade para aprender no professor Fernando; ele afirma que Fernando

Aprimorou-se no uso dos meios didáticos, desde os mais primitivos, do tempo do quadro-negro e giz, aos mais sofisticados da moderna tecnologia. Com paciência e maestria, quando outros já se declaravam incapazes e incompetentes para aprender o manejo do computador e das linguagens cibernéticas e digitais, ele os encarou com naturalidade, aprendendo, com humildade, dos outros mais jovens que ele. Nisso continua progredindo sempre, num exemplar processo de formação permanente.

Nessa afirmação, o Pe. João Roque traça um paralelo entre Inácio de Loyola com o professor Fernando Meyer, pela sua capacidade e humildade em aprender, dócil e decidido em seus propósitos. Percebe-se no professor Fernando Meyer a vontade de crescer e aprender que sempre foi uma característica dele: uma pessoa sempre disposta, alegre e humana.

O Pe. João Cláudio também destacou a criatividade e o entusiasmo das aulas ministradas pelo professor Fernando. Nas palavras dele:

O Professor Fernando costumava solicitar dos seus alunos que levassem, de suas casas, materiais que poderiam servir para o desenvolvimento das aulas de História Natural ou Biologia. Também, como pessoalmente observei, entre os turnos e períodos de aula, vi o Professor Fernando procurando materiais didáticos para enriquecer suas aulas em áreas descampadas no entorno do Colégio, como descartados, folhas e caule de vegetais, peixes, insetos, e outros. As aulas eram mais práticas que teóricas, por isso mesmo muito apreciadas. As crianças e adolescentes que visitam o Museu apreciam suas explicações, seus exemplos e a maneira com que apresenta os diversos assuntos. Elas têm um aspecto lúdico muito próprio e interessante para as faixas etárias das crianças. Além da preparação e a maneira de ministrá-las, são enriquecidas com “coisas” da vida de seus alunos. Trata-se de uma didática atual e recomendada, pois desperta mais o interesse dos alunos para o aprender que as aulas meramente teóricas. Em outras palavras, faz com que os conteúdos sejam mais facilmente apreendidos, tornando-se também significativos. Outro aspecto, em relação às suas aulas, é o incentivo que passa aos alunos para o

estudo, fazendo com que ele se torne importante para a vida. A par do incentivo, sempre foi alguém que assumiu o magistério com alegria, com entusiasmo, transformando-o efetivamente em uma missão assumida de maneira consciente e livre. Outra das marcas características é a sua postura ante seus alunos, sobretudo, o respeito, a estima e a compreensão.

O Colégio Anchieta, desde que foi fundado, acredita nos ideais e valores de excelência humana e acadêmica propostos pela Pedagogia Inaciana, que fundamentam a sua prática cotidiana e aparecem nas atitudes dos profissionais quando se propõem a trabalhar nessa perspectiva. Na sua própria fala, o professor Fernando Meyer assim se expressa:

Tudo o que fiz aqui não é para conseguir elogios e merecimentos. É uma decisão de vida. Um caminhar, motivado pelos ensinamentos e mensagens dos jesuítas. Essa vivência fez-me pautar o ser e o fazer que sou hoje. Tudo o que fiz e vivi valeu!

Pela declaração do professor Fernando, pode-se observar que o tempo em que ele vem trabalhando na instituição vem imprimindo marcas, e essas marcas vêm constituindo a sua identidade como educador inaciano. A sua história de vida possui traços dos valores jesuítas e, ao comentar isso, percebi em sua face uma emoção cativante que muito me impressionou. Nisso Pe. João Roque também concorda, relatando, entre outras características:

Seriedade no desempenho de suas funções; sadia curiosidade pelos conhecimentos científicos, especialmente no campo das Ciências Naturais; fino trato nas relações com seus alunos e colegas de profissão; forte identificação com as instituições em que atua; flexibilidade no exercício de diversas funções institucionais, quer no campo da docência, quer na coordenação de Departamentos ou de Cursos; gestão segura e competente na administração escolar e na organização/funcionamento do Museu que dirige há muitos anos; capacidade de trabalhar em equipe; capacidade de conviver pacificamente com os que pensam e agem diferentemente dele; conciliador nos conflitos que se manifestam em qualquer comunidade ou instituição; aberto, generoso e magnânimo em compartilhar seus conhecimentos e seus espaços de trabalho, tanto com os que pertencem à instituição, quanto com os de fora que solicitam seus préstimos e serviços profissionais

Já estive, em diferentes momentos, no Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta e percebi que seu carisma é uma característica jesuítica que aparece no trabalho feito com as crianças e os professores que visitam o Museu e, principalmente, com ex-alunos ao reencontrá-lo. Essa sua atitude carismática, alegre e acolhedora, retrata os valores jesuítas baseados nos ensinamentos de Inácio de Loyola, que, na Pedagogia Inaciana, se propõe a “[...] formar homens e mulheres para os outros” (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, p. 29).

O carisma presente na pessoa do professor Fernando Meyer é contagiante, e seus colegas de trabalho relatam este aspecto como marca que ficou. Um ex-colega do professor também destacou aspectos positivos da convivência com este homem e dos ensinamentos da tradição da Companhia de Jesus. Como pode ser percebido a seguir:

**Prof. Delvino Algieri (ex-colega).** Por mais de três décadas, tive a felicidade de trabalhar neste insigne educandário. A filosofia inaciana sempre me empolgou, ainda mais quando, nos idos 1965, li aquela monumental obra pedagógica, ou seja, o *Ratio Studiorum*.

Como me sentia bem e feliz em poder contribuir um pouco no ensino aprendizagem juntos aos meus alunos e colegas, principalmente ao lado do professor e amigo Fernando.

A filosofia de Santo Inácio, bem como os retiros espirituais muito me ajudaram a crescer na formação de minha personalidade. Tanto assim que meus filhos foram anchietanos e agora meus netos estão estudando no Anchieta.

Só guardo gratas recordações de todos os anos que lá trabalhei. E por isso tudo sou muito grato ao Colégio Anchieta e aos jesuítas.

Nesse depoimento foi possível perceber o carinho desse ex-professor pela Companhia de Jesus e pelo professor Fernando Meyer. O avô fala de seu filho, e dos três netos que estão estudando na instituição. Destaco a fala de seu filho, Alexandre, que também relatou a sua gratidão pelo sentido e significado da escola em suas vidas e pela grande consideração e carinho com a pessoa do professor Fernando. Alexandre, diz:

**Alexandre Algieri, ex-aluno.** Estudar é uma arte que expressa conhecimento e nos ensina a caminhar, numa direção melhor. Ter tido um convívio intenso e receber ensinamentos do dedicado prof. Fernando, durante minha juventude, no Colégio Anchieta, fez com que nos tornássemos um pouco melhores e, como exemplo de casa, como filho de educadores de pai e de mãe aprender a respeitar, criar e pensar num mundo melhor com humanismo, valorizando o ser e não o ter. O professor Fernando nos mostrava sua dedicação, seu carinho e sua sabedoria no toque fino com os alunos através do contato com as plantas e animais. Isso foi marcante em minha vida e atualmente tenho três filhos na instituição que felizmente vibram com o Colégio Anchieta e são apaixonados pelo museu, pela referência do carismático professor Fernando Mayer e pelos mestres que fazem parte do corpo docente; por isso finalizo esta mensagem com um tom de 'GRATIDÃO'.

A seguir a foto, figura 12, do pai (ex-professor e ex-colega do professor Fernando) e o filho, ex-aluno, com o professor numa visita recente ao Museu, em 2011.

**Figura 13 – Foto de Fernando com Delvino Algieri, ex-professor, e Alexandre Algieri, ex-aluno, hoje pai de aluno**



**Fonte:** Arquivo do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta

O depoimento a seguir, de um ex-aluno carregado de emoção, traduz isso, mostrando como a história de vida se repete:

**Raul Regadas, ex-aluno.** Quando o conheci, em 1959, aos 9 anos, quis Deus, nosso Pai Maior, que assim fosse, para que eu aprendesse o que aprendi, para conhecer que no nosso Mundo terreno existem pessoas maravilhosas, pessoas abençoadas por Ele. E, assim eu conheci o Senhor, Professor, Mestre e Amigo. Nossos caminhos se afastaram, ficaram as lembranças e, principalmente, ficou gravada em meu íntimo mais profundo e sincero a pessoa exemplar e amiga que o Senhor foi para mim. [...] Que o Senhor possa por muito tempo contribuir para que muitas crianças, jovens e adolescentes, consigam ter oportunidades e ser, um dia, homens e mulheres realizados como sou hoje. Obrigado Professor, Mestre e Amigo, por você existir.

Este sem dúvida é um belo depoimento! Que bom se todos os professores pudessem ser lembrados dessa forma e com esse carinho. A Companhia de Jesus compartilha da ideia de que seus membros e os leigos que trabalham em suas instituições devem servir de exemplo para as futuras gerações e para os seus pares, vivenciando os princípios e valores inacianos.

De acordo com as Características da Companhia de Jesus:

Os membros adultos da comunidade educativa orientam os estudantes para o desenvolvimento de um conjunto de valores que conduzem a decisões que transcendem a própria pessoa e se abrem à preocupação com as necessidades dos outros. Esforçam-se por viver de tal maneira que suas próprias vidas possam servir de exemplo aos alunos e estão dispostos a compartilhar suas próprias experiências de vida. *A atenção pessoal* continua a ser uma característica básica da educação jesuíta. (CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS, 1989, p. 32).

Ser educador inaciano é buscar no carisma e na espiritualidade da Companhia de Jesus o objetivo comum deste corpo apostólico formado por Inácio de Loyola e pelos Primeiros Companheiros, seguindo os princípios e valores da sua tradição para a plena realização pessoal e profissional, em nosso tempo. Nos Exercícios Espirituais, fica claro que os objetivos institucionais devam ser também os objetivos pessoais, ou seja, do mesmo modo que Inácio de Loyola conseguiu testemunhar sua paixão convertida, pois sua ambição única tornou-se a aventura em ajudar a salvar almas por seu amor a Jesus.

Nessa perspectiva, o fim da educação, para Inácio, era “salvar a alma”; hoje significa: *buscar salvar a pessoa na sua totalidade e trabalhar com todas as pessoas na perspectiva da parusia*. Salvar no sentido próprio. Apontar o caminho da (trans)formação, configurando a história de vida a partir da experiência do ser humano singular e plural, como criatura diante do seu Criador, como “imagem e semelhança de Deus”. Essa expressão é verdadeiramente inaciana, significativa para aqueles que buscam o sentido da existência, do ser pessoa, capaz de olhar para sua história e experimentar a transcendência, e colocar-se sempre em busca da busca dialética do desenvolvimento humano como forma de dar resposta. Desta maneira, o educador inaciano, como pessoa, estará sempre unido ao eixo da essência humana que é a vida.

Nessa expressão está a plenificação da pessoa e de todas as pessoas que segundo o projeto de Deus é, também, para cada uma. Para cumprir isso, a Companhia de Jesus, abraça o apostolado da educação. Nesse sentido, a educação, para a Companhia de Jesus, na visão de Inácio de Loyola, será o meio eficaz para conduzir a pessoa, qualquer pessoa em seu processo de (trans)formação.

Para ele, a iniciativa desta obra é de Deus, porém, sua experiência e escuta atenta leva-o ao propósito de, em sua missão, colocar esse “ministério”, de inspiração divina, como uma maneira muito especial de contribuir com a salvação, formando pessoas livres, conscientes e comprometidas na compaixão. Tudo isso é percebido no professor Fernando Meyer, nas palavras de seu ex-aluno Raul Regadas, que diz:

Nada no Universo é por acaso. Tudo que nos acontece, tudo que recebemos é porque merecemos, é por que está escrito nas estrelas, na lua, no sol. Quando o conheci, em 1959, aos 9 anos, quis Deus, nosso Pai Maior, que assim fosse, para que eu aprendesse o que aprendi, para conhecer que no, nosso Mundo terreno existem pessoas maravilhosas, pessoas abençoadas por Ele.

Inácio de Loyola é o eixo norteador para o Colégio Anchieta, espaço em destaque para a missão do professor Fernando Meyer e de centenas de educadores que se encontram

animados por esse ideal, identificando-se como protagonistas e atores dessa maravilhosa obra de inspiração divina, com suas fragilidades e fortalezas, sempre movida e assistida pelo Espírito do Criador. Essa consciência e leitura de contexto cria nas pessoas a distinção e a singularidade, compreendidas como a identidade e o sentimento de pertencimento, e, por isso, se associa à meta a que se propõe, é respeitada e encontra algum modo de realizá-la e alcançá-la.

Na educação e na aprendizagem humana, certamente, cabem mais perguntas que respostas, vejamos como isso se traduz na fala da filha do professor Fernando, em que percebo, efetiva e afetivamente, o educador inaciano na sua totalidade. A filha Ivone pergunta e responde:

**Ivone, filha.** O que eu admiro no meu pai? O homem que ele é, o amor com o qual faz as coisas em que acredita, o amor que tem pelos alunos, e pela família, o fato de nunca ter corrompido seu caráter, e a capacidade de fazer os outros passarem a admirar o que ele ama.

Essencialmente, Pe. Kolvenbach, na apresentação da Pedagogia Inaciana faz uma releitura e diz: “[...] homens e mulheres conscientes, compassivos, competentes e comprometidos” (PEDAGOGIA INACIANA, nº 22, 1993, p. 12). Nesse sentido, os colégios da Companhia de Jesus, em especial o Anchieta, elaboram seu modelo pedagógico focado na formação de seu quadro docente. No Anchieta, no plano anual os professores estudam temas da contemporaneidade, fazem seus planos de estudo e seus planos de aula cuidando que o contexto e a atualidade estejam presentes.

Diante desse cenário, o educador inaciano como leigo está chamado a viver sua vocação batismal, colaborando com a missão da Companhia de Jesus, no serviço, através das atribuições e funções pedagógicas a ele confiadas. Toma consciência que parte da Missão Comum é conhecer e experienciar, cada vez mais, o processo educacional e do ambiente dentro das condições humanísticas que a instituição lhe proporciona. Essa integração é um processo que produz um sentimento de pertencimento e identidade que acaba gerando sentido e significado em muitas histórias de vida.

Pe. João Cláudio, diz:

Afirmar que a missão de educador do Professor Fernando (tarefa, profissão, trabalho, ou outra qualquer denominação) é como uma opção de vida não é uma afirmação gratuita e nem tampouco leviana ou sem fundamento. Para quem conviveu e ainda convive com ele, ela é legítima e merecida. Muitos são os elementos que sustentam tal posição, como já visto, não havendo necessidade de reapresentá-los. Contudo, se resta alguma dúvida, basta recordar o respeito, a estima e o reconhecimento de que ainda hoje é alvo, bem como o fato de estar no magistério por mais de 50 anos e na mesma instituição.

Ser educador, para ele, não era uma mera tarefa. Era muito mais. Acreditava ser possível que seus alunos aprendessem, sobretudo, através de seu entusiasmo, da alegria, da dedicação, do respeito, do conhecimento, do exemplo, entre outros valores, alguma coisa para sua vida, além do conhecimento ou saber intelectual. Fiquei impressionado, em tantas conversas que tivemos nos últimos 35 anos, sobre sua atuação como professor do Colégio Anchieta, com o conhecimento que tinha de seus alunos e de suas famílias. Queria saber mais sobre o seu aluno. Quem era ele, que desejava, quais suas grandes preocupações, de que gosta e como reage frente ao que não gosta etc. Tenho certeza, sabia ver no seu aluno mais do que alguém que só quer acumular maior número de conhecimentos em vista do futuro e proveito próprio. Via neles pessoas a serem construídas, sobretudo a partir dos verdadeiros valores, humanos e cristãos. Este processo contemplava também a existência de normas e limites. O Professor Fernando tinha, na verdade, um verdadeiro zelo por seus alunos. Foi definitivo seu modo de ser e agir, sua vida.

É muito bom perceber que, na prática, os princípios filosóficos e norteadores da proposta inaciana de educação estão presentes no cotidiano do Colégio Anchieta e no jeito de ser e fazer do professor Fernando. O depoimento do Pe. João Cláudio deixa bem explícito o cuidado e o zelo com que o professor Fernando exercia e exerce seu trabalho enquanto gestor e educador.

Assim é percebida a atuação do professor Fernando por uma professora, de forma exemplar:

**Tatiane, professora.** O Fernando, por sua ação educativa, evidencia a máxima da Companhia de Jesus de ser ‘homem para os demais’. Ao participar de suas aulas, no Museu do Colégio Anchieta, o encantamento sempre fez parte dos sentimentos (de alunos e colegas de trabalho). Aulas criativas, alegres e carregadas de experiências nos levam a entrar em seu mundo fantástico das descobertas. Aulas em que podemos nos transformar em personagens vivendo aventuras nas savanas da África ou carregando filhos indígenas em enormes cestos de palha (vivência que tive na prática com meus alunos da 4ª série, em 1997, durante uma atividade sobre a cultura indígena). Vivenciar, colocar-se no lugar do outro e de diferentes culturas sempre foram reflexões presentes nas aulas do Museu com o Fernando. Quanta disposição e amor pela educação! Sua vida nos inspira e nos convida a contemplar a vida com amor pela natureza e respeito a todos os seres e elementos que a compõe.

E, não foi diferente com Inácio de Loyola e os Primeiros Companheiros, muito menos com o professor Fernando Meyer em sua trajetória da vida e missão. Não lhe faltaram desafios, porém sobram motivos para entender que, no horizonte da missão de um educador inaciano, há sempre novas possibilidades, há sempre novas formas de reinventar a educação. Esse posicionamento e afinidade é fruto da criatividade, empreendedorismo e busca por inovação na vida das instituições da Companhia de Jesus.

Como educadores inacianos e como instituições educativas da Companhia de Jesus, inspirados nos princípios e valores da Pedagogia Inaciana, somos desafiados a dar atenção especial à disseminação da cultura da solidariedade, do diálogo e da generosidade em semear,

através das novas tecnologias de conhecimento e informação, a promoção do ser humano. Na prática, as reuniões semanais de planejamento, estudo e compatibilização de estratégias, são espaços privilegiados para fazer os alinhamentos e dar sentido às diversas atividades.

Essa meta educativa, numa atitude e prática da fé e justiça, é uma postura tipicamente jesuíta, mas que cabe muito bem a todos os leigos, pelo modo de organizar-se e estabelecer esses vínculos que vão tecendo uma nova cultura que torna visível a postura pessoal e institucional.

A originalidade do trabalho educativo, da história de vida está na “inacianidade”, a partir da visão e da experiência de Inácio de Loyola. Josso (2010) em “Caminhar para si”, revela esses traços que se configuram como um modo de ser típico de quem está em busca de si, encontra-o, toma essa experiência como contribuição à sua prática de vida, aproveita cada espaço e oportunidade, coerente com a sua condição humana finita e se abre para o mistério dialético de ser plenamente humano. Está aí a dialética de caminhar para si como processo humanizador e desenvolvimento científico.

Na foto a seguir, figura 13, um aluno ladeado pelo professor Fernando Meyer e pela professora Sílvia Cramer – eles ajudam a despertar o que há de inacianidade no jeito de ser e fazer da Pedagogia Inaciana.

**Figura 14 – Foto do aluno Sacha ladeado pelos educadores, Fernando e Sílvia**



**Fonte:** Arquivo do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta

Depoimento do monitor do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta, no período de 2004 a 2010, aluno Sacha Ries, 17 anos:

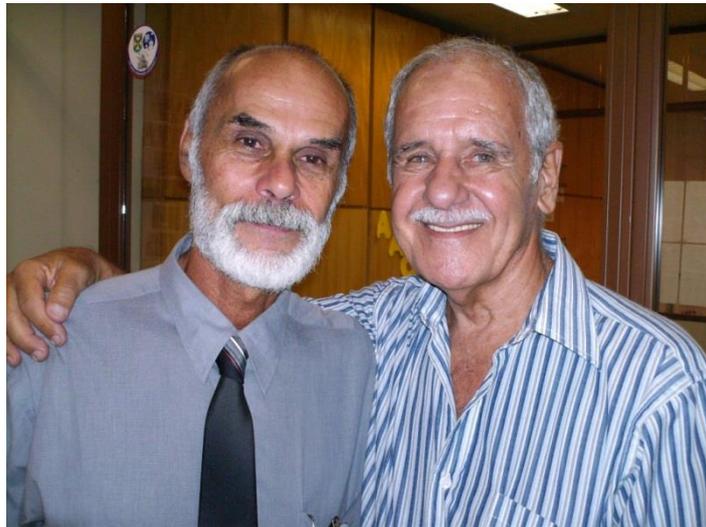
**Sacha Ries, aluno.** Desde pequeno, sempre fui fascinado pelas mais variadas áreas da biologia, e a natureza sempre foi motivo de curiosidade para mim. No museu do colégio me foi possibilitada a oportunidade de trabalhar como monitor e auxiliar em diversas tarefas que envolviam tanto o manuseio de espécimes vivos, quanto a manutenção do acervo em exposição. O ambiente científico e a ótima convivência com o pessoal responsável tornou o Museu um espaço muito agradável e de interessantes descobertas. Além disso, minha experiência como ajudante foi de grande influência para minha formação como estudante e pessoa. Gostaria de agradecer imensamente a toda equipe do museu que me acolheu; em especial, ao professor Fernando Meyer, que sempre considerei um verdadeiro mestre, um grande amigo e companheiro e um exemplo a ser seguido. Com certeza, um dos momentos mais inesquecíveis para mim foi sua presença no momento de minha premiação no Primeiro Salão UFRGS Jovem/2006, quando meu projeto da Feira de Ciências foi classificado como um dos cinco melhores. Guardarei em minha memória com muito carinho todos os ensinamentos e momentos vividos em companhia dos professores Fernando, Sílvia, Dorinha e Paulo.

No depoimento desse aluno do Anchieta, fica tangível o espírito de gratidão ao se colocar a serviço de um projeto gerador de novos conhecimentos, através da experiência. Nisso, o professor Fernando Meyer demonstra toda sua inacianidade. Ele mesmo reconhece. Esse reconhecimento também percebemos na pessoa de Inácio de Loyola, ao reconhecer que Deus é o Criador que não deu por concluída a criação. Deus continua em busca do ser humano. Continua criando e sustentando com imensa ternura todas as pessoas. Deus chama cada ser humano pelo nome (Isaías), de acordo com sua história, para associá-la à sua obra de

complementação da criação. Essa dialética silenciosa de Deus faz com que percebamos que o mundo é bom, porque reflete profusamente o seu amor. O mundo está “preenhe” de Deus. Cada dia está se (re)criando, (re)fazendo, através da pessoa que, numa visão teologal é reflexo do amor de Deus. Assim, ensinar está nesta dialética. E as relações estabelecidas pelo professor Fernando são marcadas por esse reflexo do amor de Deus. Em entrevista, o ex-aluno Raul Regadas chega a trazer este aspecto numa de suas falas:

**Raul Regadas, ex-aluno.** Hoje eu sei e compreendo, que o maior presente que recebemos de Deus são os abraços dos amigos, e me sinto imensamente feliz por isso. O Senhor pode ter a certeza que no abraço que lhe dei, nas lágrimas que chorei, e as estou chorando neste momento, são de profunda gratidão, pois se hoje sou o que sou, devo muito ao Senhor. Peço aos meus guias e protetores, peço ao Meu Mestre Jesus e ao Meu Deus interno, que proporcione ao Senhor e sua Família imensas bênçãos. Que o Senhor possa por muito tempo contribuir para que muitas crianças, jovens e adolescentes, consigam ter oportunidades e ser um dia, homens e mulheres realizados como sou hoje. Obrigado Professor, Mestre e Amigo, por você existir. Um grande abraço e um beijo no seu puro e magnífico coração. Sou eternamente agradecido.

**Figura 15 – Foto do professor Fernando com Raul Regadas, ano de 2010**



**Fonte:** Arquivo do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta

A foto é a confirmação das palavras carregadas dessa afetividade que perdura; ficam como memória viva o bem querer e a ajuda mútua como uma bênção na vida de ambos. O gesto, acompanhado de palavras fortalece o sentimento, humaniza as ações e dá sentido à vida.

Essa reflexão perpassa a espiritualidade e o carisma da Companhia de Jesus, e neste momento quero me aproximar com esse olhar científico de Josso (2010), no “caminhar para si” com atitude de assombro e humildade, respeito e carinho, pois é disso que as histórias de

vida estão embebidas. É do carinho e da afetividade humana que o processo do autoconhecimento e ampliação da consciência está enraizado. Portanto, como seres humanos, somos obras primas de Deus, imagem de sua bondade, liberdade, criatividade e amor. Cada ser humano recebe de Deus a capacidade necessária para desapegar-se de imagens negativas sobre si mesmo. Então, “caminhar para si”, na perspectiva inaciana é ser sócio do Criador que procura, com interesse, seus filhos, sempre perto, como instrumento em suas mãos, deixando-se guiar por Ele.

O exemplo vivo dessa tese de vida de Inácio de Loyola é sua experiência de Jesus Cristo, modelo de liberdade interior, busca da vontade do Pai, sendo para cada um de nós um estímulo e convite a fazer da busca pelo autoconhecimento o pleno desenvolvimento como pessoa. Inácio de Loyola também devotava-se a Maria, pela afiliação com Jesus. Acolhe com generosidade o convite de Deus, oferece-se generosamente para colaborar em sua obra redentora, reconhece sua atuação libertadora na análise que faz da realidade, e sustenta os discípulos na crise, no momento da paixão. Hoje temos homens que seguem o exemplo de vida de Inácio de Loyola, como é o caso do professor Fernando Meyer.

## 5.5 FERNANDO: TRADIÇÃO JESUÍTA E PROCESSO DE (TRANS)FORMAÇÃO

Entender o trabalho educativo como uma forma de colaboração com a missão que é de Cristo, conferida a Inácio de Loyola, hoje também é a do professor Fernando Meyer, por encontrar compaixão e atitude humana propícia em sua caminhada. Oferecer nosso desejo humano como dimensão do “*magis*”<sup>20</sup>, revela que na história do professor Fernando as atitudes e vontades não são pequenas. A persistência e dedicação exaltam seus dons e serviço com profunda amabilidade. Dependemos dessa qualidade de pessoas como referências a orientar nossas histórias de vida, pois não basta conhecimento da tradição jesuíta. A qualidade do apostolado educacional deve evidenciar os sinais de maneira concreta, em situações contextualizadas, com projetos para que as histórias de vida ganhem espaço e possam ressignificar a vida das instituições educativas.

O quadro a seguir – Relatório de Atividades do Museu, ano de 2011 – dá a dimensão do que a atividade do Museu representa, pelo fato de abrir as portas e desenvolver atividades para atender outras instituições.

---

<sup>20</sup> Por “*magis*”, entende-se todo conhecimento e desejo que resulta das condições que possibilitam aprender a viver o *magis* no cotidiano, como forma de buscar “o mais e o melhor” para encontrar o rosto de Cristo no outro, o que exige uma educação integral e uma compreensão da pessoa em relação consigo, com os demais, com o que a cerca e com a transcendência.

**Quadro 3 – Escolas atendidas no Museu pela Equipe durante o ano de 2011**

Escola	Assunto	Série	Nº alunos	Localidade	Mês
Creche UFRGS	Animais	Creche	16	Porto Alegre	Maio
Escola Presidente Vargas	Geral	Alfabetização	40	Porto Alegre	Julho
E. Municipal Gabriel Obino	Vert/invertebrados	3ª Séries	27	Porto Alegre	Agosto
Esc.Est. M <sup>ª</sup> Thereza da Silveira	Corpo Humano	Jardim B	19	Porto Alegre	Agosto
Campanha SENEC	Geral	7 série/2 ano	32	Farrroupilha-RS	Agosto
Esc. Inf. Arte e Carinho	Animais	3 a 4 anos	9	Porto Alegre	Setembro
E.M. de E.F. Prof. J. M. de Araujo	Geral	Especial	4	Porto Alegre	Setembro
Colégio ACM	Geral	Jardim B	46	Porto Alegre	Setembro
Escola Cejuquinha	Fundo do Mar	5 a 6 anos	11	Porto Alegre	Setembro
Escola Pan-americana	Plantas	5 anos	32	Porto Alegre	Setembro
Projeto Criança/Sogipa	Corpo Humano	jardim	12	Porto Alegre	Setembro
Projeto Criança/Sogipa	Corpo Humano	jardim	25	Porto Alegre	Setembro
Escola Municipal América	Geral	4 ano	30	Porto Alegre	Setembro
Escola Piaget	Geral	6 a 8 série	16	Montevideo	Setembro
Creche da UFRGS	Animais cuidados	0 a 3 anos	19	Porto Alegre	Outubro
Creche da UFRGS	Corpo Animal	5 anos	19	Porto Alegre	Novembro
Colégio Aplicação	Vertebrados	6 série	50	Porto Alegre	Dezembro
<b>Total</b>			<b>407</b>		

Fonte: Relatório Anual do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta.

Nesse sentido, com o quadro de atendimentos às outras instituições, é possível perceber que o melhor destacado no “*magis inaciano*” está presente na vida do educador inaciano e no seu trabalho na medida em que vai ampliando a consciência e os horizontes, buscando incluir as diferenças para transformá-las. Entende-se por *magis* a busca do mais e do melhor. É um bem maior que é o encontro de Deus em si e no outro. A busca de Deus é aspiração do ser humano para se tornar melhor pessoa.

Nas palavras de Josso (2004, p. 58), “[...] ir ao encontro de si visa à descoberta e à compreensão de que viagem e viajante são apenas um.” A busca pelo autoconhecimento me conduz ao encontro com o outro, do singular ao plural, ao fio da essência, ao longo da vida e no percurso de uma narrativa autobiográfica. Nos versos de Drummond de minha experiência animado a seguir: “se procurar bem, você acaba encontrando, não a explicação da vida, mas a experiência (inexplicável) da vida”<sup>21</sup>. É um dos caminhos possíveis para isso e a experiência nos é proporcionada pelos Exercícios Espirituais.

<sup>21</sup> Fragmento do poema “Lembrete”, de Carlos Drummond de Andrade.

Pessoas impregnadas e impulsionadas pela experiência dos Exercícios Espirituais saberão usar a mente, os sentimentos e as atitudes para revelar Deus, a partir de si, para os outros e para o mundo. Farão da metodologia do Paradigma Inaciano um instrumento de desenvolvimento humano, dóceis para receber ajuda e orientação, conscientes de que são educadores inacianos desse tempo.

A relevância da experiência dos Exercícios Espirituais confere às pessoas identidade e sentimento de pertencimento em seu projeto de vida a uma causa concreta. O acesso e a proposta da Província, a partir das Pegadas Inacianas, de cursos de EAD, Congressos Inacianos, Interobras e Interáreas e Seminários se dão de modo criativo e dinâmico, para ajudar as lideranças das instituições no seu processo de autoconhecimento e desenvolvimento.

Portanto, o esforço em caminhar para si e definir a identidade da educação jesuíta como dialética do desenvolvimento é uma tarefa que ultrapassa os documentos e requer a experiência para uma sempre maior sintonia com a proposta. É uma tarefa possível. Requer desprendimento, desejo e familiaridade com o método inaciano e as alternativas possíveis de desenvolvimento pessoal.

Da mesma forma, a Pedagogia Inaciana (1993, p. 42) defende que:

A experiência inaciana ultrapassa a compreensão meramente intelectual e estimula a pessoa a valer-se tanto da experiência, da imaginação e dos sentimentos, como do entendimento. As dimensões afetivas do ser humano devem ficar tão implicadas quanto as cognitivas, pois, se o sentimento não se alia ao conhecimento intelectual, a aprendizagem não moverá ninguém à ação.

Nesse sentido, todos os entrevistados são unânimes ao destacar a motivação que o professor Fernando Meyer trouxe a eles, por meio do afeto, para chegar ao conhecimento.

O aluno Gabriel Terra em seu depoimento revela:

**Gabriel Terra, aluno.** Conheci o professor Fernando há três anos, em 2009, quando eu estudava no 2º ano do Ensino Fundamental. Na verdade, eu o conheci enquanto minha turma fazia uma aula no Museu. O professor Fernando sempre foi uma pessoa solidária, engraçada e muito dedicada. Em 2010 eu fiz uma viagem no verão para a praia; nessa viagem minha avó matou uma cobra lá. Eu achei aquela “cobra” estranha, então a coloquei dentro de vidro e, no início das aulas eu fui até o Museu para entregá-la ao Fernando. Ele me explicou que aquilo era, na verdade um “lagarto!” achei muito legal ficar com ele enquanto ele me dava a explicação. No ano seguinte, em 2011, viajei para a Itália. Em Viareggio, uma pequena cidade litorânea da Toscana, lembrei-me da coleção de areia do professor Fernando e então pus areia em um garrafa para ele. De tão alegre que ele ficou, no Natal, ele deu dois presentes para mim, e até hoje eu ainda os guardo.

Esse depoimento expressa o afeto de um aluno marcado pela humanidade exercida pelo professor Fernando Meyer, e mostra um vínculo que gera conhecimento e gosto pela ciência da natureza e ciência humana, nas inter-relações estabelecidas.

O depoimento remete ao biólogo chileno Maturana (MATURANA; D'AVILA, 2005, p. 23) , que, quando fala sobre o amor, afirma categoricamente: “[...] a emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor. Sei que o que digo pode chocar, mas insisto, é o amor. Não estou falando com base no cristianismo”. Ele aprofunda a questão: o amor é emoção central na formação do caráter e temático em histórias de vida. O binômio, amor x ódio é central na história do desenvolvimento humano; desde antes do nascimento, o sentimento do amor contagia o processo de desenvolvimento e o modo de vida no qual,

a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto. (MATURANA; D'AVILA, *op. cit.*)

O autor continua a reflexão, dizendo que: “[...] num sentido estrito, nós seres humanos nos originamos no amor e somos dependentes dele” (idem). Como Inácio de Loyola, também nós sabemos o que é a dor psíquica e física. Portanto,

na vida humana, a maior parte do sofrimento vem da negação do amor: nós, seres humanos, somos filhos do amor. Na verdade, 99% das enfermidades humanas têm a ver com a negação do amor. Não estou falando como cristão – não me importa o que tenha dito o Papa, não estou repetindo o que ele disse. Estou falando com base na biologia, (MATURANA, 2005; D'AVILA, 2005, p. 25).

Nesse processo vejo que descubro no professor Fernando Meyer, um formador em (trans)formação, pois, pela sua forma de educar, é possível educar na prática da liberdade. Essa é uma tarefa daqueles que sabem que pouco sabem sobre a maravilhosa filosofia da vida, por isso sabem algo e podem assim chegar a saber mais, em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem. O fim é que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais.

Ser profundamente inaciano é sentir a verdade da busca de saber dizer de si como simples narrador de si e, nesta experiência captar e (re)escrever a (trans)formação pela trajetória de vida como educador e pesquisador. É viver na busca e no encantamento de poder experimentar a sabedoria em Inácio de Loyola, quando diz: “não é o muito saber que sacia e satisfaz o coração humano, mas o sentir e saborear profundamente as coisas” (Exercícios Espirituais). É com o coração vibrante, a mente desperta e o espírito da curiosidade que se

vive o “*magis*”, sempre como forma de pensar em buscar fazer sempre mais e melhor, que o sujeito se transforma. Às vezes, é necessário buscar no silêncio o ressoar do conforto que confirma o caminhar para a realização da vida com tantos outros. Às vezes, acolhendo as inquietações pessoais, o deslumbramento do próximo; às vezes colhendo o instante; por mais distante que pareça poder entender, porém, é necessário ouvir o sentimento e se perguntar, do mesmo modo como se perguntava Inácio de Loyola: *que fiz? Que faço? Que farei por ti, Senhor?*

Constato que o “caminhar para si” (JOSSO, 2010) é a experiência mais inédita que o educador está convidado a fazer, unindo a mística do cuidado, desejo e sonho inaciano. Cultivar o desejo de servir aos outros, compreender que as experiências afetivas (trans)formadoras deste percurso de vida continuam inscritas e pulsam como leituras das experiências, dialogando com a vivência.

Através dessa trajetória de pesquisa autobiográfica, em busca das experiências formadoras, imersas em afetos, sentimentos e influências próprias de um processo investigativo, acabei por sentir-me presenteado como pesquisador. Eis que agora tenho uma melhor percepção da subjetividade do desenvolvimento, compreendendo a necessidade da permanente mudança. Sintonizo com Larrosa (1998, p. 12) que faz, “[...] um convite à recuperação da inocência da experiência: a experiência entendida como uma expedição em que se pode escutar o inaudito” em que se pode ler o não dito.

Quando Larrosa (1998) cita o poeta Píndaro, que convida, ou melhor, que exorta os homens a se tornarem o que são, ele está comentando a primeira parte de seu livro *Pedagogia Profana*, intitulada: “*Como se chega a ser o que se é.*” O caminho para si é de cada um, claro. Mas alguns elementos podem ser talvez tomados como influências universais. A questão central do ser humano em sua busca é o sujeito em sua relação com a sociedade, em que ela aponta, de um lado, a submissão a forças escravizadoras e, de outro, a resistência com que o sujeito procura recusar o que dele quiseram fazer. Isso condiz com o que afirma Josso (2004, p. 58-59) a em *Histórias de Vida e Formação*: “[...] transformar a vida socioculturalmente programada em obra inédita a construir.”

De acordo com Josso (2004, p. 80), “[...] é preciso estar conscientemente atento ao seu próprio processo.” Nesse sentido, olhar-se e olhar o outro, escutar-se e escutar o outro, considerar as emoções e os sentimentos vividos durante a formação conduzem a uma consciência mais despertada sobre seu percurso. Para mim, algo essencial diz Josso (2004, p. 58-59) na passagem “[...] transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a construir”.

A docilidade e a dedicação em seu processo de identificação e pertencimento são percebidas nas palavras da filha do Professor Fernando Meyer. Ivone diz:

Uma vida toda dedicada a uma única instituição só é possível se você se identifica com a filosofia, acredita nos projetos e concorda com os valores passados, sem nunca deixar, também, de ter a capacidade de perceber o que não está certo e criticar ou reivindicar seus próprios valores.

**Figura 16 – Foto da família**



**Fonte:** Arquivo do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta

Assim, a pessoa guiada por uma experiência profunda, desde o núcleo familiar, é um convite a olhar para a sua trajetória de vida. A trajetória de vida, associada à experiência e objetivos dos Exercícios Espirituais e da vida de Inácio de Loyola como referência, promove o autoconhecimento como objetivo de (trans)formação nesta abordagem narrativa da história de vida do professor Fernando Meyer.

Enfim, para Josso (2004), as buscas que orientam nossos itinerários e nossas escolhas ao longo da vida são as buscas de si e de nós, de felicidade, de conhecimento e de sentido. A busca de si é então o convite intrínseco do caminho de quem aprende a aprender consigo. A abordagem da narrativa em histórias de vida é a ocasião de se fazer conhecer, um sujeito empenhado com lucidez na procura de uma arte de viver, a que nós chamamos “busca de sabedoria de vida” (JOSSO, 2004, p. 103).

Nóvoa, prefaciando a obra *Experiências de vida e formação*, de Josso (2004), afirma que “todo o conhecimento é autoconhecimento”. Na apresentação desta edição nacional dessa mesma obra de Josso, a pesquisadora brasileira Cecília Warschauer afirma, consoante com Josso, que o trabalho com narrativas de vida possibilita explicitar singularidades, vislumbrar o

universal e perceber o caráter processual da formação e da vida. Isso ocorre num jogo de articulação de espaços, tempos e nas diferentes dimensões de nós mesmos, em busca de uma sabedoria de vida.

Para Josso (2004, p. 39), na ocorrência desses momentos divisores de águas, que influenciam tão significativamente a formação da pessoa, “aprender pela experiência” é ser capaz de resolver problemas que tenham uma “formulação teórica acompanhada de uma simbolização”. Ele introduz a expressão “experiências formadoras”, as quais significam uma aprendizagem que articula hierarquicamente: saber-fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros. Nesse sentido, a experiência do sujeito é um contínuo confrontar-se consigo mesmo. A descontinuidade que vive impõe-lhe transformações. As interações e interrogações que o sujeito faz de si levam-no a mudanças.

Na visão inaciana, a autobiografia é o fruto do natural desejo que sentiram os mais íntimos colaboradores de Inácio de Loyola de conhecer os pormenores da vida do seu “pai em espírito”. Em 1546, o jovem Ribadeneira mostrou desejos de escrever a vida do fundador. Um ano mais tarde, o Pe. João de Polanco pediu ao Pe. Diogo Laínez que lhe revelasse os fatos da vida de Inácio de Loyola, que ele conhecia muito bem.

Mas, entre todos os que desejaram conhecer a vida desse homem e santo, distingue-se Pe. Nadal, que teve a coragem de se dirigir diretamente ao fundador da Companhia de Jesus, pedindo-lhe que contasse a sua vida. Pode-se assegurar que, se hoje temos a *Autobiografia*<sup>22</sup>, a devemos ao Pe. Nadal. Este pretendia dar, assim, um modelo à Companhia, porque pensava que a vida de Inácio de Loyola era o fundamento da mesma Companhia de Jesus. Quando o professor Fernando Meyer entrega em vários setores do Colégio uma cópia do seu relatório anual, hoje já na sua 30ª edição, ele quer compartilhar suas vivências de cada ano com seus colegas e diretores. Trata-se de registrar seu legado. Para ele é como uma “autobiografia” uma vez que faz do seu trabalho sua vida e, assim, segue fazendo história. “Deixar registrado o

---

<sup>22</sup> A famosa *Autobiografia* ditada em Roma ao Pe. Gonçalves da Câmara, em 1553 e 1555. O Pe. Nadal definiu a autobiografia de Inácio como seu “*testamento espiritual*”. De fato, não há melhor testamento do que a própria vida! O que interessa é “*como Deus o dirigiu, desde o início da sua conversão!*” “Não é fácil dizer como o Senhor nos ajuda nas próprias contradições!” O texto da *Autobiografia* teve uma história sofrida. Após a morte de Inácio e entre 1556 e 1567, correram algumas cópias manuscritas e uma tradução, em latim, do texto do Pe. Câmara. Mas, em 1567, Francisco de Borja, terceiro Geral da Companhia, encarregou ao Pe. Ribadeneira escrever uma biografia oficial do santo, proibindo a leitura e divulgação da *Autobiografia* por considerá-la “*inútil e perigosa*”. E assim, esse precioso texto ficou aprisionado até 1929, quando foi tirado da sua prolongada quarentena e começou a ser publicado em diversas línguas. *Autobiografia de Santo Inácio de Loyola*.

nosso trabalho é uma forma de mostrar o valor que tem o acervo do Museu, através do contato com a natureza, da curiosidade instigada e na expansão do conhecimento”, explica o professor Fernando.

Em relação aos fatos narrados na autobiografia de vida do professor Fernando Meyer nota-se a qualidade da sua humanidade. Agora podemos exemplificar isso, através dos fatos da vida de Inácio de Loyola, como fenômenos internos da sua vida mística de união com Deus. Na vida de Fernando há episódios secundários referidos com muito afeto, e, chama a atenção o silêncio sobre fatos importantes. Por exemplo, a semelhança do espaço do Museu, para Fernando, e Manresa, para a vida de Santo Inácio, é composição essencial, da qual se dá uma ordem de grandeza à medida que aproxima tempos e pessoas em experiências ímpares. Fazendo uma cronologia dos fatos que compõem essa metanarrativa, podemos ver histórias se entrecruzando e fortalecendo no tempo pelos vínculos e subjetividades presentes.

O espírito da história de vida de Inácio é transformante e transformador. Inácio chega à medula dos ossos, até o mais profundo do próprio “eu” para resgatá-lo e reorientá-lo para uma ação abertamente salvífica. Ele é essencialmente “claro”. Assim o definia o Pe. Nadal, discípulo privilegiado de Inácio de Loyola, confidente e seu braço direito: “*claritas quaedam occupans ac dirigens*”. Isto é, uma certa clareza que ocupa (a mente liberada) e que dirige (toda ação): clareza de oração, orientação e ação; amor liberado de toda afeição ou confusão da razão. Inácio de Loyola, como um verdadeiro místico, agia sempre “no Senhor”.

O espírito de Inácio de Loyola é uma aliança da pessoa com Deus. É próprio dos “acordos” fazerem-se notar menos que os “desacordos”. Quem rema contra a corrente sente mais a correnteza do rio do que aquele que se deixa levar por ela. Inácio de Loyola decidiu deixar-se conduzir pelo Espírito de Deus, pela verdade, liberdade e pelo amor. Por isso, apesar de tantas vicissitudes, caminhou livre na paz e na verdadeira humildade. O professor Fernando é o exemplo vivo de alguém que também está caminhando livre na paz e na verdadeira humildade. Nas palavras de sua filha Ivone, a caminhada da

família sempre foi muito mais coração e emoção do que razão, talvez essa forma de viver tenha sido influência, sim, de uma vida dentro de uma comunidade religiosa; mas, com certeza, se nos influenciou, foi porque a essência dos meus pais era essa e souberam filtrar e passar aos filhos o que realmente era o melhor para eles.

Esse mesmo espírito filial também aferrou radicalmente Inácio de Loyola a Deus.: “*via quaedam ad Deum*”, que significa “um caminho para Deus”.

Reconheço que, no desenrolar deste processo investigativo, nada do que foi relatado está impune, não há como alcançar isenção total; a intencionalidade é descortinar aspectos relevantes da minha inspiração investigativa. Ocupar esse lugar de pesquisador significou buscar distanciar-me e registrar o reconhecimento dessa herança de vida e missão, sem testamento, em história de vida, e foi o que realizei neste estudo conforme o leitor pode apreciar nas páginas que seguem.

## 5.6 FERNANDO: IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

A construção da identidade com enfoque na Pedagogia Inaciana, a construção dela se dá a partir dos Exercícios Espirituais, experiência ímpar, com metodologia e orientação e, na proposta de Ricouer (2012), com um enfoque filosófico trabalhando com o conceito de identidade narrativa. Falar de identidade é falar de permanência, tempo e transformação.

Para Ricoeur, o primeiro passo é fazer a distinção entre os dois conceitos de identidade, partindo de dois termos de origem latina, *idem* (o mesmo) e *ipse* (eu mesmo): existe, pois, aquilo que ele denomina a *identidade-idem*, personalidade, e a *identidade-ipse*, ou ipseidade ou ecceidade. A identidade narrativa de Ricouer (2012) permite a ideia de junção entre a permanência e a mudança, que dá coesão de vida. Nossa identidade é a convergência dinâmica que se transforma com o tempo, ao longo da vida.

A lógica da nossa vida se dá numa sucessão de platôs de desenvolvimento dialético, a partir das nossas vivências e experiências, das escolhas e decisões ao longo da vida e da identidade que se fortalece a cada nova descoberta. A vida como processo de (trans)formação compreendida como uma coesão lógica de unidade de fatos da identidade narrativa significa que a vida da pessoa é uma sucessão de episódios. A verdadeira vida (trans)formada significa uma identidade dinâmica que evolui.

Na foto, figura 16, a seguir, flagramos um momento marcante na vida de Fernando com o Pe. Armando Marrocco, SJ, em mais uma oportunidade em que é possível reconhecer a estima, o respeito, a consideração e o bem querer que ele cultivava pelas pessoas e o reconhecimento pela sua presença e amizade.

**Figura 17 – Foto de um momento marcante na vida de Fernando com o Pe. Armando Marocco, SJ**



**Fonte:** Arquivo do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta

O professor Fernando Meyes, na sua rotina, cria espaços de diálogo para lembrar a história que o ajuda a pensar e compartilhar a visão do momento atual e, com isto, já vai construindo o futuro, no dia a dia do que convencionalmente chamamos de tempo presente. É pensar sobre essa história de vida e como ela ajuda a ter uma visão do momento atual, presente nos pequenos gestos de gratuidade e generosidade pelos vínculos criados.

Pe. João Cláudio, comenta:

Relato três fatos bem recentes que confirmam plenamente a afirmação: 1) Um grupo de ex-estagiários do Museu Anchieta, hoje funcionários da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, quando souberam que o Professor Fernando fora internado no Instituto de Cardiologia, de Porto Alegre, por um problema cardíaco, imediatamente enviaram-lhe um buquê de flores desejando-lhe plena e rápida recuperação. 2) Uma turma inteira de ex-alunos seus, do já distante ano de 1977, ao receberem a notícia do seu problema de saúde, enviaram para sua casa uma bela cesta de frutas variadas junto com um cartão com a relação dos nomes de todos os alunos da referida turma, manifestando votos de imediata e plena recuperação. 3) Há poucas semanas, estando ele com sua esposa, aguardando um táxi, no final de um Show Musical na FIERGS, já tarde da noite, duas ex-alunas, ao passarem, reconhecerem o professor e sua esposa na fila. Imediatamente retornaram de ré ao ponto de taxi para levá-los em casa. Outros muitos casos poderiam ser registrados, todos pela mesma razão, isto é, pelo que ele significou e continua significando na vida de seus ex-alunos.

Há bastantes exemplos na história da Companhia de Jesus de excelência educativa concebida como vida (trans)formada, de gente muito avançada do ponto de vista intelectual, que, ao mesmo tempo, busca o desenvolvimento emocional e moral. Nesse momento estamos começando a compreender que a educação humaniza, transmite valores, potencializa atitudes humanas universais, competências e habilidades para as pessoas e a sociedade. Conferir à

educação o poder de (trans)formar vidas é acreditar na sua qualidade e finalidade porque conduz pessoas e forma consciência. Essa é uma das intenções da educação jesuíta que deseja ter um influxo ético na sociedade.

A educação vista como fluxo de (trans)formação revela que sujeitos e instituições têm possibilidade de escolher o tipo de autoimagem identitária e o sentimento de pertença que irá guiar suas ações e delinear seu futuro. Nesse sentido, deve-se considerar que as organizações transformam-se em conjunto com seu meio ambiente, levando a compreender que o padrão de organização que se vai revelando com o passar do tempo é evolutivo.

A questão é: se Inácio de Loyola estivesse vivendo em nossos dias, fosse diretor do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta e tivesse o Beato José de Anchieta, o Professor Fernando e outros conhecidos como seus colaboradores, e, ainda, com o conhecimento das tendências contemporâneas da educação, como seria essa educação? Com o perfil de Fernando, como atual Diretor do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta, certamente temos nele um homem de iniciativa, aplicando a criatividade ao cotidiano e incentivando novos projetos, assim como desejava Inácio de Loyola. A essência inspirada do modo de proceder inaciano não mudou. Em princípio, temos a fidelidade criativa e a fidelidade ao carisma e à missão, efetiva e afetivamente presente, atuando de modo diligente e centrado em um autêntico discernimento, com disciplina; acima de tudo, motivado e comprometido. Santo Inácio vive na pessoa do professor Fernando!

O que Inácio de Loyola sempre quis – vendo o florescimento de sua obra e sua sustentabilidade, mas principalmente, as obras de educação – era excelência em tudo o que se faz, o que significa que tudo fosse feito para “a maior glória de Deus”: que os gestores e colaboradores cuidassem e criassem espaços de participação efetiva e afetiva de todos. Novamente, se Inácio de Loyola estivesse vivendo em nossa época, que imagem atribuiria à Companhia de Jesus hoje?

As sábias palavras do Pe. João Cláudio ajudam a responder a essa pergunta quando se refere ao professor Fernando:

[...] a atuação do Professor Fernando, a partir dos valores vividos em sua família e da sua prática como educador, sem dúvida, levam para dentro da Pedagogia Inaciana. São suas palavras apropriadas, sua postura, seu modo de ser e agir como educador que o aproximam do Projeto Educativo de um colégio jesuíta. Aliás, os mais de 50 anos de magistério, no mesmo colégio, que tem como objetivo primeiro formar pessoas para e com os outros, por si só sustentam essa conclusão.

Como destaque desse processo (trans)formador, o tempo de atuação é uma hipótese de confirmação da identificação e do sentimento de pertencimento possível de perceber na

pessoa do professor Fernando Meyer. A atemporalidade no presente dá importância às palavras no depoimento do Pe. João Cláudio:

O fato de o Professor Fernando ter ultrapassado mais de meio século de magistério, quer como educador primário, quer como educador do Ensino Fundamental (ginásio e 1º grau) e Ensino Médio (Científico e 2º grau), quer como coordenador do Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta, onde, ainda hoje, ministra aulas com entusiasmo para crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental, de alunos do Anchieta e de tantas outras escolas que o visitam, como visto. Continua entusiasmando muitas crianças e adolescentes, sempre com simplicidade, alegria, entusiasmo e criatividade. Consegue fasciná-las.

Para concluir, restam poucas dúvidas de que essa história de vida é uma narrativa que integra os princípios norteadores na releitura da Pedagogia Inaciana, e se destaca no jeito de ser e fazer do professor Fernando Meyer pela confiança no perfil, pelo comprometimento e pela preocupação de praticar o “magis”, buscando a autenticidade com simplicidade.

Pe. João Cláudio, comenta:

É impossível não destacar alguns aspectos que mais condizem com o perfil do Professor Fernando. Indico, sem maior análise e sem grau de importância, somente três desses aspectos que, para mim, são mais característicos e retratam o perfil de um professor de um colégio da Companhia de Jesus, com uma proposta educativa humanística, com base em valores, tanto humanos como cristãos. Entre eles, inicialmente, destaco o relacionamento com os seus alunos. Relacionamento que se manifesta, sobretudo, no respeito e na estima pelos alunos como pessoas em construção. Pessoas que necessitam, além do saber, dos valores necessários para toda vida. A seguir, aponto o que sempre me impressionou e continua impressionando, isto é, o seu compromisso com a sua missão, que se manifesta, em especial, na responsabilidade, na dedicação, no entusiasmo e na alegria. Finalmente, com a mesma importância das características anteriores, sublinho sua preocupação em fazer sempre o melhor, a partir da sua autenticidade e simplicidade. Esta disposição ainda está muito viva em sua atuação, hoje, mais restrita às atividades desenvolvidas no Museu, seja através das aulas extracurriculares, seja através de outras atividades.

Ao acolher as palavras do atual Diretor Geral do Colégio Anchieta, Pe. João Cláudio Rhoden, SJ, sinto confiança em divulgar meus achados de pesquisa por meio dessas narrativas sobre o sujeito desta pesquisa. Este trabalho, ao chamar a atenção para as circunstâncias de uma instituição, ao mesmo tempo, dá importância para a pessoa. A tradição jesuíta está no cerne das pessoas que a abraçam e fazem dela um jeito de viver e fazer história.

Como pesquisador, associo-me à gratidão e à bênção que propõe o Pe. João Cláudio ao professor Fernando Meyer, ao contribuir de modo tão especial com a obra do Colégio Anchieta, pelo reconhecimento à pessoa e presença humana diante da grandeza da obra da Companhia de Jesus, certamente, movida e vivificada pelo espírito do Criador. Pe. João Cláudio, diz:

Penso que nada mais precisa ser dito para justificar e reconhecer a estima, o respeito e a consideração pelo Professor Fernando.. É isto que dizem centenas de seus ex-alunos, hoje, muitos deles pais e mães de atuais alunos, bem como seus colegas da instituição, professores e funcionários. O centro de suas preocupações, por vezes, mais que as necessidades de sua família, foram e continuam sendo seus alunos.

Ao Professor Fernando Meyer meu profundo reconhecimento e gratidão pela sua vida, pela sua maneira de ser educador, pela sua presença, pela sua amizade. Que Deus o abençoe, hoje e sempre.

Dessa forma, ao concluir este capítulo, ao longo da descrição busquei desenvolver as categorias de análise, acolhendo os depoimentos como espaço e oportunidade, a partir de um outro olhar, de quem conhece, conviveu, convive e trabalha com o professor Fernando Meyer. Essa postura foi importante para destacar e evidenciar a identificação e o sentimento de pertencimento com a proposta da Pedagogia Inaciana na prática do Colégio Anchieta. Há em todo esse processo de escrita uma convergência de princípios e valores que reforçam a postura pessoal e institucional que preserva e dá vitalidade ao projeto educativo, que essencialmente conta a história de (trans)formação de vida desse professor que dela sempre soube tirar grande proveito.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho, percebo que abro uma porta. Refletindo à luz dos meus estudos acadêmicos sobre os escritos de Abrahão (2007, 2010), Josso (2004, 2010) e Ricouer (2012), em especial, entendo agora que uma história de vida é o fio condutor que permite fazer uma infinidade de leituras das pessoas e do mundo.

O estudo da história de vida do professor Fernando Meyer me fez olhar o mundo, a história dele e da Companhia de Jesus, desde a descoberta da vocação de Inácio de Loyola até a minha própria história. Fui intuído e subjetivado durante todo o desenvolvimento do trabalho, impactado sobre o que aprendi em aula, com minhas leituras e, sobretudo, no processo de escuta quando realizei as entrevistas. Olhar pelos olhos do outro é uma experiência libertadora, um exercício de caminhar para si, de prática da alteridade como virtude. Ao buscar diferentes fontes, fui abrindo as portas para a memória, a história e o afeto, que se revelaram em cada palavra, gesto e olhar dos entrevistados.

Contraditoriamente, ao fazer a tessitura de tudo isso, à luz dos autores, remeto-me a algumas considerações que sinalizam a infinitude do trabalho, pelo menos por agora, quando percebo tantas outras portas abrindo-se, algumas apenas como frestas deixando passar uma pequena luz sobre as possibilidades que apontam.

O fato de a intensa manifestação de Deus, uma “ilustração divina”, ocorrida com Inácio de Loyola em Manresa, um município da Espanha, na província de Barcelona, fez esse local ficar marcado como lugar de confirmação da sua identidade e sentimento de pertencimento a Deus, com tal clarividência a ponto de não mais restar dúvida sobre a decisão de empreender a grande obra da Companhia de Jesus. Manresa é considerada a região que marca a revelação de Deus a Inácio de Loyola e se inscreve como momento de confirmação em fundar a Ordem dos Jesuítas, com o ideal de formar homens com identificação e sentimento de pertencimento, à sua divina vontade de ajudar pessoas em seu processo de desenvolvimento, através da evangelização. A experiência de Manresa também define o carisma e a espiritualidade a sustentar sua obra, fazendo dele um homem que marcou o início da tradição da Companhia de Jesus em educação e dos diversos apostolados profícuos, que alcançam quase meio século.

Manresa, para Inácio de Loyola, no primeiro momento foi um encontro silencioso e iluminador com Deus, a ponto de lhe causar grande consolação interior. Desse encontro ficou o marco e a gênese da Espiritualidade e do Carisma para toda a Companhia de Jesus de fazer “tudo para a maior glória de Deus”. Desse contexto e experiência espiritual se extrai o princípio da identidade dessa obra inspirada, capaz de gerar o sentimento de pertencimento de Inácio de Loyola a Deus, que se vê colocado junto de seu Filho. Depois, juntos se dirigem à sua Mãe, como gesto de estar aceitando essa “mínima Companhia de Jesus” e, nisso está representado o desejo de ser aceito seu nobre ideal de iniciar e dar forma à Companhia de Jesus.

Se Manresa é tida como uma referência espacial para a história de vida de Inácio de Loyola, assim também o Colégio Anchieta, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, é o cenário que moldou a história de vida do professor Fernando Meyer como educador inaciano. O Colégio é o elemento que o conecta à experiência de Manresa e à tradição jesuítica em educação tão solidamente constituída. A acolhida do Pe. Pio, como jesuíta, significou o primeiro encontro pessoal com a tradição jesuíta que se concretiza no encontro e na imersão na instituição do Colégio Anchieta, já passados 54 anos. O espaço do Museu Anchieta de Ciências Naturais, torna-se sua referência inaciana. Fica expresso que seu desejo e a sua busca pelo conhecimento no ambiente do Colégio Anchieta, através da proposta filosófica na prática, significaram luzeiros a guiar seu caminho indicando o que é essencial numa trajetória de vida em constante (trans)formação.

Entendo, como pesquisador, que o contexto de Manresa e o Colégio Anchieta ressignificaram e passaram a dar sentido, também, à minha trajetória acadêmica. A interrogação acadêmica a que fui estimulado pela missão, pela visão, pelos princípios e valores da educação jesuíta, efetivamente, é o meu espaço e referencial para aprofundar conceitos e fortalecer a minha prática. Cria condições para desenvolver a reflexão, resgatar experiências significativas, identificar vivências, acolher e valorizar novas formas de pensar e aprender que foram as sementes de curiosidade plantadas e cultivadas no meu processo de ensino e de aprendizagem. Essas sementes fizeram nascer, desvelar e concretizar os elementos do Paradigma da Pedagogia Inaciana como proposta prática, e mostraram com singeleza o que o mantém vivo no contexto atual, apresentado na história de vida do professor Fernando.

Com a narrativa da história de vida do professor Fernando Meyer, fica evidenciado o processo de (trans)formação possível à luz dos princípios e valores que fundamentam a tradição jesuíta em educação, do seu início até a contemporaneidade, e o comprometimento

do fazer pedagógico de milhares de educadores inacianos dedicados à educação pelas instituições da Companhia de Jesus pelo mundo.

O que foi Manresa para Inácio de Loyola? O que é o Colégio Anchieta para o professor Fernando? São solos férteis, preparados para (trans)formação. São experiências e sentimentos cultivados por pessoas dotadas da divina capacidade de serem multiplicadores de ideias e (trans)formadores de sonhos em realidade a partir da escrita/narrativa de sua própria história de vida, focados na educação.

Chegar a esse momento é perceber a emoção da uma conquista e deixar o sentimento transbordar por concretizar nessa narrativa a força transformadora da educação em uma história de vida. Ao valorizar as experiências vividas em contextos educacionais estou colocando a pessoa no centro, como sujeito, como ser humano, como pessoa capaz de desenvolver-se biológica e ontologicamente. No processo educativo e para a construção da história de vida, a centralidade na pessoa abre portas para entender que os dons e talentos em nossa trajetória de vida são sinais da presença de Deus. O fato de ser pessoa, a singularidade e o inédito que Deus colocou em cada um de nós, é perceber como a vida é generosa, linda e merece destaque. Foi esse desejo que percebi e quero que fique como memória pela emoção percebida em minha primeira conversa, com o professor Fernando Meyer, sobre o que estava prestes a construir. Por isso, aqui cabe destacar que essa história, narrada de forma singela e ímpar, está entrelaçada com muitas histórias.

Em muitas passagens fica nítido que é necessário deixar a subjetividade falar, pois em muitos momentos ela rouba palavras que emergem como sentimento. Esse sentimento, por vezes é do sujeito, do entrevistado, e, de certa forma, também do pesquisador. O que é comum são a identificação e o sentimento de pertencimento que unem e movem as pessoas ao dar seu depoimento; porém, como disse, traduzir o sentimento é lidar com a afetividade em palavras. Portanto, trabalhar com a história de vida em perspectiva de narrativa é estar na “escola do afeto” como falava Inácio de Loyola referindo-se aos Exercícios Espirituais.

Nessa dissertação, a tradição jesuíta mostra como Inácio de Loyola foi ordenando seus afetos, como o professor Fernando Meyer é movido pelo afeto, e como o Paradigma da Pedagogia Inaciana procura educar o afeto, que está presente na identidade institucional da Companhia de Jesus, no sentimento de amor e docilidade da pessoa de Inácio de Loyola, pelo seu jeito de ser e viver. Nesse cenário inspirador, é possível perceber, por meio do ideal do educador inaciano, que sozinho não se pode transformar o mundo, mas pode-se chegar à consciência de que nenhuma grande transformação poderá ocorrer sem que nela esteja implicada uma ação educativa.

A intenção dessa história de vida era isso: a transformação pela educação é possível! Foi necessário passar por diversos momentos de deserto, dar atenção às crenças e aos princípios do desenvolvimento da pessoa e sistemática da narrativa da história de vida. Desde a introdução, o desafio foi conectar-me a esse vasto mar de dados e mensagens e navegar com ousadia, procurando fidelidade à narrativa. As certezas podem ter me tornado presa dos sentidos; em alguns momentos, reconheço os mistérios que envolvem e, para isso, busquei a criatividade e o diálogo: não trabalhei sozinho.

Na perspectiva inaciana, não pode educar quem não tem um ideal que dá sentido a sua vida e a seu trabalho, o que faz com que cada espaço educativo se torne o mais belo dos lugares porque neles são gestadas as mais poderosas transformações. Busquei abrir as janelas da vida para acolher os sentimentos que povoam a história da Companhia de Jesus, a vida do professor Fernando Meyer e o processo educativo como tal, olhando sempre a narrativa como as luzes que entram pelas frestas e que enchem e preenchem as histórias de vida com os dons e as cores da vida. Em uma narrativa de história de vida de um educador inaciano não há apenas quadros, mesas ou cadeiras, mas gente toda feita de expectativa e sonho.

## REFERÊNCIAS

- 35ª CONGREGAÇÃO GERAL. *Decretos da 35ª Congregação Geral, 16ª desde a restauração da Companhia*. São Paulo: Loyola, 2008. Decreto 2, nº 23.
- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica: tempo, memórias e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.
- \_\_\_\_\_. (Org.). As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: Edipucrs; Salvador: Eduneb, 2006. p. 149-170.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: Edipucrs; Salvador: Eduneb, 2006.
- ADAMS, Gerald R.; MARSHALL, Sheila K. A developmental social psychology of identity: understanding the person-in-context. In: *Journal of Adolescence*, Ontario, v. 19, n. 5, p. 429-442, oct. 1996.
- COMPANHIA DE JESUS. *Constituições e normas complementares*. São Paulo: Loyola, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Projeto educativo comum da Companhia de Jesus na América Latina: conferência dos provinciais jesuítas da América Latina*. Rio de Janeiro, 2007. (Coleção CPAL).
- CONSTITUIÇÕES da Companhia de Jesus e normas complementares. São Paulo: Loyola, 2004.
- CORAZZA, S. M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: CORAZZA, S. M. *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvona S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teoria e abordagens*. Tradução de Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DOMINICÉ, Pierre. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias. *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.
- DUMORTIER, François-Xavier *et al.* *Tradição jesuítica: pedagogia, espiritualidade e missão*. São Paulo: Loyola, 2006.
- EXERCÍCIOS Espirituais de Santo Inácio. São Paulo: Loyola, 1983.

- FRANCA, S. J., Pe Leonel. *O método pedagógico dos Jesuítas: o “Ratio Studiorum”*. Rio de Janeiro: Agir, 1952.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *História da educação*. São Paulo: Cortez, 1990. (Coleção Magistério – 2º Grau. Série Formação do Professor).
- GT ESTRUTURA. Organizacional dos colégios da BRM: Província do Brasil Meridional da Companhia de Jesus. Curitiba: Radial, 2011.
- INÁCIO DE LOYOLA (Santo). *Autobiografia*. São Paulo: Loyola, 2000.
- JOSSO, Marie-Christine. *Caminhar para si*. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Experiências de vida e formação*. Lisboa: Educa, 2004.
- KLEIN, Luiz Fernando. *Atualidade da pedagogia Inaciana*. São Paulo: Loyola, 1997.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana*. Porto Alegre: Contrabando, 1998.
- LEITE, Luiz Osvaldo. *Jesuítas cientistas no sul do Brasil*. São Leopoldo: Unisinos, 2005.
- LIBÂNIO, João Batista. *A arte de formar-se*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2002. (Coleção CES).
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MATURANA, H.; DAVILA, X. *Educación desde la matriz biológica de la existencia humana: biología del conocer y biología del amar*. Chile, 2005. Disponível em: <[http://72.14.209.104/search?q=cache:JIESOSL8u60J:www.unesco.cl/medios/biblioteca/documentos/sentidos\\_educacion\\_ponencia\\_humberto\\_maturana\\_ximena\\_davila.pdf+www.+unesco.cl/medios/biblioteca/documentos/+sentidos\\_educacion\\_ponencia\\_humberto\\_maturana\\_ximena\\_davila.pdf+-&hl=es&ct=clnk&cd=1&lr=lang\\_es](http://72.14.209.104/search?q=cache:JIESOSL8u60J:www.unesco.cl/medios/biblioteca/documentos/sentidos_educacion_ponencia_humberto_maturana_ximena_davila.pdf+www.+unesco.cl/medios/biblioteca/documentos/+sentidos_educacion_ponencia_humberto_maturana_ximena_davila.pdf+-&hl=es&ct=clnk&cd=1&lr=lang_es)>
- MIRANDA, Margarida. *Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus. Campo Grande: Esfera do Caos, 2009.
- MISHLER. *Narrativas orais e a construção sócio-discursiva das identidades*. 2002. Disponível em: <[http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/20639/20639\\_3.PDF](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/20639/20639_3.PDF)>. Acesso em: 20 nov. 2012.
- NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias. *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.
- O’MALLEY, John W. *Os Primeiros Jesuítas*. Trad. Domingos Armando Donida. São Leopoldo: Unisinos; Bauru: EDUSC, 2004.
- PALAORO, Adroaldo. *Identidade e missão*. Juiz de Fora: Colégio dos Jesuítas, 2010. Disponível em:

<<http://www.colegiodosjesuitas.com.br/verMensagem.php?vCodMsg=MjE=>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

PEDAGOGIA Inaciana: uma proposta prática. São Paulo: Loyola, 1993. (Coleção Documenta SJ).

RICOEUR, Paul. *Do texto à ação, ensaios de hermenêutica II*. Porto: Rés Ed., 1986.

\_\_\_\_\_. *Tempo e narrativa*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997. t. 3.

SCHMITZ, Egídio. *Os jesuítas e a educação: a filosofia educacional da Companhia de Jesus*. São Leopoldo: UNISINOS, 1994.

SPOHR, Inácio. *Memória de 665 Jesuítas*. Porto Alegre: Pallotti, 2011.

**APÊNDICE A - Entrevista dada pelo Pe. João Roque Rohr ao Prof. Dário Schneider  
sobre o Prof. Fernando Rodrigues Meyer**

**ENTREVISTAS / MATERIAL**

**Entrevista dada pelo Pe. João Roque Rohr ao Prof. Dario Schneider sobre o Prof. Fernando Rodrigues Meyer**

**Pergunta 1 – Como descreves a pessoa do Fernando?**

Resposta: Pelo que o conheço, desde 1965, portanto, há 46 anos, posso dizer que o Prof. Fernando é uma pessoa que todos quereriam ter em sua família, em sua instituição, em seu círculo de amizades, em suas relações sociais e profissionais. Na sua família de origem, transferida de Pelotas para Porto Alegre, cultivou sempre com os seus familiares significativos laços de carinho, amizade, de ajuda mútua, de alegria de viver e de grande estima e consideração para com todos. Na família que constituiu, com D. Isis e seus dois filhos, Paulo Fernando e Ivone, sempre exerceu exemplarmente a sua função de esposo, de pai e, sobretudo de amigo fiel, responsável, zeloso, dedicado e trabalhador. O carinho que lhes dedicou se estendeu, naturalmente, à nora, ao genro e aos netos que o adoram. Nas instituições em que estudou e atuou profissionalmente, sempre se destacou como uma personalidade bem integrada, relacionando-se cordial e respeitosamente com todos, tecendo vínculos de estima e amizade que ornaram a sua vida até hoje. Tem um gênio feliz, brincalhão, alegre, otimista, proativo e criativo. Em síntese, diria que o Prof. Fernando é uma pessoa bem estruturada, emocionalmente equilibrada, profissionalmente realizada e socialmente bem aceita em todos os ambientes que frequenta.

**Pergunta 2 – Que tipo de relação profissional e pessoal gostarias de destacar do Prof. Fernando?**

Resposta: Nesta trajetória de 46 anos de convivência e relacionamento profissional e pessoal, posso apontar com segurança os seguintes destaques: seriedade no desempenho de suas funções; sadia curiosidade pelos conhecimentos científicos, especialmente no campo das Ciências Naturais; fino trato nas relações com seus alunos e colegas de profissão; forte identificação com as instituições em que atua; flexibilidade no exercício de diversas funções institucionais, quer no campo da docência, quer na coordenação de Departamentos ou de Cursos; gestão segura e competente na administração escolar e na organização/funcionamento do Museu que dirige há muitos anos; capacidade de trabalhar em equipe; capacidade de conviver pacificamente com os que pensam e agem diferentemente dele; conciliador nos conflitos que se manifestam em qualquer comunidade ou instituição; aberto, generoso e magnânimo em compartilhar seus conhecimentos e seus espaços de trabalho, tanto com os que pertencem à instituição, quanto com os de fora que solicitam seus préstimos e serviços profissionais.

**Pergunta 3 – Como poderias caracterizar o fazer pedagógico do Fernando?**

Resposta: O fazer pedagógico do Prof. Fernando pode ser caracterizado por uma experiência vivida e praticada em espiral ascendente e contínua, constituindo-se uma amostra da evolução pedagógica adotada nas escolas e universidades brasileiras ao longo das últimas décadas do século passado e primeira década do novo milênio, com os métodos atualmente em vigor. Como estudante do então curso primário, ginásial e colegial, no Colégio Anchieta de Porto Alegre, situado então na Rua Duque de Caxias, no centro da cidade, certamente estava submetido aos métodos de ensino e aprendizagem prescritos pelas legislações de então, que propunham extensas grades curriculares e enfatizavam proposições centradas nos conteúdos consolidados bastante estaticamente, privilegiando a memória e até certo ponto a capacidade de raciocínio e de criatividade nas matérias que mais o favoreciam. Nas escolas e nos colégios dirigidos pelos jesuítas, aplicando o método de estudo da *Ratio Studiorum*, publicada em 1588, a partir da sistematização do método aprendido pelo grupo de fundadores da Companhia de Jesus que frequentaram as lições na *École de Paris*, posteriormente denominada Universidade de Sorbonne, enfatizavam-se de modo especial as humanidades com exercícios de retórica, de correta e elegante expressão oral e escrita, o estudo das línguas clássicas, especialmente do latim e grego. Mas, não se descuravam a filosofia e as ciências da natureza, propostas em teoria e prática nos laboratórios de física, química, biologia, botânica, geografia, astronomia e matemática. O ensino e a aprendizagem visavam à formação de pessoas capazes de conciliar ciência e fé, numa visão cristã do mundo e da história, oferecendo oportunidades de frequência a boas bibliotecas, a bons campos de esporte para desenvolver simultaneamente as mentes e os corpos, a excursões culturais e a manifestações de sentimentos e convicções religiosas e espirituais, numa matriz exclusivamente católica naqueles tempos em que no Brasil nem se falava em ecumenismo, muito menos em diálogo inter-religioso.

Com este cabedal de conhecimentos e com personalidade moldada no jeito de ser jesuítico, apesar de sua opção vocacional de leigo na Igreja e no mundo, mas inspirado na espiritualidade inaciana, o Prof. Fernando começou sua carreira de magistério no Curso de Admissão, no próprio Colégio em que estudou. Este curso era oferecido aos adolescentes egressos do curso primário, que pretendiam submeter-se, após um ano, ao exame de admissão para ingresso no curso ginásial. Como aos demais professores do Admissão, ao Prof. Fernando era atribuída uma turma de alunos a quem ministrava todas as aulas das matérias componentes do currículo, preparando-os para o exame de admissão. Assim, tinha oportunidade de encontrar-se, de segunda a sábado, com o mesmo grupo de alunos, conhecendo as potencialidades e as dificuldades de cada um e oferecendo acompanhamento pessoal e coletivo no caminho didático e pedagógico nesta fase de transição entre o curso primário e o ginásial. Nisto, ele sempre se saiu muito bem, não alcançando apenas bons resultados, mas granjeando muitos amigos para o resto da vida. Dedicava-se a eles de corpo e alma, diuturnamente, na sala de aula e fora dela, acompanhando-os nos torneios esportivos que se organizavam entre as turmas, nas excursões aos arredores do Colégio, ensinando-lhes a ler e a interpretar o livro da natureza e do meio ambiente, bem como mantendo frutuoso diálogo com seus pais sobre o desenvolvimento e maturação de seus pupilos nos estudos, nas relações interpessoais, na afirmação e consolidação de suas expressões religiosas e espirituais, concomitantemente ao seu progresso intelectual e formativo.

Extinto o Curso de Admissão, com o advento da Lei 5.692 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que alterou a estrutura e o funcionamento das escolas brasileiras, estabelecendo um Currículo por Atividades nas séries iniciais do Primeiro Grau, um Currículo por Áreas de Ensino nas séries finais e um Currículo por Disciplinas nas séries do Segundo Grau, pretendendo oferecer aos alunos experiências de ensino-aprendizagem condizentes com suas faixas etárias e suas capacidades cognitivas, com ênfase em práticas de iniciação profissional e profissionalização, o Prof. Fernando passou a lecionar, primeiramente a Área de Ensino chamada Ciências, que compreendia noções de física, química e biologia. Posteriormente, passou a lecionar a disciplina de Biologia no Segundo Grau, estruturou e organizou o curso de auxiliar-técnico em Museologia, na modalidade de História Natural, não só reaparelhando o Museu, fundado em 1908 por seu mestre e guru Pe. Pio Buck, mas dispondo-o para ser um verdadeiro laboratório de pesquisas e divulgação dos conhecimentos de sua especialidade, habilitando os alunos para esta área importante do saber. Aliás, inspirou-se no Pe. Pio e dele aprendeu muita coisa no campo da coleta, classificação e exposição das diversas peças expostas nas repartições do Museu: entomologia, mineralogia, paleontologia, ornitologia. Herdeiro de parte do Herbário do saudoso Pe. Balduino Rambo, profundo conhecedor da fauna e da flora do Rio Grande do Sul e da fisionomia do seu relevo geográfico, o Prof. Fernando, certamente, deve também a ele o despertar para o gosto do estudo e do amor à natureza, interessando-se desde cedo pela sua preservação, interessando-se pioneiramente pela ecologia, pela preservação da natureza e o cuidado pelo meio ambiente. Tudo isto moldou o saber e a prática pedagógica do Fernando que, com desvelo e esmerada didática, passou para os seus alunos, mais pelo exemplo e atitudes do que por palavras. De tal modo apreciava a natureza e transmitia o seu amor por ela que muitos dos seus alunos encontraram nele um guia seguro para a sua opção vocacional no campo das ciências biológicas, começando cedo a aprendizagem de métodos de pesquisa, partindo do mais universal para o mais particular. Assim, um de seus alunos, ao concluir o curso de segundo grau, escreveu um livro sobre todas as características do peixe Cará, tendo feito exaustivas pesquisas de campo, tendo lido tudo o que fora publicado até então sobre o referido peixe. Naturalmente, inscreveu-se no exame vestibular da Universidade do Rio Grande, única instituição de ensino superior a desenvolver o curso de Oceanografia no Rio Grande do Sul. Hoje, pode ser considerado um cientista especializado nesta área do conhecimento. Educar para valores – descrevendo como valor tudo aquilo que estimamos e nos empenhamos para saber, obter, preservar e testemunhar – pode ser um dos qualificativos perfeitamente aplicáveis ao Prof. Fernando. É o coroamento do processo de educação libertadora que conduz o professor e o aluno a serem sujeitos do seu próprio desenvolvimento e maturidade, habilitando-os a pronunciarem sua própria palavra com autonomia, responsabilidade, criatividade, originalidade, em diálogo e cooperação com os outros, pondo seus conhecimentos e préstimos a serviço dos demais, seus companheiros de jornada.

**Pergunta 4 – Diante dos desafios e diretrizes educacionais propostos pela Pedagogia Inaciana, consideras o Prof. Fernando um colaborador identificado/motivado?**

Resposta: Sem dúvida. O próprio tempo de 46 anos de perseverança na mesma instituição, desempenhando variadas funções no Colégio, com palpáveis sinais de identificação com a proposta educacional e de motivação, é um testemunho eloquente desta certeza.

Tendo passado por diversas reformas do sistema educacional e tendo que adaptar-se a sucessivos métodos de ensino e aprendizagem, pondo em prática as teorias em constante evolução, sob a orientação pedagógica, educacional e religiosa, instituída por força de lei nos estabelecimentos de ensino, Fernando sempre demonstrou disposição para atualizar-se e acompanhar os novos métodos propostos, acreditando que se aprende fazendo. Nunca se mostrou refratário aos novos procedimentos adotados, procurando compreendê-los e valorizá-los, aplicando-os na sua atuação como professor e diretor do Museu. Aprimorou-se no uso dos meios didáticos, desde os mais primitivos do tempo do quadro-negro e giz aos mais sofisticados da moderna tecnologia. Com paciência e maestria, quando outros já se declaravam incapazes e incompetentes para aprender o manejo do computador e das linguagens cibernéticas e digitais, ele os encarou com naturalidade, aprendendo com humildade dos outros mais jovens que ele. Nisso continua progredindo sempre, num exemplar processo de formação permanente.

Quanto à identificação com a proposta da filosofia educacional da Companhia de Jesus e a Pedagogia Inaciana, creio que o Prof. Fernando as absorvia por osmose, porque viveu desde pequeno nesta atmosfera e criou simpatia e sintonia com a mesma. Nesta relação nasceu uma grande amizade com bom número de representantes da Companhia de Jesus que nele viam não apenas o profissional contratado, mas um amigo e um fiel companheiro e colaborador na mesma missão e causa. Sempre que possível comparecia aos cursos e simpósios oferecidos pelo Colégio ou pela Província para manter-se instrumento atualizado, comprometido, consciente e competente, assimilando o lema firmado pelo Pe. Arrupe: *Ser para os outros*.

A partir de 1980 a Companhia de Jesus, com a alocação do Pe. Geral, *Nossos Colégios hoje e amanhã*, repensou a sua pedagogia, num esforço por atualizar os princípios da *Ratio Studiorum*, produzindo um novo documento intitulado *Paradigma da Pedagogia Inaciana – uma proposta prática*. Levando em consideração a pesquisa e a literatura condizente com o carisma e o modo de proceder dos Jesuítas, e esquematizou a nova proposta nos seguintes passos a serem levados em consideração em todo fazer pedagógico de seus Colégios: CONTEXTO – EXPERIÊNCIA – REFLEXÃO – AÇÃO – AVALIAÇÃO.

Com a empatia e o apreço que o Professor Fernando já havia conquistado ao longo de sua carreira, não deve ter sido muito difícil para ele aplicar na sua ação pedagógica o novo método de ensino. Pois, há muito tempo vinha levando em consideração o CONTEXTO em que se situava a sua matéria. A realidade próxima e remota do Planeta Terra, com toda variedade humana, botânica, zoológica e mineral, sempre foi objeto de seus estudos e de seu ensino, valendo-se das técnicas e dos recursos disponíveis para sempre ulteriores aprendizagens. Nunca se contentou com as informações contidas em livros e revistas, mas procurou sempre aproximar-se o mais possível, pela observação *in loco* destas realidades concretas que o encantavam e para as quais orientava os seus alunos.

A EXPERIÊNCIA, naquilo que era possível, sempre foi seu ponto de partida na sala de aula, no museu e no campo. As matérias que lecionou oportunizavam, naturalmente, muitas experiências concretas e significativas. Certamente, sempre levava em consideração a experiência dos próprios aprendizes, mas também aquelas feitas por outros que lhes eram disponibilizadas, dando-lhes acesso aos ricos acervos acumulados ao longo da história da natureza e da humanidade.

Imprescindível também sempre foi levar os alunos à REFLEXÃO. O conhecimento da natureza, o amor e a preservação do meio ambiente, os comportamentos e a utilização dos diversos elementos do cosmos, precisam ser assimilados pela reflexão que aponta as origens, as transformações, as causas, os efeitos e as interpelações que interagem em todas as partes e no todo. É o esforço por levar os alunos a uma visão holística da terra e de sua evolução, estudando as grandes descobertas dos cientistas codificadas nas mais diversas publicações para as quais o Professor Fernando conduz seus alunos, despertando neles uma sadia e prazerosa curiosidade.

Tudo isto não teria muito sentido se não habilitasse os alunos à AÇÃO. Partindo do princípio inaciano de que *o amor se mostra mais em obras do que em palavras*, é evidente que todo o fazer pedagógico em sintonia com a pedagogia inaciana visa às ações transformadoras da realidade física e social da sociedade e do mundo. Creio que o Prof. Fernando, neste aspecto, pode ser visto como um modelo, pois ao longo de toda sua vida de magistério, sempre se esforçou por aliar a teoria à prática, buscando uma práxis em favor do progresso das ciências e do bem-estar da humanidade.

Finalmente, a AVALIAÇÃO, como componente irrenunciável do Paradigma Pedagógico Inaciano, certamente acompanhou sempre a bela e emblemática trajetória docente do Prof. Fernando. Sem ela, não teria chegado aonde chegou com sucesso e grande êxito, prestando assim relevantes serviços nas missões que lhe foram confiadas. Pela sua criatividade e seu espírito de observação dos fenômenos de seu interesse e de sua incumbência, desenvolveu em si e nos outros a ele confiados a dimensão avaliativa, tão importante para aferir não só os resultados de sua ação educativa, mas, especialmente, os processos que levaram aos sucessos ou insucessos.

Finalizando a entrevista, devo dizer que tentei jogar luz sobre os aspectos positivos que abrilhantam a vida e a atuação do Prof. Fernando em relação com sua identificação e motivação na instituição a que pertence há tanto tempo. Possivelmente, vez por outra, se tenham interposto nesta trajetória algumas sombras, como acontece com todas as pessoas humanas. Eventuais conflitos fazem parte de toda instituição onde interagem tantas pessoas. Paulo Freire escreveu um livro sobre *A Pedagogia do Conflito*. A natureza nos ensina que, quanto mais intenso e brilhante é o sol, tanto mais espessas são as sombras por baixo das árvores. Nunca nos devemos fixar somente nelas, deixando de apreciar a luminosidade proveniente do sol, benfazejo e luminoso, clareando muito mais do que as sombras conseguem obscurecer.

Por isso, a imagem que tentei retratar é, antes, um quadro de alto relevo. Ressaltei os pontos salientes que configuram a paisagem ou os personagens. É o alto relevo. Só existe porque em contraste há um baixo relevo, indispensável para realçar o alto relevo, mas irrelevante na interpretação do quadro. Com otimismo e simpatia abstraio do baixo relevo e aponto para o alto relevo que o quadro quer significar.

Roma, 9 de outubro de 2011

Pe. João Roque Rohr, S. J.

## ANEXO - Mensagem de Raul Regadas ao Professor Fernando

### PESSOAS QUE NOS MARCAM

Pessoas entram na sua vida por uma "razão".

Quando alguém entra em sua vida por uma "razão", é geralmente para suprir uma necessidade que você demonstrou. Essas pessoas vêm para auxiliá-lo numa dificuldade, fornecer orientação e apoio, ajudando-o na saúde física, emocional ou espiritual.

Elas poderão parecer como uma dádiva de Deus, e elas são!

Elas estão lá pela razão que você precisa que elas estejam lá. Depois, elas simplesmente se vão. Às vezes elas agem e te forçam a tomar uma posição.

São pessoas que nos marcam profundamente, que sempre serão lembradas durante toda a nossa vida, com muito carinho, com muito amor, pelo que fizeram.

O que devemos entender é que nossas necessidades foram atendidas, nossos desejos preenchidos e o trabalho delas, feito. As suas orações foram atendidas. E agora é tempo de ir em frente, seguir seu caminho.

Querido Amigo, assim nascem os mais fortes e perpétuos relacionamentos de amizade, admiração, carinho, respeito e principalmente, AMOR por um semelhante, por um irmão. Sei que a missão de um professor é ensinar, mas fostes muito além disto, fostes e és um verdadeiro Amigo.

Querido Mestre, agradeço e serei eternamente grato por sua dedicação, pelo seu carinho, pela sua atenção e pelas palavras de conforto e incentivo que recebi quando fui seu aluno no Colégio Anchieta, na 3ª série primária, em 1959.

Um grande abraço.

Raul Fernando Meneghetti Regadas

Os Arcanjos têm a função de trabalhar pelo bem, eles aguçam o pensamento de professores, cientistas, médicos.

"Arcanjo Rafael", significa "cura de Deus" ou "Deus, o que cura".

Esse maravilhoso Ser dedicou, uma parte de sua vida, ao serviço de curas, nos gloriosos Templos de Luz dos planos mais elevados da Perfeição Divina, onde Ele vive.

Suas atividades e irradiações operam por meio de um raio que têm uma delicada cor verde. Todos os professores, médicos, enfermeiros, irmãos de caridade, discípulos e iniciados que, espontaneamente se dispõem a servir o próximo estão, particularmente, sob sua proteção e benção.

**Peço ao Arcanjo Rafael, que:**

- Vosso Espírito e vosso Corpo possam sempre captar a inspiração divina;
- Vossos Sentimentos ajudem a irradiar somente a bondade;
- Vossos Olhos, pela presença de Deus em vosso ser, vejam a perfeição;
- Vossos Ouvidos somente percebam a harmonia da Luz interior, a voz do Mestre e o pedido de auxílio de vossos semelhantes;
- Vossos Lábios somente pronunciem palavras de fé, esperança, confiança e consolo;
- Vossas Mãos sejam usadas para ensinar, curar e ajudar;
- Vosso Coração seja uma taça do Fogo Sagrado e que todo vosso Ser se consagre abnegadamente a serviço do Deus Universal e de seus semelhantes.
- E que assim seja.